Diário de Lisboa

ANO 63.° N.° 21 321
Dezembro 1983
Segunda-feira

5

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Ruínas fumegantes do prédio sobre o qual caiu um dos aviões dos EUA ontem abatidos por forças sírias

O Líbano a ferro e fogo

● Carro armadilhado explode em Beirute: 20 mortos e 84 feridos

● Duelo de artilharia entre sírios e americanos: três aviões abatidos e 8 «marines» mortos

A explosão, esta manhã, de um carro armadilhado num bairro da zona ocidental de Beirute provocou 20 mortos e 84 feridos, engrossando a já longa lista de vítimas dos últimos combates. Ontem, sob o céu de Beirute travou-se um duelo de artilharia entre aviões e a força naval americana, por um lado, e forças sírias e druzas estacionadas nas montanhas que rodeiam a capital libanesa. Durante o «raid» aéreo, no qual participaram 24 aviões, três aparelhos foram abatidos. No ataque de retaliação, oito «marines» foram mortos na zona ocupada pelo contingente americano da força multinacional. Já ao cair da noite, a Marinha americana apontou os seus canhões para as forças druzas de Walid Jumblatt. A ferro e fogo, o Líbano conhece, mais uma vez, a política do «dedo no gatilho».

Págs. Centrais

Adesão de Portugal e Espanha divide os "Dez" em Atenas

Alemães dizem "sim" franceses recusam

O alargamento da Comunidade Económica Europeia à Espanha e Portugal está a contribuir, na Cimeira dos Dez, em Atenas, para cavar a divisão já de si notória por motivos orçamentais e da política agrícola comum.

A cimeira principiou ontem, oficialmente, para se concluir amanhã ao meio dia. Mas, para já, resulta do primeiro dia de trabalhos e em especial de declarações paralelas do porta-voz da delegação francesa e do ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA, que enquanto os franceses insistem em bloquear o alargamento antes de serem ultrapassados todos os problemas agrícolas e orçamentais, os alemães patrocinam abertamente a entrada de Portugal e Espanha invocando, para isso, razões de segurança europeia e a pertença dos dois países ibéricos às estruturas da NATO.

Pág. 14

Cimeira dos «Dez»: na sala de conferências, a RFA (Helmut Khol) senta-se em frente da França (François Mitterrand) – o «sim» e o «não» ao alargamento

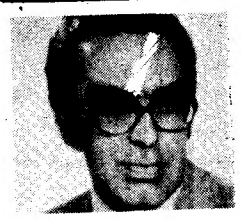
Alvalade: primeiro penalti que ficou no tinteiro

Minuto 48: escândalo em Alvalade, com uma nítida grande penalidade cometida por Carvalho sobre Futre, que o árbitro farense Francisco Silva não assinalou. Depois, rasteira de Brito a Manuel Fernandes igualmente ficaria desconhecida pelo juiz, com todo o solar leonino apenas apaziguado porque Kostov empurraria para a vitória a turma do «leão».

Pág. 15

Crónica de economia política

Cowboys e gerontocratas



Mário Murteira

ENCONTRAVA-ME em Bona, há algumas semanas, no dia das grandes manifestações pacifistas na RFA. Era sábado de manhã e cruzei-me na estação ferroviária, quando partia para Francoforte, com os manifestantes que desembarcavam dos comboios especiais que convergiam nesse dia para a capital alemã ocidental. Por alguns minutos senti-me como personagem de alguma fita de Hitchcock, perdido na multidão que me arrastava no sentido contrário ao meu por escadas e subterrâneos de uma gare ferroviária, fazendo-me perder o contacto com os meus companheiros de viagem, que de quando em vez entrevia à distância, naufragados como eu naquela maré humana, pacífica mas torrencial. Acabei por apanhar o comboio para Francoforte, mas perdi o ponto alto da manifestação.

Na véspera à tarde, ao percorrer as ruas acolhedoras da velha cidade de Bona, sentira no ar qualquer coisa de saudável e novo. Grupos de jovens faziam pequenos comícios, representações teatrais, jogos de mímica e até espectáculos de fantoches. O tema central era a paz e o desarmamento. As pessoas que cruzavam as ruas, como o faziam habitualmente, ficavam envolvidas naquele clima especial, simultaneamente de festa e reflexão, de jogo e debate de ideias e dificilmente poderiam evitar uma tomada de posição. Na Marktplatz, bem cedo no sábado de manhã, muitos e muitos grupos de pessoas, não apenas jovens, começaram a reunir-se tranquilamente, com os seus cartazes e símbolos, coloridos e variados. Notei, por exemplo, os lenços que identificavam as associações confessionais, católicas ou protestantes. Um grupo musical, algo enregelado no frio matinal, começou a ensaiar, a aquecer-se e a aquecer-nos no estrado que dominava a praça.

Estas notas impressionistas visam dar ao leitor, mesmo que muito imperfeitamente, a imagem concreta de um amplo **movimento social** que está em ascensão no chamado mundo desenvolvido. Ao contrário das demonstrações e manifestações de rua que conhecemos entre nós, não são os grandes partidos que enquadram, disciplinam e movimentam as massas. É uma multiplicidade de iniciativas e organizações descentralizadas que convergem nestes movimentos, sem grande (ou nenhuma) coesão ideológica e, muito menos, disciplina organizativa. Daí a sua força e também, noutro sentido, a sua debilidade.

Força que provém da sua energia mobilizadora em momentos críticos, como estes que se atravessam hoje. Debilidade, uma vez que se trata de uma resistência ao «status quo» mais do que de uma proposta afirmativa e precisa dirigida ao exercício do poder político.

Mas convém não extremar o contraste entre um movimento social largamente espontâneo e emocional e um poder político supostamente organizado e racional, mesmo que de uma racionalidade contestável ou diferente da nossa. Nas questões cruciais que o planeta hoje defronta – paz e desarmamento, crise económica, crescente distanciamento entre países pobres e países ricos, crescimento demográfico, degradação do meio ambiente – os poderes políticos, hoje dominantes, das chamadas superpotências, apresentam-se paradoxalmente impotentes, inconsequentes e frouxos. Frouxos até na credibilidade que merecem esses governantes dos seus governados. Entre poderosos «cow-boys» e gerontocratas que desfilam nos «écrans» das nossas televisões, no intervalo das cenas trágicas que por esse meio entram quotidianamente nas nossas casas, há uma imensa diferença de interesses e lógicas de decisão mas há também uma flagrante semelhança de incapacidade para exercer o poder. Incapacidade para exercer o poder ao menos no sentido da solução dos grandes problemas mundiais.

Ou seja: os movimentos sociais afrontam os poderes estabelecidos com a débil arma da forte razão que os anima, enquanto os poderes estabelecidos procuram a débil razão do superarmamento que acumulam.

Claro que é fácil fazer este tipo de considerações, ficando à superfície de problemas tremendamente complexos. Mas, a meu ver, há aqui matéria de reflexão que se impõe à consciência de cada um de nós, cada um de nós cada vez mais forçado a assumir-se como cidadão responsável, responsável perante a sua consciência, antes de sê-lo perante o seu partido, governo ou Estado.

Neste aspecto, julgo justificado ir ao encontro de uma reflexão de Raymond Aron sobre o Estado democrático. A grande, profunda, inestimável virtude da democracia é a possibilidade de sempre se pôr em causa – dentro da legalidade, já se vê – o poder estabelecido. A grande diferença do tempo em que vivemos relativamente ao profético **1984** de George Orwell é exactamente não termos perdido isso, em grande parte (não a maior, é certo) do mundo em que vivemos.

Ainda assim, o poder político democraticamente estabelecido é, como disse, largamente inconsequente e frouxo em questões essenciais. É difícil imaginar como poderá deixar de sê-lo, a menos que a amplitude dos movimentos sociais sobre as questões que referi possa inflecti-lo nos pontos cruciais.

Quando se lê o **Entering the XXI Century – 2000 Report to the President,** encomendado pelo então presidente Carter, salta à vista a estrutural incapacidade do sistema económico e político norte-americano para planear o seu futuro a longo prazo, mesmo em termos de grandes linhas de orientação. Dizer isto dos EUA é, naturalmente, dizer o mesmo do sistema mundial no seu conjunto. Então, se este navega não por rota predeterminada mas por um processo aleatório de navegação à vista, de **trial and error**, experiência e correcção, há ao menos que evitar os erros cruciais e definitivos. Para isto, só a consciência alertada dos cidadãos, por todo o lado onde podem dispor da sua liberdade de expressão, poderá funcionar como alerta derradeiro. Como sucedeu em Bona, há poucas semanas, e noutros sítios na Europa e nos EUA.

Alegando "falta de tempo"

Grupo parlamentar do PSD recusa-se a receber sindicalista de El Salvador

O Grupo Parlamentar do Partido SocialDemocrata «não teve tempo» para receber a dirigente sindical salvadorenha, Cristina Martinez, que a convite da CGTP-IN, se encontra no nosso país. Todos os outros grupos parlamentares concederam uma audiência àquela dirigente sindical, que se deslocou a Portugal para reforçar as relações do Comité de Unidade Sindical de El Salvador com a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional e para expor aos representantes do povo português os atentados aos direitos humanos e sindicais cometidos pelo regime ditatorial daquele país centro-americano.

EM encontro informal com os jornalistas, Ernesto Cartaxo, da Comissão Coordenadora da CGTP-IN revelou que Cristina Martinez havia endereçado um convite à CGTP para se deslocar a El Salvador, convite que a central sindical portuguesa recebeu com muito interesse e agrado.

Cristina Martinez pediu aos jornalistas que endereçassem saudações fraternais dos trabalhadores salvadorenhos aos trabalhadores portugueses e ao povo português em geral.

Aludindo à situação no seu país, Cristina Martinez afirmou que se assiste a uma degradação económica, política e social da vida no país. Neste momento, agrava-se a represão, cada dia mais indiscriminada e sofisticada, contra a as classes desprotegidas.

No plano sindical, regista-se uma evolução combativa, apesar das condições sumamente difíceis em que a vida sindical se vê coagida a decorrer. A partir de 79-80, toda a legislação se dirige contra os interesses dos sindicatos e das classes trabalhadoras. Assim, o Decreto 544 obrigou ao congelamento dos salários e desde 1980 que não se tem registado nenhuma subida dos salários dos trabalhadores, apesar da inflação, que em matérias de bens de consumo popular (arroz, feijão, azeite) chegou a atingir 54%.

A própria guerra das classes dominantes contra as massas salvadorenhas está a ser financiada pela classe trabalhadora, sobrecarregada de impostos e descontos, e que por cada salário recebido tem de pagar um selo fiscal, o qual constitui um autêntico «imposto de guerra». Com os fundos que retêm dos salários dos trabalhadores é que as empresas financiam os grupos terroristas, os bandos de «esquadrões de morte», que são uma instituição generalizada no país.

Para agravar a situação a taxa de desemprego situa-se nos 38,17% da mão-de-obra disponível, percentagem que, em certos casos, afecta entre 60 a 65% dos trabalhadores.

Outro decreto gravoso em extremo é o 296, que proíbe o direito à greve , a organização sindical dos funcionários públicos e que incorpora os trabalhadores nas Forças Armadas, transformando-os em carne para canhão para a repressão sobre as massas nas quais esses mesmos trabalhadores se integram. O Decreto 366 dá cobertura legal às detenções arbitrárias dos dirigentes sindicais. Quando um dirigente sindical é preso, conduzem-no para instalações do exército ou da Guarda Nacional, torturam-no, sequestram-no, fazem-no desaparecer.

Há decretos que dão cobertura legal à militarização dos centros de produção que em muitos casos se transformaram em «quartéis» e em campos de concentração para trabalhadores. Nas fábricas existem destacamentos de 100 ou mais «gorilas» armados de M-16. Estes grupos são apoiados pelas Forças Armadas, pelo governo, pelo Mministério da Defesa e destinam-se evidentemente a dar protecção terrorista aos interesses do patronato.

Nestas condições tão difíceis, como decorre a vida sindical? Cristina Martinez esclarece que a vida individual de cada dirigente sindical é passada na semiclandestinidade: o trabalho sindical tem dois aspectos, e é nesses dois aspectos que a acção dos sindicatos tem florescido, apesar de tudo. Os dirigentes sindicais vêem-se obrigados a passar cada noite em local diferente, iludindo as forças repressivas oficiais e os grupos terroristas pára legais. Ser dirigente sindical em El Salvador, hoje, equivale na prática a abandonar a casa, os filhos, a vida normal a que todo o cidadão aspira e à qual tem direito. O trabalho sindical é um constante risco de vida. Tanto mais que nenhuma sede sindical está de pé. Todos os locais onde anteriormente funcionavam estruturas sindicais foram destruídos, saqueados, assaltados, encerrados.

Na Imprensa a vida sindical não tem qualquer eco, pois os meios de Comunicação Social estão ao serviço exclusivo das classes dominantes.

Unidade Sindical

Apesar de tudo, cresce o nível de consciencialização sindical dos trabalhadores salvadorenhos. Isso explica que, em condições tão difíceis como as que descrevemos, tenha sido criada a Comissão de Unidade Sindical de El Salvador — CUSS — que é uma comissão coordenadora entre as diferentes federações dos mais diversos sectores de actividade e de diferentes conteúdos políticos. Trata-se assim da expressão máxima de unidade da classe trabalhadora salvadorenha contra o patronato.

Nesta comissão estão inscritas a Federação Sindical Revolucionária na qual se integram 35 mil trabalhadores, além de muitas outras, pelo que a CUSS se pode dizer a mais ampla expressão da luta sindical no país.

No dia 1 de Maio deste ano de 1983, as ruas de El Salvador encheram-se de forças repressivas para impedirem qualquer mobilização dos trabalhadores. Isso não obstou a que, por convocatória, se reunissem 300 representantes de todas as federações, centrais e sindicatos englobados na comissão unitária. Esta reunião, celebrada em rigorosa clandestinidade, constituiu um êxito tanto mais que a amplitude da acção sindical se alargou com a colaboração de outra forma organizativa de trabalhadores, MUSIGES (representativa das «profissões liberais»). Nessa reunião foi decidido: exigir ao Governo 1 — a revogação de todos os decretos anti-sindicais; 2 — a libertação imediata de todos os presos políticos e sindicais; 3 — a baixa dos custos dos transportes e dos produtos básicos; 4 — assistência médica e hospitalar e seguro social para todos; 5 — restituição das universidades aos que legitimamente têm direito de as ocupar e de fruir delas.

A resposta das autoridades foi simplesmente a intensificação da repressão: cinco dirigentes sindicais foram assassinados no dia 27 de Setembro, e 19 desapareceram, depois de presos, sem que se tenham tido mais notícias sobre o seu paradeiro.

Neste momento em que se fala abertamente de um provável golpe de Estado, como um prelúdio à intervenção militar directa dos EUA em El Salvador, o povo salvadorenho precisa, mais do que nunca, da solidariedade internacional.

As Honduras e a Guatemala estão a armar-se até aos dentes, a agressiva organização CONDECA está em vias de reanimação, e o exército salvadorenho não hesita em lançar bombas de **napalm** sobre as suas próprias populações, como num caso ocorrido em Setembro e que causou 200 mortos entre civis...

A missão de Cristina Martinez no nosso país é simples: informar e solicitar que Portugal envie delegações (sindicais, parlamentares, etc.) a El Salvador que possam dar-se conta **in loco** e ao vivo do que se passa naquele país centro-americano em matéria de direitos humanos.

Mas quem cura de direitos humanos? Quem cura de se informar? O exemplo dado pelo PSD, partido da coligação governamental, é lamentável: a falta de tempo de alguns políticos portugueses é realmente confrangedora...

A. N.

Haverá um assassino dentro do nosso cérebro?

O hemisfério esquerdo do cérebro humano seria, ao que parece, o responsável por todos os actos de violência gerados pelo homem e quiçá, a causa por que um chefe de Estado venha a pôr um dia em marcha um holocausto nuclear.

O professor Michele Trimarchi, director do Centro de Estudos da Evolução Humana – CEU – declarou à IPS, em Roma, que uma vez mais tinha alertado as Nações Unidas para este factor individual, a fim de que sejam activados a nível mundial, os estudos sobre a fisiologia cerebral conducentes a pôr cobro à violência.

As investigações do «CEU» baseiam-se numa crítica radical dos actuais métodos da medicina, dispersos em centenas de especializações, os quais perderam de vista o objectivo original para que àponta esta ciência.

«Antes da existência dum fígado, dum coração ou de um estômago doente, existe um homem, e é a este sujeito único que deve dirigir-se toda a atenção global da ciência médica», afirmou Trimarchi.

O director do «CEU» participou há poucos dias em Veneza num congresso sobre «A Nova Ética do Médico», onde foi posto em evidência que um modesto computador poderia substituir o médico na sua quotidiana prática ambulatória, o qual passa receitas guiando-se apenas pelos vagos sintomas descritos pelo paciente.

Segundo os estudiosos do «CEU», não obstante a desenfreada especialização verificada nas últimas décadas, o cérebro humano permaneceu inexplorado e sabe-se muito pouco sobre o seu funcionamento.

«Cada um de nós tem na sua caixa craniana um computador muito mais potente do que aqueles que enviam as naves espaciais para a Lua, mas o mal é que nós utilizamos uma ínfima parte deste prodigioso instrumento», explicou Trimarchi.

Acrescentou que a Natureza, ao contrário dos homens, é comovedorante democrática ao conceder os seus dons, porque de facto não existem «a priori», estúpidos ou inteligentes, e até o menos dotado pode mostrar ideias geniais.

Para Trimarchi, é necessário actuar no processo de crescimento da criança para desenvolver o seu cérebro e levá-lo à plena disponibilidade das suas faculdades.

O especialista indicou que o hemisfério esquerdo funciona com base num mecanismo de estímulo-resposta que permite ao homem a interacção com o ambiente externo: «Pela sua natureza, esta parte do cérebro, na sua ligação com os outros seres humanos, tende para a supremacia, não aceita derrotas, quer dominar sempre...».

Felizmente, existe o hemisfério direito, que actua como um travão à agressividade, gera acções criativas e promove o respeito do homem para com os seus semelhantes.

Segundo Trimarchi, o mesmo mecanismo que estimula os indivíduos à violênca, funciona também para os órgãos colectivos, como os Estados nacionais.

«Há que desarmar, por incrível que pareça, o 'imperialismo', para desactivar, inclusive, as bombas nucleares», afirmou.

Os cientistas do «CEU» estão convencidos de em consequência duma educação equívoca, são os mesmos indivíduos que armam o assassino «que todos trazemos dentro de nós».

«É um computador (o cérebro) que, quando recebe a informação equívoca, põe em marcha um mecanismo de defesa que, neste caso, se transforma em agressividade. Com base nesta chave, até o poder pode ser interpretado como um mecanismo biológico: é a defesa suprema de tudo aquilo que o cérebro-computador memorizou e elaborou equivocamente», disse.

Finalmente, Trimarchi concluiu dizendo que, «se no decurso da sua delirante história desde Caim até Adolfo Hitler, o hemisfério esquerdo pode actuar como um terrorista anónimo, agora conseguimos identificá-lo e podemos adoptar medidas de segurança».

Segundo os membros do «CEU» estas medidas constam dum programa que enviaram às Nações Unidas e sobre o qual numerosos governos solicitaram informação e possibilidade de colaborar. (Por Eduardo da Forno, da IPS)

política de A a Z

Nem sensibilidade, nem previsão

NO dia 29 de Novembro, quando, no decorrer de uma cerimónia de explicações e de desagravo, o general Amadeu Garcia dos Santos, «capitão de Abril», relacionava o «caso da exoneração do CEME» com o facto de se verificar «em grande parte dos nossos principais responsáveis políticos uma enorme carência de sensibilidade para o tratamento de matérias de índole militar», não estavam esquecidas as moles palavras do ministro da Defesa Nacional proferidas na Assembleia da República para justificar os encargos militares, nem se podiam prever as embaraçadas justificações que prestou, aos entrevistadores Margarida Marante e José Antóno Saraiva, na «Primeira Página» do «Canal 1» da RTP.

Nem tal, em boa verdade, era necessário. O «civilismo» de responsáveis políticos que durante anos e anos apelaram para os militares, ou que se confundiram com todas as veleidades «putschistas», traduz, muito mais do que falta de sensibilidade, um projecto político de subordinação de «militares de Abril» a outros militares, de substituição dos «ideais de Abril» por uma ideologia favorável ao «regresso» e à «restauração».

Os «militares de Abril», na medida em que souberam reencontrar-se para, na **diferença** *entre Abril e Novembro, ganharem a consciência dos vectores de unidade, da vantagem do contacto, da necessidade do diálogo, tornaram-se incómodos para uma parte da «classe política». Não é criticável – como generosamente anotou o general Garcia dos Santos –, para os civis, o desconhecimento do que há de diferente e de específico na grei militar. Mas é censurável que, à revelia dos militares, e em desafio arrogante e insensato aos «militares de Abril», se ponha em causa o perfil de um general «capitão de Abril» que, no exercício das altas funções do CEME, deu provas suficientes de isenção política, de aprumo moral, de equilíbrio na chefia, de competência profissional.*

O elogio que, ao conferir-lhe a grã-cruz da Ordem Militar de Cristo, dele traçou o Presidente da República, general Ramalho Eanes, foi muito além da camaradagem e do que é protocolar, representou uma reparação e um acto de justiça: «A acção que soube conduzir no Exército, o trabalho que foi por si realizado são, para todos os verdadeiros militares provas de dignidade, empenhamento, lucidez e eficácia. A difícil gestão do Exército ganhou, sob a sua direcção, novo dinamismo e maior eficiência...» O Governo, na pessoa dos seus co-responsáveis Primeiro-Ministro e Vice-Primeiro-Ministro e ministro da Defesa Nacional, não terá ficado honrosamente colocado. A ideia de que – de algum modo – se pretende controlar a Instituição Militar encontrou novos motivos para ser apresentada como um dos desígnios do Poder.

Um «caso Garcia dos Santos» pode, com efeito, ser interpretado, na ausência de explicações claras e após as embrulhadas justificações do ministro Mota Pinto, como um passo mais no caminho de um imprudente afrontamento institucional. Porque, como era previsível, e o curso dos acontecimentos tornou patente, com o Presidente da República, e com o CEME, foi desconsiderada a hierarquia do Exército e agravado o Exército como «corpo» e como «instituição».

Ninguém, nas Forças Armadas, recusa razão ao general Garcia dos Santos quando afirma: «Não se percebe, pois, que o Governo apresente antecipadamente aquela proposta sem que tenha razões muito fortes e muito claras para o fazer.

Isso porém não acontece, ou pelo menos nunca é esclarecido, e as razões que são invocadas e que são referidas, quer publicamente quer a mim próprio, baseiam-se apenas no facto de o Conselho de Ministros, por unanimidade, ter considerado que existiam, no Exército, generais com mais perfil do que eu para o desempenho das funções de CEME. E apesar de o ter solicitado de imediato, nunca me foi explicado, nem ao Exército, qual o entendimento em que é ou foi tida a noção de perfil de um general e porque do próprio CEME.»

As pessoas que acompnharam o «caso Garcia dos Santos» e não são insensíveis aos aspectos específicos da Instituição Militar, não podem deixar de considerar que o general tem bons motivos para declarar: «A inconsistência destas razões, acrescida da sua não clarificação, tornam possíveis todas as congeminações elaboradas pelas mais diversas origens de interesses e com as mais variadas (e por vezes encobertas) intenções. E os prejuízos que delas resultam recairão, natural e inevitavelmente, sobre a própria Instituição Militar, afectando sem dúvida, também, o relacionamento desta Instituição com o poder político».

Mais grave ainda é ter resultado desta triste questão, a impressão de que o Governo não respeita a independência ético-política das Forças Armadas, e que, a pretexto de um conceito (legítimo) de supremacia do Poder Civil, é seu intuito restringir a autonomia da Instituição Militar, interferindo, politicamente, no processo interno de promoção das chefias segundo critérios específicos. As referências ao exame do «perfil» dos generais pelo Conselho de Ministros abre uma porta a arbítrios e intromissões partidárias, implica um risco de partidarização das hierarquias dos três ramos das Forças Armadas.

Não oferece dúvidas que os dirigentes dos partidos que constituem a «coligação» governamental têm uma política em relação às Forças Armadas que é a consequência de uma atitude de desconfiança e da «falta de sensibilidade» a que se referiu o general Garcia dos Santos. O PSD indo buscar o general Soares Carneiro – de que o professor Mota Pinto foi mandatário – para candidato à Presidência da República; o PS não conseguindo definir as suas relações com os «militares de Abril» e criando, pela mão e pela voz de Mário Soares, desnecessários atritos; parecem interessados em fazer do «civilismo democrático» uma bandeira antimilitar e anti-Abril.

Declarações recentes de duvidosa inspiração e oportunidade, a desastrada designação de uma «Comissão de Honra» para as Comemorações Nacionais do 10.º Aniversário da Revolução de Abril, as dificuldades do relacionamento entre o Governo e a Associação 25 de Abril, são indicações de uma crise político-militar de consequências imprevisíveis.

No dia 1 de Dezembro, em Óbidos, na comemoração de uma das etapas do movimento revolucionário que libertou Portugal da longa e afrontosa tirania, o major Vasco Lourenço afirmou com grande firmeza que os «militares de Abril» pretendem que as comemorações do 10.º aniversário do «25 de Abril»: «sejam parte da luta constante, de que nós não desistimos, pela transformação de Portugal num país de autêntica liberdade, de progresso e de verdadeira justiça social.»

Não se arrogam, os «militares de Abril», a propriedade da «Revolução de 25 de Abril», mas estão conscientes de que organizaram, desencadearam e venceram a **acção libertadora.** *Estão conscientes do seu papel histórico, e da responsabilidade histórica que contraíram, como criadores das condições que permitem a construção da Democracia.*

Consequentemente, nas palavras de Vasco Lourenço, a dura invocação do provérbio – «cria fama e deita-te a dormir» –, deverá ser entendida como uma censura directa e uma advertência magoadamente proferida. A desconfiança em relação aos «militares de Abril» e a política de afrontamento institucional, a liquidação pressurosa do Conselho da Revolução e o afastamento de um general que com o Conselho da Revolução se identificava, são aspectos dessa falta de sensibilidade e de uma grande falta de capacidade de previsão política.

O «civilismo» proclamado abrindo as portas ao consentido «restauracionismo».

Teoria e prática do Direito – a importância da literatura jurídica

Alfredo Miranda

A aplicação do Direito pressupõe da parte dos principais intervenientes uma cultura jurídica obtida nas Escolas de Direito. Esta cultura teórica, dado o nosso sistema de ensino, é por si só insuficiente para garantir uma capacidade de intervenção na prática jurídica. Daí que o exercício das profissões jurídicas — juiz, delegado do Ministério Público, notário, advogado — seja necessariamente antecedido de estágios mais ou menos longos e mais ou menos complexos. A existência destes estágios porém, não justifica nem desculpa que as Faculdades de Direito se interessem tão pouco pela prática judiciária. Esse desinteresse é pedagogicamente censurável e, em relação a alguns ramos do Direito, designadamente o Processo Civil e o Processo Penal, a falta de ligação da teoria à prática constitui um grave erro pedagógico. É certo que o conhecimento da doutrina portuguesa e estrangeira e do Direito Comparado, é importe. Mas, se tal conhecimento não for aferido com a prática dos Tribunais portugueses, esse ensino fica completamente cortado da realidade.

O Direito é uma disciplina essencialmente voltada para a vida prática. Os conceitos e os institutos jurídicos não podem ser construções abstractas desligadas dos factos sociais que se destinam a regular. É necessário ter sempre presente que a regulamentação jurídica se reflecte no dia a dia daqueles que têm fome e sede de justiça e não se vêem saciados.

O contributo da teoria para uma boa aplicação da justiça pode ser essencial. A prática não pode ser conscientemente exercida sem o apoio de uma literatura Jurídica que acompanhe o desenvolvimento científico do Direito, o fluir da legislação e das resoluções jurisprudenciais.

A literatura jurídica portuguesa, com frequência, oscila entre os estudos teóricos, academicamente perfeitos, mas de escassa ou nula influência na prática jurídica, e os estudos práticos casuísticos, frequentemente não utilizáveis para além do caso em função do qual foram escritos.

A produção da literatura jurídica portuguesa é limitada por dificuldades várias. O docente universitário sobrecarregado com aulas e exames, mal pago, vendo-se obrigado a acumular outras actividades profissionais, não tem disponibilidade para escrever. Com frequência limita-se a produzir as obras teóricas necessárias para as provas académicas que os diferentes estádios da carreira docente lhe impõem. Os juristas práticos, não dispondo de apoio de actualizadas e bem fornecidas bibliotecas, dedicam-se com frequência à publicação de articulados e outras peças processuais ou à publicação de textos legais anotados. Com frequência, estas duas espécies de literatura jurídica apresentam-se divorciadas e ignorando-se mutuamente como se a teoria não fosse essencial à prática, e como se os teóricos pudessem dar-se ao luxo de ignorar a vida prática do Direito.

Terá que ser necessariamente assim?

É óbvio que não. A literatura jurídica portuguesa oferece bons exemplos de que é possível o aprofundamento científico das questões sem perder de vista as suas implicações práticas, bem como uma análise da prática que faça ressaltar os aspectos teóricos mais relevantes.

Tomemos dois exemplos da nossa literatura jurídica recente: a obra do dr. Gomes Canotilho sobre a Constituição Dirigente e o livro do dr. Adélio André sobre o Processo Penal.

A tese de doutoramento do prof. Joaquim Gomes Canotilho, «Constituição Dirigente e Vinculação do Legislador», que tem como subtítulo «Contributo para a Compreensão das Normas Constitucionais Programáticas», é um excelente exemplo duma obra de grande nível científico, cujo autor foi capaz, de maneira notavelmente lúcida, de retirar dos seus estudos tanto as consequências teóricas como práticas. As implicações deste estudo e a sua influência no desenvolvimento do Direito Público português e em especial do Constitucional levarão com certeza algum tempo a efectivar-se. A linguagem científica rigorosa, o recurso aos conceitos pouco familiares ao jurista, provindos da Semiótica e da Lógica Deôntica, tornam difícil uma primeira abordagem do texto. A pouco e pouco, porém, a sua leitura abre novos horizontes ao jurista prático e constitui um desafio à sua imaginação. É uma obra que força o leitor não especialista na matéria a ultrapassar as suas limitações, despertando nele o desejo de compreensão e alargamento da sua cultura jurídica, ao mesmo tempo que lhe aponta pistas para a integração do discurso jurídico num âmbito mais amplo.

Gomes Canotilho arrasta o leitor para alturas teóricas que lhe permitem adquirir uma nova visão da prática. As teses que constituem a parte final do livro constituem sínteses de formulação literariamente perfeita e de rigor inigualável, valendo a pena recordar algumas delas:

«A exigência da racionalidade do discurso jurídico deve separar-se das tradicionais 'anti-ideologia» e neutralidade do direito, para se assumir como racionalidade de um Estado de Direito Democrático e Constitucional».

«A concretização das imposições constitucionais é, no plano jurídico, um processo e não um acto, é uma sequência de actualização e não um «estampido» isolado; no plano político ela é uma luta democrática quotidianamente renovada no sentido de realização dos fins e tarefas constitucionais».

«A igualdade de oportunidades assenta na eliminação das desigualdades fácticas (sociais, económicas e culturais) a fim de se assegurar a igualdade jurídica».

Estas simples citações mostram, quanto a nós, como é possível fazer uma investigação profunda de grande valor científico, sem perder a noção do mundo em que o investigador se insere, tendo presente a sociedade, palco de controvérsias políticas e de lutas de interesses, como realidade dialéctica. Consideramos esta tese como instrumento de trabalho teórico fundamental que não poderá ser ignorado pela prática, nomeadamente da jurisprudência constitucional que, recorde-se, não é apenas a do Tribunal Constitucional, uma vez que todos os Tribunais são competentes para conhecer da constitucionalidade ou inconstitucionalidade das leis, devendo recusar aplicar aquelas que consideram inconstitucionais.

Não é obra de leitura fácil, repete-se, mas o esforço para a ler é compensador e oferece ao leitor estímulo e novas perspectivas para o entendimento, não só do Direito Constitucional, mas da ordem jurídica em geral.

Um exemplo da literatura jurídica produzida por um prático do Direito, o dr. Adélio André, é o seu «Manual de Processo Penal». Se é certo que o título é demasiado amplo, o subtítulo «Procedimento Introdutório» delimita perfeitamente o conteúdo da obra.

A inserção desta obra na literatura jurídica faz-se evidentemente num campo epistemológico diferente daquele que anteriormente referimos. A obra de Gomes Canotilho é simultaneamente uma ruptura e um avanço científico, cuja influência se irá verificar, porém, só na prática jurisprudencial do futuro.

A. André inversamente parte da prática intensamente vivida e reflectida do quotidiano dos Tribunais, e visa corresponder a necessidades sentidas no imediato. A sua preocupação é pedagógica, assentando não só num conhecimento de todos os meandros do processo, como num conhecimento rigoroso e sério das questões teóricas fundamentais. É um livro complexo para o qual o autor transportou toda a sua riquíssima experiência, e onde consegue de forma notável, dar uma síntese do Processo Penal português tal como ele se vive e trabalha. O livro consegue dar ao leitor ao mesmo tempo, a visão rápida das questões teóricas fundamentais, com a indicação das orientações doutrinárias e jurisprudenciais, fundamentais, e simultaneamente fornecer um conjunto de elementos práticos que servem de apoio ao jovem jurista. A capacidade de síntese, a referência oportuna e correcta, em notas sintéticas, o estilo claro e incisivo, tornam a utilização do livro muito fácil.

O prático do Processo Penal encontrará nele um útil instrumento de trabalho que não deixará de lhe fornecer ao mesmo tempo, os elementos teóricos e as pistas de estudo actualizadas e que servirão para superar o casuísmo em que se resolve a segunda parte do livro.

A referência a estas duas obras de objectivos, estilos e utilização tão diferente, tem por fim recordar que a cultura e a prática jurídica não podem assentar só, ou nas obras de especulação teórica, desligadas da problemática e das vivências da administração da Justiça neste país, mas também não se pode contentar com a mesma reprodução das alegações e acórdãos jurisprudenciais.

O discurso jurídico é produzido a vários níveis, mas aqui e agora, ele tem que assentar numa necessidade de modernização, por um lado, e num conhecimento das realidades concretas, por outro. A formação do jurista tem de dar-lhe a capacidade de seguir e criticar o discurso jurídico meto-

Continua na pág. 4

Centralismo municipal/(in)acção descontínua

Toponímia e urbanismo rodoviário (2)

Deixamos para posterior referência as prometidas notas de roda pé de (2) a (4), conforme nosso anterior artigo **(n.º 1),** de 29 e iniciamos o de hoje figurando uma planta parcial (s/escala mas proporcionada) do Central Campus da Universidade de Michigan, de Ann Arbor, EUA. Ann Arbor, nome de baptismo da cidade (*ca* de 67 mil habitantes, em 1966, *ca* de 30 mil estudantes no período lectivo) deriva do nome próprio Ann, comum, das esposas de dois pioneiros colonizadores, que, enquanto seus maridos «pionavam», costuravam sentadas num tronco de árvore (arbor). A Univ. fundada em 1817 em Detroit, foi transferida para Ann Arbor em 1837, c/*ca* de 16 hectares disponíveis para construções. A faculdade começou com 2 membros, alunos eram 7. Hoje (assim como em 1966, quando ali estivemos) além de energia atómica, jornalismo, ciências políticas e a maioria dos cursos clássicos, é sede do Instituto para Pesquisa Sociológica.

Os dois eixos toponímicos, a que anteriormente nos referimos, são constituídos para toda a cidade, pela Main Street (Rua Principal, algo à esquerda da planta – a Oeste) que se desenvolve Sul/Norte e pela Huron Street, Oeste/Este como se vê.

Seguidamente, as notas de rodapé em falta.

(2) – **A propósito de grandes vias de comunicação.** Anotaremos que nos EUA, pelo menos no trajecto automóvel (Ago. 66 num Buick compacto de Joe Huber, nosso camarada – «boarder», só refeições – do Cooperative Council em que nos hospedámos – «roomer», pensão completa) de Detroit a New York (Terrytown, mais propriamente), passando, pelo Canadá, para Niagara Falls e depois Bufalo (Estado de N.Y.) e Albany (sua capital), há auto-estradas (highways e expressways) de apenas um sentido da circulação. Em troços onde a largura dos 2 «sentidos» de tráfego, por acidentes do terreno ou outros obstáculos (um cineteatro como o Monumental de Lisboa que interessasse preservar ou dois mamarrachos-torres com a altura das projectadas gémeas do Tejo), excede as possibilidades de implantação, então os dois «sentidos» separam-se, invisíveis um dos outro, durante quilómetros. Assim, pois, no rigor do termo, cada «sentido», isolado, torna-se nessas secções «artéria» ou «grande artéria».

Outro tipo de «highways-/expessways» que percorremos em Set. 80, pequena parte do trajecto New Rochelle (a norte de Manhattan, a *ca* de uma hora de comboio) a Morristown (Estado de New Jersey) compõe-se, num dos sentidos: uma faixa de relva para estacionamento de recurso ou de emergência, uma faixa de rodagem e um separador; depois uma faixa de relva, duas faixas de rodagem e um separador; depois uma faixa de relva, três faixas de rodagem e um separador; por último, faixa de relva, quatro faixas de rodagem e um separador que consideraríamos principal ou primário, para lá do qual se contém, para o sentido oposto, um esquema idêntico de faixas das duas variedades e de igual número de separadores, estes que consideraríamos secundários. Parece espanholada... Ao todo, pois 10 faixas de rodagem num sentido e mais 10 no outro.

É claro que a extensão, em largura, desta associação de estradas distintas, que ali, por conveniência, se dispuseram tangencialmente, se desfaz em poucos quilómetros, cada uma (de uma, duas ou três faixas de rodagem) desviando-se, a seu tempo, para o seu destino. Desligando-se, pois, a que percorremos (de 4 faixas) e a sua oposta, desse conjunto imenso. Viajávamos (minha mulher e nós) no Toyota de mudanças automáticas de Cristina D'Andrade, que amavelmente no-lo cedera para a digressão, simultaneamente útil e turística.

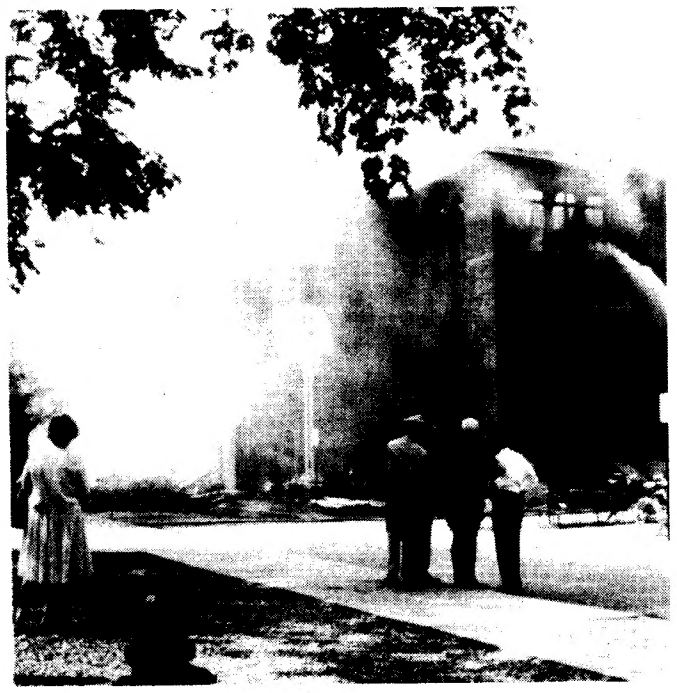
(3) – De **tecido urbano,** a imagem é tanto antropomórfica como industrial ou caseira; tecido composto de **células** (eis nova aproximação à biologia, como se uma cidade ou uma vila fosse um corpo vivo e não um «corpo» ou um «sistema» onde se vive) ou de **malhas** (igualmente estampa industrial ou caseira); **tecido** de fiação ou tecelagem, ou, domesticamente, pano ou trapo. Células, na urbanização da parte oriental da cidade (Olivais e «Chelas») persistiu em Olivais-Norte (célula «A» de toda a planificação) e em Olivais-Sul de «B» a «G» (ao todo 6, aqui). Em «Chelas» adoptaram-se **malhas** e **zonas,** células ali não, devido provavelmente a conotação comunista (ou capitalista?) do termo e em que apressada e inadvertidamente se havia caído.

(4) – **A propósito de «Imperial».** Como se terá notado, muito da terminologia de planificação do Plano Director (de urbanização) de Lisboa, de 1967, está sobrecarregada de excessos vocabulares (quanto a nós semanticamente insatisfatórios), de resto como se julgou dever competir a um período «ideológico» (Autoritário e totalitário) que antecedeu de meio século o 25. Abr.74. O movimento corporativo/nacionalista, quanto a nós não vinculou, como terá desejado, a necessária coesão patriótica e a essencial unificação de interesses colectivos e generalizados de desenvolvimento, de progresso e de adaptação às novas correntes históricas. Teremos, pois, de aguardar que o punho esquerdo cerrado, marxista e erguido do dr. Mário Soares que, no 1.º de Maio de 74, bradava, ao lado do dr. Álvaro Cunhal, «abaixo o capitalismo» se configure ou adapte, depois de cumprida a promissora fase da iniciativa privada para a banca, os seguros, cimentos, adubos, etc., etc., a novas formas políticas ou ideológicas, expressiva e historicamente realistas e cabal e portuguesmente coerentes e contemporâneas.

Aos termos de triunfal, monumental e de prestígio, havia-se juntado, certo dia, mais um. Deste, soubemos cerca de 1962, de Carlos Selvagem (oficial-general Carlos Afonso dos Santos), em sua casa, em visita que lhe fizemos (a ele e sua esposa), nós e nossa tia Maria Joana Pery de Lind (nora do falecido governador de Manica e Sofala e da Companhia Magestática de Moçambique, que deu o nome à vila e à Rua de Vila Pery em Olivais-Sul), que fora ele (Carlos Selvagem) e Henrique Galvão (já nessa data, homem perdido, como nos afirmou, e de quem, tendo sido amigo, já se afastara) que propuseram ás altas instâncias, políticas do país, essa expressão, para nós perfeitamente na linha de progresso e desenvolvimento palavroso, politicamente oportuna, ter-se-á admitido, mas historicamente insensata: a de Império Colonial!

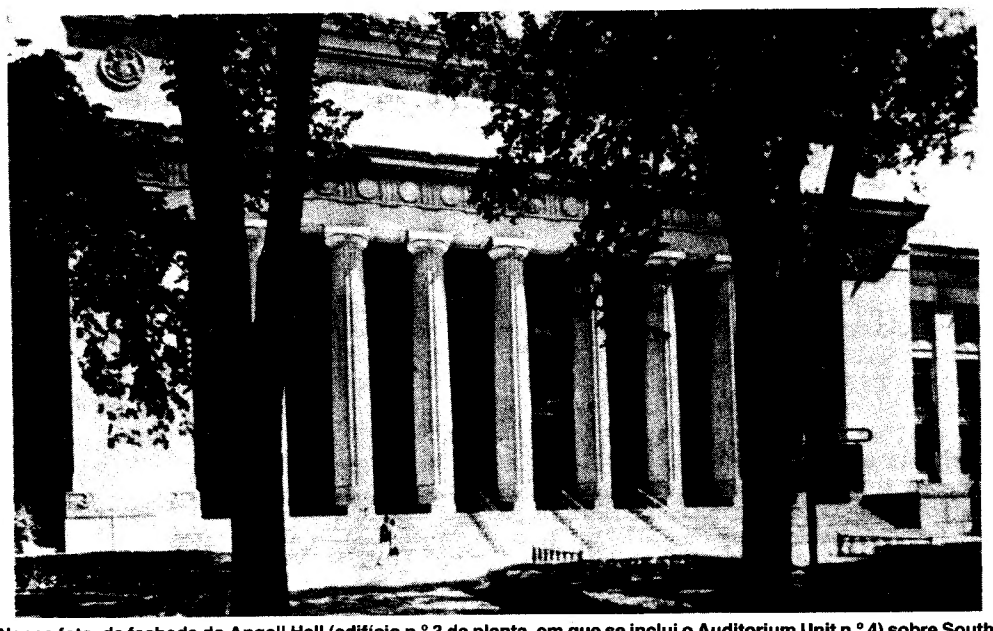
(continua)

R. Toulson A. Leite

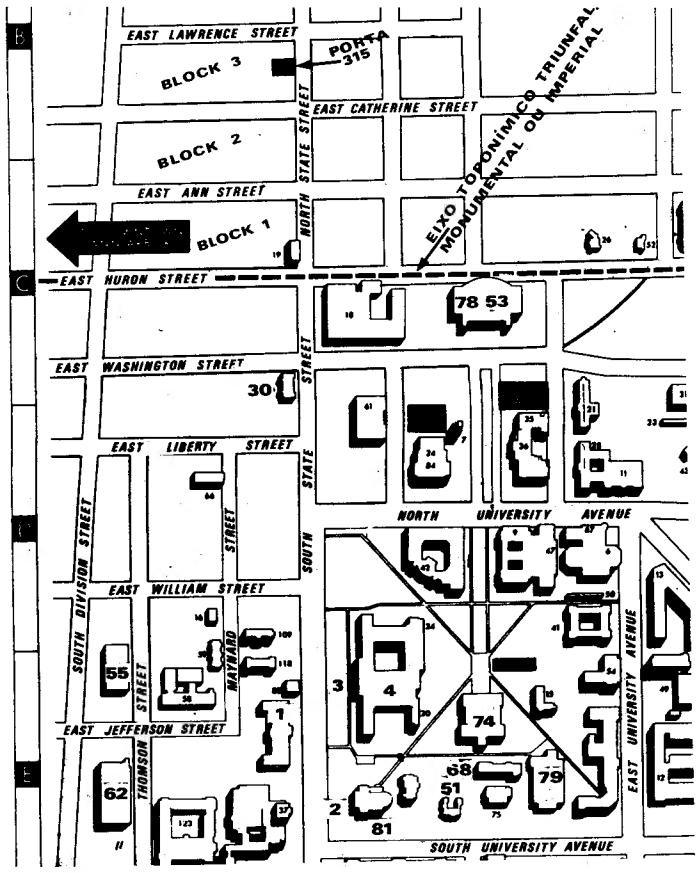


Nossa foto, do edifício de «Física» (n.º 68 da planta) que na manhã de 22.Jul.66 ardeu por completo, mas que se encontrava já em demolição (havia sido construído em 1888 e era a 2.ª mais velha instalação edificada de ensino da Universidade)

O actual conjunto de Física e Astronomia, em gravura que amavelmente nos foi facultada pelo dr. F. Simões Casimiro, do Instituto Nacional de Estatística, de Lisboa, que neste Verão de 1983 frequentou, no Instituto para Pesquisa Social (Institute for Social Research) um «Programa de Formação sobre Inquéritos»



Nossa foto, da fachada do Angell Hall (edifício n.º 3 da planta, em que se inclui o Auditorium Unit n.º 4) sobre South State Street, acesso que diriamente utilizámos. Repare-se no dístico à direita aplicado a um postalete, que indentifica o edifício



Parte da planta do Central Campus da Univ. de Michigan, de Ann Arbor, com exemplificação toponímica. Figura-se um dos eixos que é a Huron Street (Huron é o rio que banha a cidade e passa próximo, a Norte da planta). Repare-se que a Norte do eixo na State Street esta toma o nome de North State Street. A moradia que habitámos, com estudantes de outros cursos, localiza-se no 3.º quarteirão (block), acima do eixo. O número de porta é o 15 na sequência numérica ímpar desde Huron Street. Por isso, o 3 de 315 indica localizar-se a morada nesse 3.º block.
Legenda para alguns dos edifícios numerados: 1 – Administração, 2 – Alumni Memorial Hall, 3 – Angell Hall, 4 – Angell Auditorium Unit (frequentámos aqui cadeira «Introdução a Pesquisa por Inquérito» I e II, 64 horas de aulas teóricas, com mais 130/140 alunos), 30 – Lane Hall (32 horas de aulas teóricas de Análise de Dados de Inquérito e 32 horas de aulas de Métodos de Inquérito por Amostragem), 51 – President's House (casa do reitor), 53 – Rackham Building (sala de concertos, ali ouvimos por ex. Alfred Brendell), 55 – Instituto para Pesquisa Social, 62 – Parque automóvel em altura (há outros), 68 – Física, 74 – Biblioteca Geral, 78 – Michingan Historical Collections, 79 – Moderna e atraente Biblioteca Undergraduate (pré-licenciatura que habitualmente utilizámos – os livros consultados como nas outras bibliotecas (há ca 20), são deixados sobre as mesas individuais para se evitar serem mal- arrumados nas estantes espalhadas e distribuídas consoante os assuntos pelos diversos salões; no topo do edifício, sala de cinema, c/sessões semanais de temas técnicos e científicos, 81 – Museu de Arte. A título de curiosidade: nos intervalos das aulas, alguns de nós saíamos para o exterior do edifício, frente à casa do reitor (em 51), na parte reentrante, ajardinada, do auditório 4. Certo dia, em conversa em que tomava parte activa Odinge Odera, jornalista negro do Quénia, redactor do «East África Journal» diz-nos (em Jul./Ago.66): «Dentro de cinco anos as colónias portuguesas de África são Estados independentes!» Falhou nos prazos mas não na meteorologia dos ventos da História.

Teoria e prática do Direito

Continuação da pág. 3

dologicamente rigoroso e crítico de um Gomes Canotilho e a informação prática contida num trabalho como o de Adélio André.

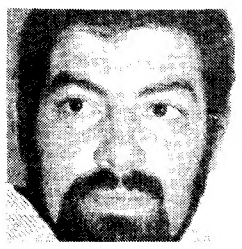
São dois níveis de linguagem diferentes, dois discursos diferentes, mas os práticos e os académicos que deliberadamente ignorarem ou recusarem um ou outro, ficarão necessariamente mais pobres e terão do Direito uma visão monocular.

A literatura jurídica, como qualquer literatura, contém obras de géneros e estilos diferentes, mas essas diferentes obras são necessárias para a cultura jurídica portuguesa que não pode assentar apenas em estudos académicos inspirados na doutrina e no Direito estrangeiro, desinseridos das realidades económicas, sociais, e culturais portuguesas. Há que estimular a reflexão sobre estas realidades. A aplicação do Direito não pode ser um seguidismo mecânico da jurisprudência das Relações. Exige o domínio de instrumentos metodológicos e teóricos actualizados que tenham em conta os progressos feitos na doutrina portuguesa ou estrangeira.

Claro que, chegados aqui, logo se nos impõe uma outra ordem de reflexões: Como é que os nossos magistrados, em Tribunais sobrecarregados de processos esmagados por um Processo Civil, complexo e burocratizado, sem apoio de quaisquer bibliotecas, com más instalações nos Tribunais, encontrarão tempo e estímulo para o aprofundamento da sua cultura jurídica? (Isto para não falarmos na impossibilidade de aquisição individual das mais importantes obras teóricas e práticas, quer portuguesas, quer estrangeiras, por óbvias razões económicas.)

As condições em que se exerce a judicatura impossibilitam o juiz de ter em conta a produção teórica e prática que o rodeia e impedem-no de contribuir de modo criativo para o aperfeiçoamento das instituições judiciárias.

Pedro Cid



Remodelação governamental será antes do Natal?

Questão das presidenciais: ganha vulto a candidatura de Mota Amaral

«É inevitável um reajustamento governamental a partir do dia 15 de Dezembro, ou seja depois de aprovado o Orçamento do Estado» – revelou-nos uma fonte governamental que nos merece o maior crédito, que explicava: «A situação no Ministério da Educação é extremamente delicada e não se alterou qualitativamente um milímetro desde que, há já algum tempo, vieram a lume divergências graves entre o ministro e os seus três secretários de Estado. Estes foram, há cerca de um mês e meio recebidos pelo Primeiro-Ministro num encontro em que participou também o prof. Mota Pinto. Foi-lhes então dada a garantia de que depois do Orçamento a questão seria solucionada».

Soubémos entretanto que as desinteligências se agravam notoriamente e que apesar das queixas dos secretários de Estado, o ministro José Augusto Seabra não alterou o seu modo de actuação. Por isso mesmo, na semana passada, os secretários de Estado comunicaram a quem de direito, nas respectivas estruturas partidárias, a sua indisponibilidade de se manterem em funções depois do dia 15. E tanto quanto nos foi possível perceber das múltiplas conversas que tivemos ao longo dos últimos quatro dias, dois desses secretários de Estado estão absolutamente irredutíveis, acreditando-se que o terceiro não quebre a solidariedade de atitudes que vem sendo assumida desde o início das divergências.

A questão está em saber se caem os secretários de Estado ou o ministro e se o reajustamento será mais lato, ou seja, se a remodelação, acabará por se tornar inevitável antes do fim do ano, como sempre dissémos, tendo em atenção os estrangulamentos detectáveis nalgumas áreas governamentais.

Em todo o caso, para o PSD a situação é algo embaraçosa no que diz respeito à substituição de José Augusto Seabra. No plano das bases, reconhece-se que o ministro da Educação tem um certo peso, devido sobretudo à influência que consegue dispor em certos órgãos de Comunicação Social. Acresce que José Augusto Seabra veio para o Governo pela mão de Mota Pinto e que meios próximos deste acusam António Capucho de desejar a saída do actual ministro para ali colocar o prof. Britaldo Rodrigues, secretário de Estado do Ensino Superior e seu amigo pessoal.

Uma outra fonte ligada ao PSD disse-nos que foi o prof. Mota Pinto quem convenceu Mário Soares a não efectuar já uma remodelação governamental, deixando esse facto para as vésperas do congresso dos sociais-democratas, não só para desviar as atenções, como também para dar alguns trunfos ao principal líder dos sociais-democratas que minimizassem o seu actual e progressivo isolamento no partido. Por outras palavras, o Partido Socialista reconhece que a altura ideal para injectar «sangue novo» no Governo seria imediatamente a seguir ao Orçamento. A decisão, que neste momento temos por inabalável e inamovível, dos secretários de Estado do Ministério da Educação vai obrigar a repensar toda a questão e provavelmente acelerar a remodelação para antes do Natal ou imediatamente a seguir.

Não há ainda nomes dos futuros ministeriáveis, para além de alguns postos a circular por pequenos grupos de pressão ou pelos gabinetes especialistas em contra-informação. Detectámos em vários círculos governamentais o receio (manifestado com a absoluta recusa de ir mais além) da possibilidade de eclodirem dentro de pouco tempo mais casos semelhantes ao de Custódio Simões. Por outro lado, é pacífico nos centros de decisão política que os ministros a afastar são Rosado Correia (saíndo também Eugénio Nobre), Soares Costa e José Augusto Seabra. E ouvimos ainda referenciar a possibilidade de Eduardo Pereira mudar de pasta, uma vez que é reconhecida a sua capacidade e a sua obra como ministro da Habitação nos primeiros governos constitucionais. O actual ministrto da Administração Interna poderia ir substituir Rosado Correia, ainda que outra solução seria desdobrar ou cindir em dois o actual Ministério do Equipamento Social. Essa transferência poderia ter a vantagem, para o PSD, de fazer cair Helena Torres Marques particularmente malquista nos sectores sociais-democratas ligados ao Poder Local.

Aborto e Vizela novo adiamento

Embora pareça inquestionável o entendimento entre Mário Soares e Mota Pinto, também não é menos verdade que não cessam as escaramuças internas no seio da coligação e a vir ao de cima desconfianças recíprocas entre o PS e o PSD. O sintoma mais visível deste estado de coisas (e quantos episódios, alguns burlescos poderiam ser contados a este propósito...) foi a negociação dos gestores. Há a convicção de que o desenvolvimento de certas situações delicadas, a que, por força das circunstâncias foi dada dimensão política nacional, pode provocar uma crise na coligação. «É uma questão de tempo» – dizia-nos um dos mais importantes dirigentes do PS. Talvez por isso, o Primeiro-Ministro esteja a procurar protelar uma vez mais a questão do aborto, deixando que a discussão parlamentar seja transferida para o mais tarde possível. O facto, porém, de o PCP ter o direito regimental de marcar a ordem do dia de algumas sessões parlamentares, pode perturbar essa intenção, já que, o PS, porque a isso foi vinculado no Congresso, aliás sob o patrocínio claro e interveniente de Mário Soares, terá forçosamente de apresentar ao plenário um projecto alternativo de despenalização do aborto, que obviamente será aprovado por toda a esquerda da Câmara. «Uma ocasião em que a ruptura é possível» – afirmação de um dirigente do PSD.

Vizela é outro dos problemas que é susceptível de adiamento por conveniência mútua do PS e do PSD. Também aqui com implicações gravosas no seio de qualquer dos partidos. Como nos dizia alguém com assento no Conselho de Ministros, o adiamento das questões «é apenas um paliativo. A hora da verdade e de decisão tem de chegar com todas as consequências». Quando será?

De novo as Presidenciais

Quando foi negociado o acordo de coligação entre o PS e o PSD ficou explícito que nenhum dos partidos poderia clarificar ali uma estratégia clara em relação às presidenciais, embora fosse na realidade um dos mais debatidos e omnipresentes em todos os encontros bilaterais realizados. Nessa altura, a fazer fé em vários testemunhos, ficou implícita a ideia de que, no caso de uma candidatura vitoriosa do Partido Socialista, a chefia do Governo devia pertencer a um social-democrata, renegociando todo o processo global a partir de então.

Posteriormente, em conversas muito restritas, entre dirigentes do PS e do PSD ao mais alto nível, Mário Soares foi mais explícito: o PSD ascenderia interinamente à chefia do Governo no período de campanha eleitoral para a Presidência (ou mesmo a partir do momento em que o candidato socialista se assumir como tal – fala-se aqui em «candidato socialista», para ser fiel às palavras de Mário Soares que não tem falado na «sua» candidatura, mas na de um socialista). Depois da eleição consumada, e sempre no pressuposto da continuação da coligação, os respectivos acordos seriam revistos, mas o PSD deveria ter o cargo de Primeiro-Ministro, pelo menos até ao termo da actual legislatura, o que implicava que Mário Soares (se for eleito) se comprometia a não dissolver o Parlamento.

Só que... parece ganhar vulto a ideia de que no seio do PSD é possível gerar um candidato forte e até mesmo vencedor. E mais, é esse o desejo das bases sociais-democratas. E mesmo aqueles que se renderiam a Mário Soares (Mota Pinto, António Capucho ou Eurico de Melo) ou os oposicionistas ao Bloco Central (o grupo de Lisboa) não terão alternativa que não seja perfilar-se atrás desse candidato e apoiá-lo incondicionalmente. Esse candidato chama-se Mota Amaral e vem dando indicações implícitas da sua disponibilidade de entrar na corrida para o Palácio de Belém.

As dificuldades a vencer são de monta. Mas parafraseando um dirigente social-democrata «o mais importante é a sua vontade de querer ou não querer ser candidato».

Uma coisa é certa: Mota Amaral sente-se limitado com os horizontes açorianos. E como é deputado eleito pelos Açores para o Parlamento da República, é para Lisboa que encaminhará os seus passos, logo que se tenham realizado as eleições regionais e esteja completamente dirimido o problema da sua sucessão à frente do Governo dos Açores (Álvaro Monjardino, Natalino Viveiros ou Pacheco de Andrade?). Em Lisboa se os deuses da política lhe forem favoráveis pode ser o candidato do PSD à presidência da Assembleia da República e escolher essa via para rumar à conquista de um contrato que o fará, por cinco anos, inquilino do Palácio mais ambicionado de Mário Soares. Candidatura que tem os seus riscos sobretudo se a imagem de Mota Amaral puder vir a ser desgastada por uma eleição recheada de incidentes que obrigasse a mais do que um escrutínio...

Mota Amaral tem ainda outra via que o colocaria no centro do debate político: ser líder do grupo parlamentar do PSD na próxima sessão legislativa.

Presidente ou líder, Mota Amaral pode ainda em Lisboa gerir, sem nenhum desses cargos, o seu tempo político. E aguardar o momento próprio dentro da técnica clássica: Esperar que um grupo de personalidades, partidárias e independentes lhe solicite uma candidatura. Entre os vários caminhos há um que Mota Amaral não percorrerá imediata e seguramente. Disputar a liderança a Mota Pinto, aliás cada vez mais enfraquecida. Mas ninguém duvida que se posicionará no Congresso de modo a tornar bem claras as suas intenções no que diz respeito à Presidência da República.

Jaime Gama visita o Iraque

A intensificação das relações bilaterias é o objectivo da visita oficial que o ministro português dos Negócios Estrangeiros efectua ao Iraque de 7 a 10 de Janeiro – revelou uma fonte diplomática árabe.

Jaime Gama, que terá contactos com altos dirigentes iraquianos, presidirá à reunião da comissão mista, que devia ter-se realizado este ano, em Bagdade.

A visita de Gama é aguardada já há algum tempo em Bagdade com alguma expectativa dado o interesse de Portugal pelo desenvolvimento das suas relações com o Iraque – notou a fonte.

Se bem que a principal exportação portuguesa para o Iraque ainda seja o material militar, ultimamente foram feitos esforços para diversificar as exportações para este país árabe. Nos últimos anos várias empresas portuguesas têm participado na Feira Internacional de Bagdade, que este ano contou com a presença de 12 empresas.

O Instituto do Comércio Externo de Portugal (ICEP) que tem uma delegação aberta em Bagdade, tem procurado desenvolver as exportações portuguesas para o Iraque.

Entre o Iraque e Portugal, cujas relações foram intensificadas a partir de 1980, foram assinalados acordos de cooperação turística e económica, técnica e comercial.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

Concurso Público n.º 3 – 2263/83
Fornecimento de **Material de Sutura**

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 26 de Dezembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, 23 de Novembro de 1983.

O CHEFE DO SERVIÇO

a) Ilídio Luís de Sousa

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção n.º 70 511, para **«PROCESSO E APARELHO PARA SECAR PRODUTOS COM UM FLUXO DE GÁS FECHADO E LÍQUIDO DISSECANTE».**
Trata:
CLARKE, MODET & C.ª Ld.ª
Patentes e Marcas
R. Castilho, 201-3.º Esq.º
1000 LISBOA

Recordacall

ERICSSON
Sociedade Ericsson de Portugal, Lda.

ESTEJA SEMPRE PRESENTE MESMO QUANDO AUSENTE

Com atendedores/gravadores de chamadas RECORDACALL ainda que ausente do seu escritório, de qualquer ponto do País ou do Estrangeiro poderá, por uma simples chamada telefónica, receber as mensagens que entretanto lhe tenham sido dirigidas.

— Em serviço 24 horas por dia.
— Tempo de mensagem limitado ou ilimitado.
— Gravação de conversações nos 2 sentidos.
— Controlo remoto para recepção das mensagens à distância.

ERICSSON
Sociedade Ericsson de Portugal, Lda.
— Edifício Ericsson Zona Industrial da Barruncheira, Lote B - Carnaxide 2795 — Linda-a-Velha
Telefone: 218 65 03
— 4000 PORTO: R. Gonçalo Cristóvão, 314
Telefone: 2 92 68
— 3000 COIMBRA: R. Cidade de Poitiers, 28
Telefone: 3 54 84

REGIÃO DE TURISMO DO ALGARVE
FARO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA A EXPLORAÇÃO DO ANTIGO CASINO DA MANTA ROTA

Faz-se público que, até às 17.30 horas do dia 31/12-/1983, está aberto concurso para a exploração do Antigo Casino da Manta Rota, na freguesia da Mata Rota, concelho de Vila Real de Santo António.

Os interessados deverão soliciar o Programa de Concurso em correspondência enviada a: «Concurso para a Exploração do Antigo Casino da Manta Rota»
Região de Turismo do Algarve
Rua Ataíde de Oliveira, n.º 100
8001 FARO CODEX
A ajudicação será feita na modalidade de exploração comercial.

Faro, 19 de Outubro de 1983
O Presidente
(Luís Filipe Madeira)

Sexta-feira, em reunião de Conselho de Ministros

Governo vai apreciar "perfil" do novo CEME

O Conselho de Ministros vai apreciar na próxima sexta-feira as propostas de nomeação do novo chefe do Estado-Maior do Exército, revelou à ANOP o vice-primeiro-ministro.

Mota Pinto disse, ainda, em breves declarações, que «o Governo tinha fundamentado a proposta de exoneração do general Garcia dos Santos, pelo que nada mais havia a dizer».

O vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa deslocou-se no sábado a Aveiro para assistir a uma missa pelo terceiro aniversário da morte de Sá Carneiro. Foi nesta cidade, e antes de se deslocar a Ílhavo para uma reunião com militantes do seu partido, que Mota Pinto prestou as suas declarações à Agência Portuguesa de Notícias.

Mota Pinto em Bruxelas

Mota Pinto partiu, entretanto, na manhã de ontem, para Bruxelas, com o objectivo de participar na reunião do «eurogrupo» da NATO dos ministros da Defesa.

À despedida do titular da pasta da Defesa Nacional estiveram no aeroporto da Portela o Primeiro-Ministro e os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Administração Interna. Amanhã será a vez de Jaime Gama partir para a capital belga, a fim de participar na reunião de Inverno do Conselho da OTAN.

À saída do aeroporto, tanto Mário Soares como o ministro dos Negócios Estrangeiros realçaram a importância da reunião de Bruxelas, por se tratar da primeira depois da chegada, à Europa Ocidental, dos primeiros mísseis norte-americanos de médio alcance «Pershing II» e «Cruise» e da retirada soviética das negociações de Genebra sobre a redução dos armamentos nucleares tácticos na Europe.

Interrogado sobre os assuntos tratados no aeroporto durante cerca de uma hora com Mota Pinto, Jaime Gama e Eduardo Pereira, todos membros do Conselho Superior de Defesa Nacional, Mário Soares disse que tinham sido abordados problemas relativos à reunião de Bruxelas, que tratará de assuntos «muito importantes para o futuro de Portugal e da Europa» e também de questões relativas à actividade governamental, visto que o Primeiro-Ministro estará ausente de Portugal por ocasião do regresso a Lisboa de Mota Pinto.

IV Convenção reforça "minoritários"

UEDS aprova linha de continuidade

A. aprovação da «linha da continuidade» (Lopes Crdoso) e o reforço da sensibilidade minoritária personificada em Rui Namorado foram os factos salientes da IV Convenção da UEDS que ontem terminou em Lisboa. A participação ficou aquém do que era esperado e o debate mais acalorado limitou-se ao primeiro dia, sábado, à noite. Subjacente a este debate esteve a questão da integração, ou não, a prazo, no PS, ainda que o problema não fosse expresso claramente nestes termos. Houve alguma clarificação, mas as decisões sobre o futuro próximo foram adiadas para outra convenção. Esta, a quarta, terá sido mais de passagem...

Ontem à tarde, no final, Lopes Cardoso, que não escondia um certo «cansaço», destacava que a convenção tinha servido para clarificar a linha do partido como até agora ainda não tinha sido feito. Respondendo concretamente ao «DL», o primeiro-secretário da UEDS realça a decisão relativa à «unificação da área do socialismo democrático». Como? Acções concretas previstas?

Aqui, já Lopes Cardoso não quis explicitar. Segundo as suas próprias palavras, prefere deixar a revelação para os órgãos próprios, conselho nacional, comissão política...

Conforme consta da sua própria moção, a vencedora, este objectivo estratégico da unificação da esquerda democrática comporta diversas dificuldades. E se, para todos, não deixa de ser um processo complexo, para alguns, mais radicais, não passa de um eufemismo para não dizer «integração no PS». Esta eventual integração não é posta de parte por Lopes Cardoso, nem pela maior parte dos dirigentes da maioria. Só que, frisam claramente alguns deles, nunca poderá ser com este PS aliado ao PSD.

Na moção vencedora – «Reforçar o partido, prosseguir o diálogo, construir a alternativa» – lê-se concretamente que se aquela unidade «poderá assumir uma de múltiplas formas de que não se pode excluir, à partida, a própria integração no PS, a unidade não pode servir de alibi à pura e simples adesão, individual ou colectiva, ao Partido Socialista, tal como é hoje, tal como hoje funciona. se posiciona e age na sociedade portuguesa».

A UEDS reconhece que este será um processo longo e complexo. Mas nele pretende ter um papel activo e central. Como? Não é desconhecido o peso que terá o PS nesta questão. Tal peso «determina que qualquer processo de unificação da esquerda democrática e socialista careça de sentido quando o não integre e dá-lhe um papel decisivo num processo deste tipo». A fracassada FRS e outras tentativas de congregação da área do «socialismo democrático» têm sido apenas instrumentos tácticos do PS que hoje está aliado ao maior partido da direita. Estas são dificuldades apontadas mesmo por aqueles que não consideram que esta seja a via da «capitulação perante o PS». Acresce, de resto, o grude que liga, neste momento, o PS ao PSD, com formulações de prolongamento, para além de 86, e passagem obrigatória pelas presidenciais de 85.

Presidenciais

Já agora qual a posição que adoptará a UEDS sobre as presidenciais? Ainda é cedo, nada foi decidido, nem alinhavado. Lopes Cardoso disse-nos que a questão está a ser mal agitada e que nem é importante neste momento. Apoiará a UEDS a candidatura de Mário Soares? Nem sim, nem não, é a resposta para já. Tudo dependerá das outras candidaturas. De qualquer forma a decisão terá de passar pela V Convenção que pelo menos terá de a ratificar – diz-nos o líder da UEDS.

Para os «minoritários» é claramente desejável que surja «outra candidatura» diferente da de Soares, em condições de ser apoiada pela Esquerda – disseram-no ao «DL» representantes do sector de Rui Namorado.

Durante a IV Convenção o problema chegou a ser levantado, mas o ambiente agitou-se e o «agitador» acabou por retirar a sua proposta. Dizia assim: «A UEDS procurará contribuir para evitar um conflito institucional ou o deslizar da Presidência da República para a direita, tomando posição no sentido de viabilizar o suporte do actual presidente da República a uma candidatura apoiada pelos partidos da Esquerda Democrática». É visível o alcance desta «alfinetada» de Joel Hasse Ferreira que depois do calor suscitado guardou o papel para que o debate prossiga e amadureça no partido...

Criticar ou romper

Extranhamente esta IV Convenção decorreu à porta fechada o que, em termos similares só tem acontecido com o CDS e o PSD. Não teve sessão de encerramento, nem quaisquer convidados, quer nacionais, quer estrangeiros. «Por que se fecha tanto um pequeno partido como a UEDS?

As principais moções que estiveram em debate foram as de Lopes Cardoso, subscrita pelos dirigentes mais conhecidos do partido, e a de Rui Namorado. Aquela defnde a continuidade, esta a ruptura (com o PS). Apontada pela linha maioritária como uma «antimoção» por ter surgido no final do prazo e um mês depois da de Lopes Cardoso, a moção de Rui Namorado defende a oposição sistemática ao Governo PS/PSD. «Limitarmo-nos a criticar as medidas mais chocantes e a votar em consequência no Parlamento já não chega».

Dizia expressamente a moção que «o presente bloco central é um obstáculo à abertura de verdadeiros horizontes de esperança, potenciando as ambiguidades inerentes ao próprio PS». Quanto ao «fantasma» (mais real que imaginário) da integração no PS, frisa a moção de Rui Namorado que «tudo se reduziria à entrada no PS dum pelotão de notáveis, acolitado por um punhado de desanimados militantes». E assim, a UEDS «finar-se-ia sem honra nem glória como algo de mais trágico do que um jantar».

Pretendia Rui Namorado que fosse assumido o compromisso de não haver integração durante os próximos dois anos. Mas a proposta não foi aprovada. Ficou, porém, a garantia: qualquer decisão nesse sentido passará por uma nova Convenção.

Na moção de Lopes Cardoso também são lançadas críticas contra o Governo. Só que perante a inexistência de uma alternativa à situação presente é preconizada a manutenção do diálogo.

Esta moção recolheu 69% dos votos, enquanto a de Rui Namorado se ficou pelos 29%, num total de cerca de centena e meia de delegados. Na votação das listas correspondentes às linhas constantes destas duas moções, houve uma ligeira alteração. Rui Namorado subiu, Lopes Cardoso desceu: 36,2% e 63,8%, respectivamente, na eleição do Conselho Nacional. Para o Conselho Fiscalizador: 37% e 63%, o que corresponde a três elementos da lista de Lopes Cardoso e dois da de Rui Namorado.

De acordo com os resultados, 32 dos membros eleitos para o Conselho Nacional são da lista de Lopes Cardoso e 18 de Rui Namorado que assim duplicou a força naquele órgão. Aos núcleos caberá agora eleger os 25 elementos restantes estando já marcada para o dia 7 de Janeiro a primeira reunião do Conselho.

Como já o afirmámos as principais decisões sobre o futuro ficaram a «chocar». Depois desta passagem, a V Convenção será a das decisões. Até lá, o fantasma da sobrevivência a perdurar. Integração ou não no PS – eis a questão que permanece.

Luís Humberto Marcos

Dirigentes e ministros do PS em reuniões de militantes

— *decidiu a Comissão Permanente*

A recém-eleita Comissão Permanente do PS deliberou, sábado passado, marcar encontros distritais e regionais de militantes de todo o País, e convocar jornadas parlamentares no decorrer deste mês e em Janeiro, com a presença de dirigentes do partido e membros socialistas do Governo.

A reunião, presidida por Mário Soares, fez um balanço da situação política e analisou a vida partidária, nomeadamente a estruturação dos sectores do partido e a distribuição de pelouros.

A comissão saudou ainda os congressos regionais na Madeira e nos Açores, sublinhando a importância de que cada um deles se reveste na consolidação da autonomia democrática dos dois arquipélagos».

Congresso madeirense condena nuclearização

O principal dirigente do PS da Madeira, Jardim Fernandes, encerrou, a noite passada, no Funchal, o IV Congresso Regional do partido, defendendo uma «alternativa à política de falta de rigor financeiro e de falta de diálogo político do Governo Regional-PSD».

Jardim Fernandes, cuja moção global de estratégia registou o apoio quase unânime (apenas uma abstenção) dos congressistas, frisou que essa alternativa não passa, fundamentalmente, pelo afastamento do PSD do Governo madeirense, mas sim pela «mudança de política».

«Queremos – disse – mais diálogo, mais participação, maior rigor na aplicação dos dinheiros públicos, melhor definição das prioridades e investimentos em sectores produtivos».

No plano internacional, Jardim Fernandes salientou a importância do relacionamento da região madeirense com as Canárias, particularmente o diálogo entre os socialistas do PSOE naquelas ilhas e do PS dos Açores e da Madeira. «Trocaremos – sublinhou – experiências no campo partidário, político e administrativo, e defenderemos o equilíbrio ecológico, salvaguardando as regiões e respectivas zonas dos perigos da nuclearização».

Considerou ainda que os compromissos com a CEE e a NATO «devem respeitar a vontade das populações insulares e servir o seu desenvolvimento equilibrado, aproximando os seus padrões de vida aos níveis das sociedades europeias a que histórica, cultural e politicamente pertencemos».

«Há militares mais civilistas...»

Numa análise ao que tem sido a actução do Governo Regional, Jardim Fernandes criticou «os rios de dinheiro gastos pelo Cine Forum do Funchal', o «reduzido número de bolsas de estudo concedidas) o «esbanjamento em deslocações ao estrangeiro, apenas para captar simpatias eleitorais» e, sobretudo, o «endividamento das câmaras e da empresa de electricidade da Madeira», que ascende a 15 milhões de contos.

Criticou também a falta de investimentos privados, apesar das enormes massas monetárias existentes no sistema bancário regional.

Interrogado pela ANOP sobre a posição do PS caso o lugar de ministro da República fique vago, Jardim Fernandes afirmou que «para o PS não é essencial que o titular seja um madeirense, mas sim uma perosnalidade capaz de promover o diálogo entre as instituições nacionais e regionais».

Quanto à questão de ser civil ou militar, adiantou que «muitas vezes há militares que têm uma actuação mais civilista que alguns civis».

«Para nós, não é a farda que interessa e por isso não constitui uma questão fundamental» – concluiu.

Galvão Teles: «Apoiaremos este Governo»

José Manuel Galvão Teles, representante da Comissão Política do PS ao congresso regional, afirmou, no encerramento, «ser compensador constatar que o PS Madeira foi o percursor da unidade do partido» e sublinhou a necessidade de ultrapassar as «dificuldades e divergências» procurando «acima de tudo a unidade do partido».

Aquele membro do ex-Secretariado do PS considerou que o momento actual do País é «bastante grave» e adiantou ser necessário que «todos os socialistas apoiem este Governo para assim salvar o País».

Concluiu afirmando que é preciso tornar o PS mais forte, mais exigente e mais capaz para o partido poder «contribuir cada vez mais decisivamente para resolver os problemas que nos afectam».

Luanda: um novo aviso para Lisboa via telex

As autoridades angolanas consideram que a actividade de grupos ao serviço dos sul-africanos em Portugal tem por objectivo desestabilizar as relações angolano-portuguesas com «actos, reuniões, iniciativas perfeitamente orquestradas no tempo».

Através de um serviço distribuído pela ANGOP (a agência oficial da República Popular de Angola) afirma-se que os dirigentes da RPA, tal como o próprio povo angolano, «sabem ser condescendentes e perceber que tudo leva o seu tempo». No entanto, formulam críticas à circunstância de se desenvolverem «impunemente, em Portugal», «campanhas antiangolanas».

O material difundido pela ANGOP surge na sequência de uma recente decisão do Comité Central do MPLA – Partido do Trabalho, segundo a qual deverão os organismos governamentais «reavalizar» a cooperação com Portugal. Tal directiva – segundo o CC do MPLA – deverá ser materializada «à luz das campanhas contra a República Popular de Angola que se desenvolvem» em Lisboa.

«A actividade dos grupelhos ao serviço dos sul-africanos em Portugal – afirma-se na informação da ANGOP –, como sejam a UNITA, a FLEC e a CNA, visa, mais do que o latir dos traidores desestabilizar de facto as relações angolano-portuguesas com actos, reuniões, iniciativas perfeitamente orquestradas no tempo».

De acordo com a ANGOP, não «será, portanto, nada estranho que o «cerco» aos empresários, a vinda de «embaixadores» dos fantoches a Portugal, o incremento dos contactos com certos sectores políticos suceda numa altura em que há um novo Governo em Portugal, um executivo que aponta a cooperação com o nosso país como um dos pontos importantes da sua política externa».

As autoridades angolanas consideram «paradoxo da cegueira», intensificarem-se «em Lisboa as movimentações dos peões dos inimigos» (dos próprios interesses dos portugueses), no momento em que «Portugal organiza a sua primeira exposição comercial na RPA, vivamente aguardada».

«A presença física e não panfletária dos traidores e seus renegados angolanos em Portugal é um instrumento de sabotagem dos interesses de Portugal, em primeiro lugar, e também de Angola, como é óbvio», conclui-se na mensagem enviada pela ANGOP.

Anunciadas pelo ministro da Agricultura

"Bolsas de gado" para defesa dos criadores em questões de doença

O ministro da Agricultura, Soares da Costa, anunciou ontem em Marco de Canaveses que, no próximo ano lectivo, será implantado o curso de técnico profissional agrário na Escola Secundária local. Soares da Costa, que participava num encontro com agricultores marcoenses, inscrito na campanha eleitoral da coligação PSD/PS para as eleições intercalares do Marco de Canaveses, anunciou também a criação de «bolsas de gado» para defender os criadores em questões de doenças, nomeadamente.

«A agricultura só poderá ser altamente rentável e inovadora com o empenhamento dos agricultores e do Estado» – disse o ministro ao referir-se aos problemas da Agricultura portuguesa. Soares da Costa referiu ainda que o Governo está preocupado com a modernização da Agricultura, nomeadamente com inovações tecnológicas tendentes a encarar a futura adesão à CEE.

Antes do encontro com os agricultores, realizado na Casa do Povo de Fornos, o ministro da Agricultura, acompanhado pelos deputados Fontes Orvalho (PS) e Manuel Moreira (PSD), visitou a feira que decorria na vila.

Seareiros do tomate manifestam-se em Santarém

Seareiros do tomate do distrito de Santarém exigiram ontem a revogação do decreto-lei que «permite aos senhorios despejá-los de suas terras» e o pagamento das dívidas das fábricas aos produtores de tomate. Reunidos em Benfica do Ribatejo, cerca de duas centenas de seareiros daquele distrito analisaram a situação que consideram estar a «conduzir à ruína total de um sector altamente produtivo da indústria portuguesa».

Na moção aprovada na reunião exige-se, apara além da revogação do Decreto-Lei 5/58/83 e sua substituição por outro que «dê garantias aos seareiros», o pagamento pelas fábricas das suas dívidas, o abaixamento das taxas de juro do crédito, a marcação dos preços de adubos e fertilizantes nas embalagens para evitar especulação e ainda assistência técnica eficiente aos agricultores por parte das delegações do Ministério da Agricultura.

O porta-voz dos seareiros anunciou ainda terem sido solicitadas já audiências ao ministro da Agricultura, ao governador civil de Santarém e à Comissão Parlamentar de Agricultura.

Os três pequenos galardoados: Hélder Moutinho, Cristina Maria e Maria do Céu

O reconhecimento do heroísmo juvenil

Presidente da República na cerimónia de entrega dos 'Prémios Valle Flor'

Pelos seus actos de heroísmo três crianças irão receber os prémios de 1982, da Fundação Vale Flor, numa sessão solene a realizar no próximo dia 8, pelas 15 e 30, no Ateneu Comercial de Lisboa, sob a presidência do general Ramalho Eanes. Os galardoados são Hélder de Sousa Moutinho, de cinco anos, natural de Codeçais (Carrazeda de Ansiães), Cristina Maria dos Santos Marcos, de sete anos, do Lugar de Água Levada (Estarreja) e Maria do Céu Gomes da Silva, de quatro anos, residente na freguesia de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia).

Hélder Moutinho, que receberá oitenta contos, referentes ao Prémio José Luís do Vale Flor – 2.º marquês de Vale Flor, salvou no dia 29 de Julho o seu pai, Nascimento Coutinho, inanimado após uma faísca ter atingido a sua residência no lugar da Galega. O pequenito, que na altura estava a brincar no exterior da habitação, ao aperceber-se do sucedido correu para casa e socorreu o pai, que estava inconsciente, pegando-lhe pela nuca, dobrando-o pela cintura e obrigando-o a rebolar até ao exterior. Dado que, entretanto, se tinha apercebido de que uma cama estava a arder, tornou a entrar na habitação e retirou um cobertor e outra roupa, já em chamas, tranzendo-as para fora, facto que lhe provocou queimaduras num braço e numa perna. Posteriormente alertou alguns vizinhos que acabaram por dominar o incêndio e conduzir Nascimento Coutinho para o Hospital de Mirandela, onde acabou por recuperar.

Quanto a Cristina Marco (Prémio Jenny de Vale Flor, no valor de oitenta contos) salvou uma irmã num incêndio na sua casa, em que pereceram dois irm,ãos, e Maria do Céu (Prémio Jenny de Vale Flor, no quantitativo de 25 contos), conseguiu retirar das chamas duas de cinco crianças que tinham sido deixadas fechadas à chave pela mãe numa barraca. As três outras crianças sucumbiram.

Área arqueológica do Freixo (Marco de Canaveses)

Projecto de investigação põe a descoberto complexo romano

As sondagens que decorrem na área arqueológica de Freixo, Marco de Canaveses, «confirmam a existência de uma grande zona habitacional romana» — afirmou à ANOP o arqueólogo Lino Dias.

Este especialista, responsável pelo projecto de investigação da área, apresentou a um grupo de visitantes os resultados preliminares das escavações efectuadas este ano. Em declarações à ANOP, sublinhou que «no ano em curso foi definida a área global do edifício dos balneários e abriram-se novas perspectivas de futuro que justificam plenamente os apoios que estamos a receber». Lino Dias referiu-se concretamente ao protocolo celebrado entre o Ministério da Cultura e a Câmara Municipal do Marco de Canaveses.

«No próximo ano — disse — vamos continuar o trabalho de investigação da área que se considera ser a zona monumental e vamos reforçar a exploração da zona habitacional.

Preconizou também uma intervenção no Vale de Ovelha, junto da Ponte do Barco, e Várzea do Douro, que serão afectadas pela barragem de Crestuma/Lever e estão inseridas na área geográfica do projecto.

Lino Dias afirmou também que «o valor científico e a riqueza e monumentalidade desta estação arqueológica levaram ao desenvolvimento das estruturas no sentido da sua apresentação e do seu tratamento museológico».

«Dada a amplitude dos problemas desta estação arqueológica, foi necessário solicitar apoio técnico e financeiro, sem os quais seria improvável a concretização dos projectos entretanto elaborados», acrescentou ainda.

Os trabalhos de sondagens e investigação no Marco de Canaveses iniciaram-se em 20 de Agosto de 1980 na Capela dos Mouros, designação dada pela população local à parte visível das estruturas romanas, até então em estado de total abandono.

Nos campos vizinhos, onde outrora se encontravam as construções envolventes do edifício termal actualmente em estudo, todos os vestígios haviam desaparecido. As pedras dessa construção ainda hoje podem ser observadas em muitas das habitações da povoação de Freixo.

Lino Dias garantiu que se estava perante uma grande povoação (cidade romana) e que nestes terrenos, a partir dos séculos um, se situava uma população de costumes romanos. A povoação localizava-se num eixo viário que do norte liga à zona sul do rio Douro, depois de o atravessar.

Após as primeiras sondagens, realizadas em 1980, foi apresentado um projecto global de investigação, cujo planeamento foi totalmente aprovado pela Comissão Nacional de Arqueologia do Ministério da Cultura. Embora com actividade ao longo de todo o ano, as campanhas de escavação concentram-se nos meses de Julho, Agosto e Setembro, efectuadas em todos os anos, desde 1980.

Designada desde 1981 como Área Arqueológica de Freixo, foi classificada como monumento nacional por despacho governamental de 4 de Fevereiro de 1982. Em 1982, era assinado um protocolo entre o Ministério da Cultura e o município do Marco de Canaveses, garantindo à equipa de investigação as condições mínimas de estudo segundo planeamentos apresentados. O projecto de investigação aprovado, prevê fases quinquenais subdivididas em acções anuais.

Até 1987, os trabalhos estão já planeados em pormenor, tendo como prioridade absoluta o estudo da ocupação romana, correlacionando-a com a romanização dos vales dos rios Tâmega e Douro.

Após os trabalhos do Verão deste ano, é já possível determinar a área do edifício termal, assim como estabelecer correlações funcionais que ele tinha no século um. Por isto, haverá que pensar no futuro das estruturas arqueológicas, pelo que dois aspectos preocupam prioritariamente os arqueólogos: a conservação/protecção e o tratamento museológico-/pedagógico.

As ruínas, principalmente as que atingem alturas consideráveis (cinco metros) encontram-se implantadas sobre afloramentos graníticos, numa zona húmida e agravada por grande pluviosidade. Algumas coberturas provisórias e sistemas simples de drenagem vão sendo montados, procurando-se diminuir temporariamente os efeitos degradativos.

O projecto arquitectónico para a construção de uma cobertura definitiva está em elaboração, num trabalho conjunto de Adília Alarcão, directora do Museu Monográfico de Conimbriga e especialista de conservação e restauro, arquitecto Carlos Guimarães, da Faculdade de Arquitectura do Porto, e Lino Augusto, arqueólogo responsável pelo projecto de investigação.

Uma pequena casa integrada na aldeia do Freixo e no interior da zona classificada foi adquirida pelo município, para ali ser montada uma «mostra museológica permanente», procurando responder teórica e tecnicamente a questões genéricas que são frequentemente formuladas por visitantes.

Numa outra casa, também no interior da zona classificada, estão a ser montadas condições mínimas para apoio a visitas de grupos e escolas, através de diaporamas.

Num futuro próximo, será necessário instalar um pequeno auditório, estando já em elaboração a criação de circuitos pedagógicos, com apoio bibliográfico, no interior das ruínas.

Na preparação destas tarefas, está a trabalhar um grupo constituído por Manuela Delgado e Rosa Maria, além do arqueólogo responsável, pois tanto o município como o Ministério vão garantindo as condições necessárias às tarefas de investigação.

O projecto de investigação 80/84 da área arqueológica do Freixo como espaço colectivo, tem como entidades apoiantes o município de Marco de Canavezes, Ministério da Cultura, Governo Civil do Porto, Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa (Braga), Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Museu Monográfico de Conimbriga, Regimento de Engenharia de Espinho, Força Aérea Portuguesa, Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte e Faculdade de Engenharia do Porto.

Às Edições Jornal EXPRESSO
Rua Duque de Palmela, 37-2.º Dto
1296 LISBOA CODEX

Junto envio um cheque/vale postal no valor de 200$00 (incluindo 20$00 para portes de correio), para aquisição do livro SPORT LISBOA E BENFICA — 80 anos de história, que solicito me enviem sem mais encargos.

NOME _____
MORADA _____
_____
TELEFONE _____
CÓDIGO POSTAL _____

de ontem para hoje

Eclipse do Sol em Portugal teve «grandeza máxima» nos Açores

UM eclipse do Sol tornou-se ontem visível em todo o território continental e insular português, tendo atingido a sua máxima intensidade às 11 e 44. O eclipse, que começou às 10 e 40 e terminou às 12 e 52, teve nos Açores a grandeza máxima de 50 por cento, em Lisboa de 25 por cento e em Faro de 27 por cento. Em Bragança, a sombra da Lua no Sol ocultou apenas 18 por cento deste, o que constituiu a grandeza mínima que ontem foi observada. O fenómeno pôde ser observado através de óculos muito escuros ou vidros foscos.

Anfetaminas no recurso de Wold

O cidadão norueguês Jonas Wold, que se encontra preso no Estabelecimento Prisional de Alcoentre desde 15 de Fevereiro deste ano, após ter sido detido em Albufeira na posse de cocaína e anfetaminas, recorreu do despacho de pronúncia para o Tribunal da Relação de Évora. Segundo o seu advogado, dr. Outão Silva Pinto, Jonas Wold (foto) pretende saber se as anfetaminas são ou não proibidas em Portugal. Jonas Wold, cuja companheira, Sofia Ferdinandwagte, está também presa no nosso país, já tentou evadir-se várias vezes, tendo mesmo chegado a subornar um agente da Polícia Judiciária a quem diz ter entregue 1200 contos para o fazer sair da cadeia de Monsanto.

Caçador de Loures ferido em Avis

Nas proximidades de Avis (Alentejo), um caçador, José Carlos da Conceição, de 49 anos, residente em Loures, foi atingido pela sua espingarda que disparou acidentalmente. Os chumbos atingiram-no com gravidade nas duas pernas.

PCP contra atentados das «FP-25»

O PCP condenou os atentados à bomba registados, na madrugada de sábado nas Caldas da Rainha e em Leiria, considerando-os «uma grosseira provocação» contra os trabalhadores em luta. Os atentados foram perpetrados contra delegações do Banco Espírito Santo e reivindicados pelas «FP-25» como estando inseridos na luta dos trabalhadores da indústria vidreira da Marinha Grande. Em comunicado distribuído pelo seu Serviço de Informação, o PCP, além de condenar actos de terrorismo, diz que «as lutas dos trabalhadores vidreiros pelo pagamento dos salários em atraso e contra os despedimentos tem-se caracterizado sempre pelo respeito pela legalidade democrática». A Direcção Regional de Leiria do PCP alerta os trabalhadores e a população em geral para que «não se deixem envolver em manobras provocatórias», mantendo embora a firmeza na luta contra a política deste Governo.

Condenado assassino de «Ana Paula»

O canalizador José Manuel de Sousa Gomes Barata, de 27 anos, natural de Vendas Novas, foi condenado em dez anos de prisão na Boa Hora, pelo assassínio do «travesti» Ana Paula, de seu nome Eduardo Fernando dos Santos Coelho, de 34 anos, perpetrado em 1981 em Palma de Maiorca. José Barata matou «Ana Paula», com quem vivia há anos, agredindo-a com três punhaladas, após o que se apoderou de todo o dinheiro que «esta» possuía (40 mil pesetas e alguns dólares), tendo vindo posteriormente a ser detido em Portugal.

Penas de prisão para três iranianos

Três iranianos foram condenados no 4.º Juízo Criminal da Boa Hora, pelo facto de terem entrado em Portugal com passaportes falsos. Mizani Parviz, de 32 anos, casado, construtor civil, Abbas Mohd Sadir, de 32 anos, casado, professor de luta, e Amir Hassain Ali Kani, de 26, casado, desertor do Exército iraniano, todos naturais de Teerão, transportavam ainda no avião em que chegaram ao aeroporto da Portela, 3865 gramas de heroína. Os dois primeiros foram condenados a um ano de prisão e ao pagamento da multa de dois contos. Quanto a Amir Kani terá de cumprir quatro anos e meio de cadeia e pagar a multa de 52 contos. Cumpridas as penas, todos serão expulsos do País. Os arguidos, que apresentaram recurso das penas, alegaram ter chegado a Portugal para procurar asilo político.

Passageira apedrejada na Linha de Sintra

Uma passageira, Maria Isabel Jose'de Melo, de 32 anos, que viajava num comboio, que fazia a ligação entre o Rossio e Sintra, ficou gravemente ferida no rosto após um grupo de jovens ter apedrejado a composição, entre a passagem de nível da Recta do Papel e a estação do Cacém. Maria Isabel teve de receber tratamento no Hospital de S. José.

Movimento fraco em Vilar Formoso

O movimento de entradas de emigrantes e turistas em Portugal pela fronteira de Vilar Formoso foi escasso no primeiro fim-de-semana de Dezembro, informou a Guarda Fiscal. Vilar Formoso inicia em 18 do corrente um período de funcionamento permanente devido ao afluxo de emigrantes que se deslocam ao nosso país por ocasião do Natal.

Governo diz como e a quem concede

Utilidade turística tem novo figurino

O Governo acaba de decretar, através de um diploma publicado hoje na folha oficial (Decreto-Lei 423/83) que a utilidade turística só poderá ser atribuída aos seguintes empreendimentos: estabelecimentos hoteleiros de interesse para o turismo, estabelecimentos similares dos hoteleiros classificados como restaurantes, cunjuntos turísticos, parques de campismo, equipamentos de animação culturais e desportivos que não constituem ou integrem conjuntos turísticos, instalações termais e casas afectas a turismo de habitação.

Segundo o referido diploma legal, a utilidade turística consiste na qualificação atribuída aos empreendimentos de carácter turístico que satisfaçam aos princípios e requisitos definidos bem como às disposições regulamentares contidas no Decreto-Lei 423/83.

A desactualização das leis (em vigor há cerca de 30 anos) que até agora regulavam esta matéria, esteve na origem desta profunda revisão que o Governo se propôs fazer, ao abrigo de autorização legislativa oportunamente concedida pela Assembleia da República.

De acordo com a introdução ao novo articulado, da responsabilidade conjunta da presidência do Conselho de Ministros e dos Ministérios das Finanças e do Plano e do Comércio e Turismo, «foi agora a ocasião oportuna de fazer estender os benefícios a investimentos no campo da remodelação, beneficiação, reequipamento e ampliação, iniciativas muitas vezes mais úteis e merecedoras de estímulo que as dirigidas a empreendimentos novos».

Estes foram, ainda segundo o «Diário da República» de hoje, os principais elementos considerados no quadro das alterações introduzidas pelo presente diploma, aproveitando-se ainda para definir de forma mais precisa os princípios e requisitos de atribuição da utilidade turística — «instituto que, não será de mais repetilo, se tem revelado como um dos mais eficazes factores da política praticada no sector».

A revogação da utilidade turística poderá ser proposta pelo director-geral de Turismo, acompanhada de parecer fundamentado da Comissão de Utilidade Turística.

As empresas proprietárias ou exploradoras dos empreendimentos aos quais tenha sido atribuída a utilidade turística gozarão, relativamente à propriedade e exploração dos mesmos, de alguns benefícios fiscais, que segundo o novo diploma são os seguintes:

Isenção ou redução das taxas de contribuição predial, de contribuição industrial e do imposto complementar relativamente aos rendimentos provenientes dos mesmos empreendimentos; Isenção ou redução das taxas devidas, por licença, aos governos civis e à Direcção-Geral dos Espectáculos e ainda diminuição, para metade, dos prazos estabelecidos para reintegrações e amortizações.

No rescaldo das cheias

Comerciantes do Cacém lutam por soluções

Uma comissão de comerciantes e industriais de Agualva- Cacém, afectados pelas inundações, inicia na próxima semana diligências destinadas a conseguir soluções para os seus problemas – informou um porta-voz da junta de freguesia local.

Formada sábado durante uma reunião efectuada sob os auspícios da junta de freguesia, a comissão integra a presidente deste órgão, Aida Leandro, um representante dos Bombeiros locais e sete comerciantes e industriais.

Na reunião, muitos comerciantes e industriais presentes reconheceram o apoio da autarquia local e criticaram, por outro lado, a actuação do Governo afirmando que este «tem ignorado a situação» e tarda em pôr em prática «medidas que possam minorar os prejuízos e permitir o relançamento das actividades afectadas».

Segundo foi afirmado, os prejuízos sofridos na freguesia ultrapassam os 219 mil contos.

A comissão encetará contactos com o Governo através da Direcção Geral do Comércio e do IAPMEI, com a Câmara Municipal de Sintra e com a Direcção-Geral do Comércio.

Uma carta de J. Laginha Serafim

Sobre declarações do arq. Ribeiro Teles, publicadas no «DL» do passado dia 21 de Novembro, recebemos uma carta do nosso colaborador J. Laginha Serafim, que reproduzimos a seguir:

«Li, na devida altura, a propósito das graves consequências das enxurradas que enlutaram a região de Lisboa na noite do passado dia 19, uma entrevista com o senhor arquitecto Ribeiro Teles, publicada no «DL» do dia 21, à qual não posso deixar de fazer alguns reparos.

1 – Ainda que esteja totalmente de acordo em que não se deve deixar ocupar os leitos das linhas de água e se evite, por todas as formas, a construção clandestina, é necessário que, ao atribuir culpas a certas entidades, se verifique se elas têm os meios de fiscalização indispensáveis para impedir aquela desordem, que muito contribui para os nefastos efeitos das enxurradas. Não tenho procuração de ninguém, nem me pediram qualquer ajuda para que os defendesse, nem eu o faria, mas atacar o D.G. R.A.H., um organismo centenário, que hoje não dispõe de metade dos seus guarda-rios para exercer essa fiscalização e para outras acções, é, pelo menos, injusto. O ataque devia ser feito ao Governo, que não deixa contratar ninguém, mesmo havendo um quadro e mesmo que a função seja do mais alto interesse público.

2 – Cimentar leitos e margens de ribeiros, canalizá-los e entubá-los pode ser útil. Isso não é, pedimos desculpa, «o contrário do que devia ser feito», como diz o entrevistado.

3 – A densidade demográfica aumenta; tem de se fazer mais habitações, mais ruas, estradas, etc. que, é certo, diminuem a infiltração e aumentam os coeficientes de vazão. Disso todos sabemos. E o que devemos fazer não é dizer que não aumente a população ou não se façam mais casas e estradas mas antes cuidar as linhas de água e fazer os estudos e as obras que evitem o risco de maiores caudais e as inundações de muitas áreas urbanas, algumas de elevadíssimo valor. O que se passou na área da grande Lisboa, depois de já ter ocorrido em 1967, demonstra a incapacidade e ignorância de muitos, entre eles, altos responsáveis».

Por se ter recusado a pagar-lhe a corrida

Taxista atinge cliente com um tiro na boca

Face à recusa de um cliente em pagar-lhe a «corrida», um motorista de táxi puxou da sua pistola e disparou sobre ele vários tiros, um dos quais o atingiu na boca. A ocorrência teve lugar esta madrugada no Bairro do Lagarteiro, no Porto, onde terminara a viagem feita por Manuel Sabino Pinho de Araújo, de 54 anos, morador no referido bairro, no Bloco 11, entrada 156.

Em relato posterior, feito na 3.ª esquadra da PSP – onde se apresentou voluntariamente – o taxista Américo Alves Cardoso residente em Gondomar declarou que o cliente se recusou a pagar o frete e ante a sua insistência ainda o agrediu a soco.

Para se defender disparou vários tiros que atraíram alguns moradores do mesmo bairro que, disse, logo tomaram o partido de Manuel Sabino.

Por se sentir, então, ameaçado, o taxista fez novo disparo que foi atingir o cliente na boca, após o que se pôs em fuga, já que os populares prepavam-se para o linchar. Conforme demonstrou, o táxi apresentava diversas mossas provocadas pelas pedras que os referidos populares lhe arremessaram.

Na ausência de flagrante delito, as autoridades apreenderam apenas a arma do crime (devidamente legalizada) e mandaram o taxista em liberdade.

Quanto a Manuel Sabino foi conduzido numa ambulância do «115» ao Hospital de S. João, onde ficou internado em estado que inspira certos cuidados.

Exigindo maior comparticipação do Estado

Degradação da saúde dentária denunciada por técnicos de próteses

Técnicos de prótese dentária terminaram ontem em Lisboa o seu Primeiro Encontro Nacional com um apelo ao Governo para que promova de imediato a actualização das comparticipações da Segurança Social no custo das próteses dentárias.

A resolução aprovada no encontro, os técnicos para-médicos presentes assinalam que estas comparticipações têm um valor fixo que permanece imutável há 14 anos e alertam a opinião pública para a degradação da saúde dentária resultante da manutenção desta situação.

Afirmam ainda que as comparticipações nunca asseguram cobertura razoável do custo das próteses e assumem neste momento valores ridículos face à contínua elevação dos preços desde 1969.

Durante o encontro, foi também reafirmada a necessidade e urgência do ensino da prótese dentária em Portugal, «o qual – diz-se numa resolução – não se pode limitar a meros cursos de formação profissional sem nível adequado às exigências técnico-científicas» da profissão.

Foi ainda exigida a participação do Sindicato dos Técnicos de Prótese Dentária e da Associação dos Industriais de Prótese, entidades organizadoras do encontro, nas questões ligadas à instalação de estabelecimentos de ensino de prótese dentária e à definição dos cursos que neles serão ministrados.

O encontro aprovou, na generalidade um projecto de Código Deontológico e marcou o próximo dia 31 de Março como data limite para a eleição dos técnicos de prótese dentária no conselho deontológico.

Museu Zoológico de Coimbra: um tesouro em perigo

Os incêndios que há meia dúzia de anos destruíram os museus zoológicos das Universidades de Lisboa e Porto podem repetir-se no de Coimbra e assim extinguir em Portugal esta espécie de estabelecimento.

Um relatório recente dos bombeiros de Coimbra alerta para o velho sistema eléctrico do edifício onde se encontra instalado o museu zoológico, perfeitamente apto a «chispar curto-circuitos».

A humidade que se infiltra pelos telhados, paredes e janelas são multiplicadores deste perigo a que se junta um paiol de produtos inflamáveis existentes sob as instalações.

Os buracos que os tempos fizeram no edifício, desde o tecto aos soalhos, têm outra valência negativa: franqueiam a entrada a todo o género de insectos que corrompem o recheio museológico.

Na ânsia de proteger esse recheio, preciosíssimo segundo os especialistas, um erro se tem cometido: combater as traças, para que elas não destruam os espécimes, com tão fortes doses de arsénico que chagam a fazer perigar a saúde de funcionários.

Não se ficam por aqui os azares do velho instituto resultante da reforma pombalina da universidade: o que lhe sobra em danificações, falta-lhe em abundância de quadros.

Quer isto dizer que, mesmo que o museu tivesse instalações adequadas, não poderia funcionar bem por carência de pessoal.

Horst Engels, professor alemão (RFA) convidado da Universidade de Coimbra na área da sistemática e ecologia do laboratório e museu Zoológico, disse à ANOP que no seu país «qualquer museu com a dimensão deste, requere nada menos de 50 funcionários».

«O de Coimbra não tem nenhum ao seu exclusivo serviço, a não ser a mulher de limpeza» – acrescentou a docente Isabel Carreira. O pessoal comum do departamento é todo hegemonizado pelos laboratórios.

Não existem conservadores nem pessoal com formação científica interessado na área da sistemática. Falta mesmo um embalsamador, ou taxidermista, lugar em aberto há mais de 20 anos.

Por tudo isto, professores e alunos mostram-se preocupados com o futuro do museu zoológico, até ao ponto de terem constituído, recentemente, uma comissão orientada à sua defesa e preservação.

Horst Engels defende a mobilização dos conimbricenses para a criação de um grupo de amigos da instituição.

Pôr em prática esta ideia nem sequer seria difícil porque Coimbra e a sua região querem muito ao seu «museu dos bichos» – nome por que é vulgarmente conhecido o museu Zoológico.

O museu contém cerca de 650 mamíferos, 3600 aves, 250 anfíbios e répteis, 300 peixes, 7000 conchas, 120 esqueletos, 220 ninhos de aves, 100 corais, 1760 invertebrados conservados em álcool e 200 mil insectos.

Algumas das espécies representadas acham-se em vias de extinção ou já extintas, como é o caso da cabra do Gerez.

Relativamente a outras, elas estão abrangidas pelo acordo de Washington, de protecção às espécies raras, pelo que não é fácil, nem seria correcto, tentar obtê-las para novas colecções.

Encontram-se neste grupo a baleia, alguns marsupiais, o leopardo e vários pássaros e borboletas que o Museu de Coimbra armazena.

Esta noção de armazém é muito repetida por docentes e alunos universitários que se impacientam face à falta de sistematização e à maneira como os espécimes são expostos (ou o não são), desorganizada e prosmiscuamente.

A responsabilidade não é imputável aos quadros, que simplesmente não existem. Ocorre é que, também em matéria de finanças, o Museu é «o filho deserdado» do departamento de Zoologia: tal como o pessoal, as verbas são absorvidas pelos laboratórios.

A exiguidade do edifício constitui outro factor limitante do «Museu dos Bichos», instalado há dois séculos no antigo colégio dos jesuítas, hoje espaço decréptico e pequeno para a função que lhe cumpre.

Anuindo a um pedido de Horst Engels, quatro dirigentes do Museu Estadual de Ciências Naturais de Karlsruhe (RFA) emitiram, em Março de 1982, um parecer sobre o Museu de Coimbra.

«Um bem de cultura, a nível internacional, de primeira categoria, que inclui um tesouro insubstituível de espécimes naturais a todos os títulos memoráveis», é como esses responsáveis classificam o museu.

Os peritos advertem para as deficiências que ameaçam o estabelecimento e consideram a sua protecção uma tarefa prioritária.

Na sequência dessa deligência e das interferências da comissão do museu, foi-lhe recentemente atribuída a verba de 50 milhões de escudos, que está a ser gasta na reconstrução do telhado.

Trata-se de quantia irrisória que não permite acudir a não ser a uma ínfima parte de quanto no estabelecimento se encontra degradado e a carecer de modernização.

Dos tectos aos soalhos, passando pelos expositores e outro mobiliário, existem mil coisas para refugar, a menos que se desista de salvar o museu e recuperar o seu prestígio, em vias de declínio.

Dada a singularidade do estabelecimento e a sua representatividade, justifica-se até a reclassificação do Museu Zoológico de Coimbra, como museu nacional.

Rodrigues dos Santos
ANOP/«DL»

Enófilos da Bairrada promovem confraternização

O ministro do Comércio e Turismo foi proclamado, na madrugada de ontem membro honorário da Confraria dos Enófilos da Bairrada, no final de uma festa de confraternização que estes realizaram no «Palace» do Buçaco.

A admissão de Álvaro Barreto e de mais 40 associados, entre os quais três mulheres, foi acompanhada da entrega de insígnias especiais: gabões (antigos capotes regionais), com alamares de prata e tamboladeiras, ou pequenas conchas, usadas pelos escanções nas provas de vinhos.

«Que te trouxe aqui?» – perguntava em latim o marquês da Graciosa, presidente da confraria, a cada um dos neófitos.

A resposta a esta e outras perguntas do formulário não variava: «Vinum bairradinum», iam respondendo os novos confrades.

Numa intervenção, o ministro Álvaro Barreto disse ter sido a segunda vez que aceitava um convite sem saber o que vinha encontrar. A primeira vez, acrescentou «foi quando me chamaram para me fazer ministro».

Aludindo a uma garrafa de vinho da Bairrada que na festa fora leiloada por 51 mil escudos, Álvaro Barreto aconselhou o sistema ao Governo: «com leilões assim rendosos, evitava-se subir tanto os impostos». O ministro considerou «de extrema importância a acção dos enófilos da Bairrada, para defesa da qualidade da vinha e do vinho que ajude à competição no seio do Mercado Comum».

«Quando a alegria e o bom convívio estão a falhar tanto na sociedade portuguesa, reuniões como esta constituem um remédio para esse mal», acentuou também o ministro do Comércio e Turismo.

A Confraria de Enófilos da Bairrada, que surgiu há cinco anos com apenas 16 sócios fundadores, conta a partir de hoje com 250 membros seleccionados entre produtores, proprietários de caves, técnicos e investigadores da área da vinicultura.

«É um movimento de suma importância para vigiar e estimular a qualidade dos vinhos da Bairrada» – sublinhou Diniz Ramos, presidente da Câmara de Águeda, que falou em nome dos novos associados.

«É nesse sentido que a confraria tem actuado, promovendo entre os seus membros, a maior parte dos quais frequentou cursos na estação vitivinícola da Beira Litoral (Anadia), a permanente actualização.

Para isso a confraria promove todos os anos duas visitas de estudo a zonas vinhateiras do estrangeiro e a regiões demarcadas no interior do País.

Outro seu desígnio é a organização de uma garrafeira turística à base de vinhos da Bairrada produzidos pelos sócios, e que vão sendo seleccionados e premiados.

Foram dez garrafas de um vinho desses, numerada que, num leilão realizado na festa do Buçaco, renderam 115 mil esdudos – quantia que vai ser destinada aos prémios de um concurso literário sobre a região demarcada da Bairrada.

Processo do Sindicato entregue no Ministério do Trabalho

"Desterro" de comissário Santinhos não paralisou Pró-Associação da PSP

Com o primeiro comissário Joaquim Santinhos «desterrado» em Bragança, a Comissão Pró-Associação Sindical da PSP mostrou continuar de boa saúde apesar de «decapitada» daquele seu membro carismático, e, na passada sexta-feira, à tarde, fez entrar no Ministério do Trabalho o processo jurídico para a legalização do sindicato. Mas a propósito do comissário Santinhos, que é sócio da IPA (Associação Internacional de Polícia), e da sua abrupta transferência, decretada por Almeida Bruno e Eduardo Pereira, talvez seja oportuno recordar uma frase que proferiu recentemente: «Eu até estive em Vila Real – disse – e dou-me muito bem com os transmontanos. Todavia, tenho uma filha aqui em Lisboa, a acabar o Curso de Letras, já atingi os 53 anos e sou um homem doente».

Voltando, no entanto, ao acto de entrega do processo no departamento da Praça de Londres, escrevemos que o mesmo se regeu pelos princípios constitucionais em vigor (no que à Lei da Defesa Nacional diz respeito), ignorando assim a proposta de lei votada apressadamente na Assembleia da República pelos deputados do PS e do PSD, no sentido de relegar para Junho de 1984 a discussão do futuro estatuto da corporação, de forma a proibir, até essa data, o exercício dos direitos sindicais dos seus elementos.

Esta decisão dos activistas sindicais da PSP surgiu numa altura em que acabavam de ser empossados os órgãos directivos da Associação Sindical dos Funcionários de Investigação da Polícia Judiciária. Num comunicado distribuído durante a cerimónia pela referida Associaçao é salientado ter sido dado assim «mais um passo na consolidação daquela que é a primeira organização de classe dos funcionários de Polícia no nosso País».

A delegação da Pró-Associação Sindical da PSP quando dava entrada no Ministério do Trabalho

O que se passa em Espanha

Simultaneamente em Espanha cerca de três mil membros do Corpo Superior de Polícia (CSP), já devidamente sindicalizados, desfilaram pelas ruas de Madrid afirmando-se marginalizados pelo poder em favor da Guarda Civil (espécie de GNR), ao mesmo tempo que consideraram «estarem ameaçadas as suas liberdades sindicais» através da pretendida unificação das forças policiais num Instituto Civil Armado que, em sua opinião, «cheira a militarização escondida». Recorde-se que a luta dos sindicalistas da PSP tem como ponto básico levar à completa autonomia da corporação relativamente ao Exército.

Na vizinha Espanha, três mil polícias (agentes, inspectores e comissários) manifestaram-se assim, em luta aberta e legal, pelos seus direitos enquanto cidadãos livres numa sociedade democrática (em Portugal os seus colegas de profissão viram as mesas de voto seladas pelos governadores civis, alguns deles, como Cal Brandão, vindos das fileiras da luta antifascista). E pensamos que tudo isto acontece num País onde, e ao contrário do que se passou entre nós, nem sequer, para além da morte natural de Francisco Franco, houve um simulacro de revolução.

Manuel Geraldo

FEIRAS E EXPOSIÇÕES 1983

Hotel EXPO 83

VIAGENS COM ALOJAMENTO GARANTIDO

FRANKFURT

HEIMTEXTIL—Feira Internacional de Têxteis para o Lar	10 a 14 Jan.
Feira Internacional de Instrumentos Musicais	03 a 07 Fev.
Feira Internacional de Frankfurt	24 a 28 Fev.

PARIS

Salão Internacional do Móvel Salão Internacional da Iluminação Salão Náutico Internacional Salão dos Atliers D'Arte e Criação BIJORHCA—Salão Internacional de Bijuteria, Joalharia, Relojoaria e Artigos para Presentes	11 a 15 Jan.
SEHM—Salão Internacional da Moda Masculina Salão Internacional da Moda Infantil Salão "Inter-Saisons" Salão Internacional de Artigos para o Lar	03 a 07 Fev. + 04 a 08 Fev.
Salão Internacional do Pronto-a-Vestir Feminino Salão Internacional da Lingerie	10 a 14 Fev.

COLÓNIA

Feira Internacional do Móvel	17 a 22 Jan.
DOMOTECHNICA—Feira Internacional das Técnicas Domésticas, Electrodomésticos e Cozinhas	07 a 11 Fev.
Salão Internacional da Moda Masculina Salão Internacional do "Jeans"	18 a 21 Fev.
Feira Internacional da Quinquilharia, Ferragens, Ferramentas e do "Faça-Você-Mesmo"	28 Fev. a 03 Mar.

DUSSELDORF

IMPRINTA—Exposição Internacional Sobre Técnicas de Comunicação	21 a 24 Fev.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES — PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS

DESDE 1840 abreu

LISBOA: Avenida da Liberdade, 160 Tel. 37 13 41
LISBOA: Avenida de Roma, 66-B Tel. 80 36 09
ALMADA: Rua de Olivença, 9-C Tel. 275 62 72
PORTO • BRAGA • COIMBRA • FARO • PORTIMÃO • FUNCHAL

ALVARA Nº35-OPERADOR TURÍSTICO

trabalho

Sindicalista de El Salvador denuncia

Maioria dos sindicatos estão na semiclandestinidade

Os sindicatos salvadorenhos exigem participar, como força organizada e autónoma, nas negociações entre o Governo e a guerrilha, disse Cristina Martinez, dirigente do Comité Unitário Sindical (CUS).

Cristina Martinez, que esteve em Portugal, a convite da GCTP-Intersindical, realiza uma série de contactos com partidos políticos e organizações sindicais europeias para sensibilizar a opinião pública acerca da situação económica e laboral em El Salvador.

A dirigente do CUS avistou-se, na Assembleia da República, com representantes dos grupos parlamentares do PS, PCP, CDS, MDP e UEDS.

Expôs as reivindicações económicas, sociais e democráticas do movimento sindical salvadorenho e solicitou a solidariedade das forças políticas e sindicais democráticas portuguesas com os dirigentes sindicais salvadorenhos assassinados, presos ou desaparecidos, vítimas da repressão do regime militar salvadorenho ou dos «esquadrões da morte», organização de ultradireita.

Cristina Martinez disse, ainda, que o Decreto 366, que autoriza a detenção arbitrária dos dirigentes e delegados sindicais e decreta a militarização das empresas consideradas de «interesse estratégico nacional» obrigou a maior parte dos sindicatos a passar à semiclandestinidade, embora a legalidade vigente consagre a existência legal das organizações sindicais.

A CUS, precisou Cristina Martinez, agrupa as federações sindicais que reconhecem a Frente Democrática Revolucionária (FDR) como «vanguarda do povo salvadorenho» e a guerrilha da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional (FMLN) como o seu braço armado.

Organização unitária onde coexistem várias tendências político-sindicais, o CUS mantém relações com outros sindicatos independentes e teve contactos com «sectores progressistas» da Igreja Católica e da democracia cristã salvadorenhas.

A série de contacots desenvolvidos actualmente, na Europa, por representantes sindicais salvadorenhos destina-se, explicou Cristina Martinez, a dar a conhecer a plataforma reivindicativa aprovada numa reunião alargada de 300 delegados de sindicatos afectos à CUS e independentes, celebrada na semiclandestinidade em El Salvador, no dia Primeiro de Maio de 1983, e posteriormente apresentada ao Monistério do Trabalho e ao presidente Álvaro Magano.

A plataforma inclui o pedido de anulação de toda a legislação anti-sindical, o levantamento do congelamento dos salários, subsídios estatais para diminuir os preços dos produtos alimentares de consumo popular (arroz, feijão, leite), assistência médica e farmacêutica e a libertação imediata e incondicional dos presos políticos e sindicais.

Os sindicatos exigem ainda a reabertura das sedes sindicais e da Universidade Nacional de São Salvador, com intervenção militar desde 1980.

A representante do CUS apela ainda para a solidariedade dos partidos e sindicatos democráticos e da opinião pública em geral, contra a repressão em El Salvador, chamando a atenção para o assassínio de cinco dirigentes sindicais e o desaparecimento de 17 outros, a 27 de Setembro de 1983.

Segundo Cristina Martinez, o actual Governo de El Salvador, além de perpetuar a guerra civil e intensificar a repressão contra a população, nomeadamente os camponeses, suspeitos aos olhos dos militares, de simpatizar com a guerrilha, revelou-se incapaz de desenvolver as reformas económicas e sociais prometidas depois do golpe militar de 1979.

E consequência, os sindicatos apoiam a proposta da FDR de abertura imediata e incondicional de negociações com o Governo de São Salvador para procurar uma solução política para a crise do país e exigem participar nestas negociações como força organizada e autónoma, representante dos trabalhadores salvadorenhos.

Ontem em Vila Real

Mineiros da UGT fizeram congresso

Torres Couto afirmou, ontem em Vila Real, que a UGT vai «reivindicar imediatamente» junto do Governo a diminuição do horário de trabalho dos mineiros para 35 horas semanais e um sistema bonificado de reformas para o sector.

O secretário-geral da UGT, que se deslocou expressamente a Vila Real vindo de Paris, onde participou numa manifestação de protesto contra o racismo, falava na sessão final do segundo congresso do Sindicato dos Mineiros, que ontem decorreu naquela cidade transmontana.

No documento final do congresso, os mineiros reivindicavam a antecipação da idade da reforma para os 50 anos de idade, ou 20 de mina, e a anulação das disparidades salariais e ao nível de regalias sociais existentes nas diversas empresas do sector.

O texto, aprovado por unanimidade, condena a aplicação da Lei de Suspensão Temporária de Trabalho, designada por «**lay-off** e critica a política fiscal do Governo, designadamente em relação ao agravamento dos impostos.

Os mineiros preconizam ainda a constituição de um Conselho Nacional de Concertação, onde estejam representados os sindicatos, as entidades patronais e o Governo, e exigem do poder central medidas tendentes a instalar um centro de recuperação para os trabalhadores das minas afectados por doenças profissionais.

O segundo Congresso do Sindicato dos Mineiros, ao qual assistiu uma delegação da Federação Internacional dos Mineiros, sediada em Bruxelas, contou com a participação de 140 delegados de todo o país.

breves

Os trabalhadores metalúrgicos paralisam amanhã entre as 14 e 30 e as 20 horas, nos distritos de Lisboa e Setúbal, e das 15 às 20, nos restantes distritos, a fim de pressionarem as associações patronais a negociarem o CCTV. No mesmo dia estão previstas concentrações junto do Ministério do Trabalho e das suas delegações que acusam de conivência com o patronato. Além do processo de revisão do CCTV os trbalhadores das indústrias de metalurgia e metalomecânica vão estar em luta pelo pagamento dos salários em atraso, contra a lei dos despedimentos, contra o «roubo do 13.º mês» e o custo de vida e pelo direito ao trabalho.

● O papel dos sindicatos no reforço das actividades pela paz e pelo desarmamento foi sublinhado na sexta-feira, numa reunião entre o presidente da Confederação Sindical da Alemanha Democrática, Harry Tissch, e o dirigente português da Indersindical, José Luís Judas. Os dois dirigentes destacaram a «importante contribuição» dos sindicatos e das massas trabalhadoras para pôr termo à corrida nuclear e para deter a instalação dos mísseis norte-americanos na Europa Ocidental. Apelaram aos dirigentes de todos os movimentos sindicais europeus a manifestarem a sua determinação na luta pela paz e pelo desarmamento.

● Apoiada pela Federação dos Ferroviários e pela comissão de reformados da CP realiza-se no próximo dia 13, junto ao Ministério das Finanças, uma concentração de reformados e pensionistas daquela empresa pública. Objectivo: exigir o pagamento dos aumentos das pensões que teoricamente vigora desde 1 de Fevereiro. Entretanto, um comunicado da Federação Sindical do sector salienta que a «retenção das verbas do aumento no Ministério das Finanças demonstra claramente a chocante insensibilidade do Governo, na medida em que procura justificar absurdas teorias de equilíbrio orçamental, punindo precisamente os que menos podem».

● O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Fabricação e Transformação do Papel, Gráfica e Imprensa do Norte considerou «inadmissível» a demora de três meses na publicação do CCTV do sector. Esta situação provoca «sérios prejuízos aos trabalhadores, quer pelo facto de algumas empresas ainda não terem procedido à aplicação dos novos valores, quer igualmente pelos efeitos que tal atraso poderá ter na próxima revisão». Recorde-se que os aumentos salariais têm efeitos retroactivos a 1 de Janeiro de 1983 e que a próxima revisão deverá produzir efeitos a partir de 1 de Janeiro do próximo ano.

Prossegue esta tarde o julgamento dos sindicalistas da FP

Realiza-se, esta tarde, no Tribunal de Polícia, mais uma sessão do julgamento dos 23 sindicalistas da Função Pública, detidos no passado dia 9, junto da residência oficial do Primeiro-Ministro.

A sessão de hoje deverá ser preenchida com a audição das testemunhas de defesa dos restantes 13 réus (as dos 10 primeiros foram ouvidas na sessão do dia 28) e a do agente policial que procedeu à detenção dos acusados.

A defesa pediu também que fosse ouvido o comandante da Quarta Divisão da PSP de Lisboa, à qual pertence a esquadra das Francesinhas onde os réus foram identificados.

A deputada Helena Cidade Moura é uma das 23 testemunhas que se prevê façam hoje o seu depoimento.

Na altura da detenção, recorde-se, os dirigentes sindicais efectuavam uma vigília de 24 horas enquanto aguardavam a marcação de uma reunião e demais reivindicações contidas nas «12 medidas urgentes para a Função Pública» entregues pela Frente Comum de sindicatos.

PREVENÇÃO DO TABAGISMO

Artigo 3.º

Proibição de fumar em meios de transporte

1 - É proibido fumar nos veículos afectos aos transportes colectivos públicos urbanos de passageiros e, bem assim, nos suburbanos e interurbanos ou em serviços de aluguer ou turísticos com duração de viagem até uma hora, incluindo os rodoviários, ferroviários e fluviais.

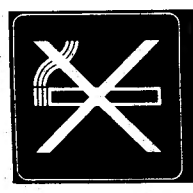
2 - .....

3 - Nos transportes colectivos ferroviários com duração de viagem superior a uma hora poderão ser destinados compartimentos ou carruagens a passageiros fumadores, não devendo os respectivos lugares exceder metade do total de cada classe nem porporcionar, por ausência de dispositivos adequados, condições de propagação do fumo junto dos não fumadores.

4 - Nos barcos afectos a carreiras fluviais com duração de viagem superior a uma hora só será permitido fumar nas áreas descobertas, sem prejuízo das limitações constantes dos regulamentos emitidos pelas empresas transportadoras ou pelas capitanias de portos.

5 - .....

Caminhos de Ferro Portugueses



Não fumadores

No fumadores

Non fumeurs

comunicação social

I Encontro de Jornalistas Açorianos

'Liberdade de expressão ameaçada'

— uma das conclusões

● *Quando um director geral para o sector?*

O I Encontro de Jornalistas Açorianos, no seu termo, denunciou as «pressões e tentativas de controlo da Informação desenvolvidas pelos órgãos do poder regional».

Efectivamente, as conclusões finais do encontro, aprovadas após três dias de trabalhos em Ponta Delgada, notam que a «liberdade de expressão, que caracterizou os primeiros tempos da autonomia constitucional, está a ser ameaçada».

Na verdade, diz o documento, verifica-se que «consolidada a autonomia, o regime parece ter-se esquecido da Comunicação que a criou, facto provado pela ausência de uma política de Informação».

As conclusões afirmam que as tentativas de controlo da Informação «têm maior expressão nos órgãos de Comunicação Social estatizados, levando-os a veicular uma informação predominantemente oficiosa».

Indicam como principal instrumento dessas tentativas «o preenchimento dos quadros de chefia na base da confiança do poder, em detrimento da competência profissional».

Neste sentido, o encontro exigiu a «eliminação das concepções que têm presidido às nomeações de pessoas oriundas do continente para cargos de chefia na redacção da RTP/Açores, por estarem desfazadas da realidade insular».

O documento chama ainda a atenção para o facto de «deliberadamente o Governo se assumir como patrão no seu relacionamento com os órgãos de Comunicação Social estatizados, confundindo-se com o Estado».

Condena também as restrições ao acesso às fontes de Informação, «a pretexto de alegado secretismo, e reivindica o cumprimento da lei». Afirma, por outro lado, não existirem condições para a formação de muitos jornalistas, não estando os órgãos de Comunicação Social estatizados a cumprir a lei nesta matéria.

Defende, na sequência, que ao abrigo dos acordos luso-francês e luso-americano sobre bases no arquipélago sejam negociadas contrapartidas que possibilitem a formação profissional naqueles países.

As conclusões apontam para a instalação de uma estrutura regional que congregue os jornalistas sob a forma de um clube ou de uma delegação do sindicato.

Encara-se com preocupação as «restrições ao exercício da profissão que se divisam no anteprojecto da Lei de Imprensa» e estranham que os responsáveis pelos jornais dos Açores não tenham sido convidados para a sua apresentação.

Os participantes do encontro aprovaram, aliás, por unanimidade, a decisão de enviar um telegrama de repúdio ao ministro Almeida Santos.

O documento manifesta estranheza pelo facto de se encontrar vago há vários meses o cargo de director regional da Comunicação Social, «considerando essa situação significativa da forma como o Governo trata a Comunicação Social».

Recomenda-se, finalmente, a realização de dois em dois anos de encontros semelhantes ao agora terminado.

O I Encontro de Jornalistas Açorianos, que decorreu em Ponta Delgada desde quinta-feira passada, teve a participação de cerca de 80 jornalistas, entre os quais convidados da Madeira, um representante da Imprensa das Canárias, e cerca de uma dezena de jornalistas açorianos radicados no continente.

A sessão de encerramento foi presidida pelo ministro da República para os Açores, Conceição e Silva, e a ela estiveram presentes o vice-presidente do Parlamento açoriano, Roverto Amaral, e presidente do Governo, Mota Amaral, e membros do seu gabinete.

Durante a sessão foram lidas várias mensagens de saudação, entre as quais uma do Presidente da República, Ramalho Eanes. Mário Mesquita, director do «Diário de Notícias», recordou os seus primeiros contactos com as redacções dos jornais em Ponta Delgada e referiu os progressos verificados na Imprensa açoriana após o 25 de Abril.

A intervenção final coube a Gustavo Moura, director do «Açoriano Oriental», que afirmou ter o encontro que prosseguir «nas nossas redacções».

Casa da Imprensa

Amanhã, pelas 16 horas, procede-se, em assembleia geral ordinária, na Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa), à apreciação e votação do orçamento e do programa de acção para o exercício de 1984.

Não havendo número suficiente de sócios, efectuar-se-á, em segunda convocação, no dia 15 do mês corrente, à mesma hora, a mencionada assembleia geral ordinária, com qualquer número de presenças.

Húngaros demitidos na Roménia

Quatro redactores, três deles chefes de Redacção, de três jornais húngaros da Roménia foram demitidos esta semana pelas autoridades, soube-se, segundo a Agência France Presse, nos meios confusos da emigração húngara em Viena.

A minoria húngara da Roménia, que conta 1,7 a 2 milhões de pessoas, queixa-se de uma assimilação forçada, praticada, segundo essa minoria, pelas autoridades de Bucareste.

Milena Nuñez, mulher da Nicarágua:

"A vida de revolucionária satisfaz-me"

«Estamos na expectativa», disse, fitando os cinzentos e verdes dum jardim interior da Gulbenkian. «Aos nossos pedidos de diálogo, os Estados Unidos respondem que sim, senhores, havemos de dialogar mas, entretanto, vão cercando as nossas costas de navios de guerra. Quando, dentro de alguns dias, regressar à Nicarágua vou reocupar o meu posto no comité executivo da associação de educadores nicaraguenses, ANDEN, ou poderei partir com o batalhão de milícias em que estou integrada».

«Todos os professores nicaraguenses foram mobilizados?», perguntámos.

«Do pré-Escolar ao Superior. Toditos», respondeu.

«O que farei quando regressar ao meu país depende das condições que lá encontrar»

Exteriormente, Milena Nuñez nada tem a ver com as lendárias guerrilheiras que acompanharam Che Guevara ou Fidel Castro, as primeiras da América Latina cuja imagem correu mundo.

Nem a saia e blusa lilás, nem a maquilhagem leve, nem a «compostura» a identificaram como revolucionária e combatente. Mas a convicção, a confiança e a determinação na vitória do seu país na luta pela liberdade e o progresso, transmitiram-nos a dimensão do seu empenhamento na Revolução Sandinista.

É certo que se encontrava a muitos quilómetros de Atlântico da sua pequena (em dimensão) Nicarágua, rodeada pelo inimigo de todos os lados.

É certo que se encontrava entre professores, nas instalações aprazíveis da Fundação Gulbenkian, em Lisboa, onde participou, como representante das organizações de docentes ANDEN e FOMCA, no Encontro Internacional de Professores sobre a Nova Ordem Económica Internacional e na reunião da FISE (Federação Internacional dos Sindicatos de Ensino) que se lhe seguiu.

Foi pois assim, envolta em tons lilases e nas memórias próximas da sua terra, que nos falou, diante dum jardim, do que é e foi a sua vida na Nicarágua.

«O que farei exactamente quando voltar daqui a dias ao meu país depende das circunstâncias que lá encontrar», afirmou. «Quando me vim embora, a última informação que recebi dizia que se mantém a ameaça duma agressão iminente do imperialismo. O meu país sofre actualmente um bloqueio naval de 19 navios de guerra dos Estados Unidos, envolvidos nas manobras Ahuas Tara II. Participam, além disso, 18 mil soldados e, entre eles, 5 mil **marines** norte-americanos. Verifica-se também concentração de tropas na fronteira Norte das Honduras e de contra-revolucionários nessa fronteira e na do Sul, junto à Costa Rica.

Todos são treinados, armados e orientados pela CIA».

1040 milhões de dólares de prejuízo

«Os contra-revolucionários gozam fundamentalmente do apoio do exército hondurenho. Com esse apoio, cometem sabotagens e crimes graves contra a nossa precária economia. Podemos actualmente contabilizar 1040 milhões de dólares em prejuízos económicos. Esses crimes assumem a forma de incêndios de centros de produção, tais como cooperativas; destruição de escolas e de centros de desenvolvimento infantil; destruição de maquinaria agrícola e de construção civil. Os contra-revolucionários infiltraram-se no país e, através das Honduras, atacam também a população civil, geralmente camponeses que andam a trabalhar no campo e, depois, fogem de novo para as Honduras, onde são protegidos pelo exército».

Mas há outras formas de ataque, por exemplo, o bombardeamento do aeroporto internaciopnal de Manágua, Augusto César Sandino, e o ataque ao porto de Corinto, o mais importante do país, por uma lancha rápida. Neste porto os atacantes incendiaram um depósito com oito milhões de litros de **Diesel**, correndo o porto e 30 mil pessoas o risco de uma explosão.

«Há no vosso país um acolhimento caloroso sempre que se fala da Nicarágua»

«Nos últimos três meses», prossegue Milena Nuñez, «registaram-se 38 emboscadas às Forças Armadas nicaraguenses, 38 ataques a postos fronteiriços, 218 encontros armados, 55 ataques à população e 170 sequestros. Os contra-revolucionários levam os sequestrados (da população civil e geralmente rural) para as Honduras, onde os matam; outras vezes, matam-nos mesmo na Nicarágua e deixam os cadáveres pelo caminho. Verificaram-se ainda 39 sabotagens, 241 violações aéreas e 50 violações navais. De 81 a 83, morreram nesta luta 717 nicaraguenses, entre elementos civis e das Forças Armadas. Quarenta e nove eram professores. Mas as nossas forças também respondem» acentua Milena.

«No bombardeamento do Aeroporto Augusto César Sandino, um dos aviões atacantes foi destruído pela nossa Força Aérea e, de 81 até agora, aniquilámos 1636 contra-revolucionários».

«Não somos uma ameaça para a América Central»

A intervenção dos Estados Unidos em Granada foi uma advertência para a Nicarágua cujo povo intensifica a organização para a defesa e para a reconstrução do país.

«Todo o povo actualmente se organiza em milícias populares», diz Milena. «Temos batalhões de produção (do café, por exemplo. É preciso fazer a colheita do café, produto principal de exportação do nosso país). Na cidade, o povo constrói refúgios, organiza-se em brigadas contra incêndios, primeiro auxílio e para defender a revolução. O caso recente de Granada foi para nós uma advertência e, por isso, nos preparamos para enfrentar o futuro e derrotar tentativas que atentem contra o nosso processo de libertação.»

O governo revolucionário e as organizações esforçam-se para que não haja intervenção, pois isso significaria uma guerra na América Central e uma ameaça à paz mundial. «Nós apoiamos as deligências de Paz do Grupo de Contadora e o governo revolucionário nicaraguense apresentou internacionalmente uma proposta de paz no sentido de ser assinado um convénio bilateral da América Latina para que nenhum dos seus países seja utilizado como base militar, ou permita manobras nas suas costas ou de algum modo seja palco de actividades que ameacem a paz na América Latina. Propôs também a assinatura de um acordo com os Estados Unidos para que nos assegurem a não intervenção. Os Estados Unidos dizem que somos uma ameaça à paz na América Latina mas com esta proposta demonstramos que queremos a paz. E também queremos evitar mais sangue e destruição ao nosso povo».

A representante da FOMCA e ANDEN fala da organização dos professores em batalhões de defesa e produção.

«O nosso ano lectivo termina em Dezembro e começa em Fevereiro. Já temos professores inscritos para integrarem as milícias no período de férias. Os que por qualquer razão não podem colaborar na produção ou na defesa, trabalham junto à população, ministrando cursos, por exemplo, de primeiro auxílio. Desenvolvemos também trabalho de esclarecimento, defesa civil, participamos em seminários, etc.»

Milena Nunêz esteve já integrada nas milícias em Março, Abril e Maio últimos.

«Nessa altura sofremos uma emboscada. Vínhamos cerca de 30 numa caravana militar, numa região montanhosa do país. Acompanhavam-nos jovens, operários e camponeses. De repente, um grupo de contra-revolucionários atacou-nos fortemente com morteiros. Respondemos e perseguimo-los. Nós tivemos dois feridos e eles dois mortos. Situações destas são muito comuns na Nicarágua.»

Defendemos uma causa justa

«Encaras com medo futuras situações dessas?»

«Não. Da primeira vez tive medo. Partia para o desconhecido. Agora, quando já se tem experiência, o medo desaparece. Depois, eles não têm moral, são cobardes. Nós temos moral, defendemos uma causa justa e isso tira-nos o medo. Quando vemos companheiros mortos, sentimos coragem para continuar a lutar contra os assassínios, a destruição.»

«Falas frequentemente em nome da Nicarágua, do povo, como se toda a gente em bloco estivesse com a revolução sandinista e rejeitasse a contra-revolução. Isso é verdade?»

«A maioria do povo está com a Revolução. Há partidos de direita, que se opõem ao processo revolucionário, há um jornal reaccionário – «La Prensa» – que faz a contra-revolução, desinformando. Estão desse lado os sectores da burguesia, digamos que alguns comerciantes, alguns industriais, a iniciativa privada. Mas também há na iniciativa privada elementos progressistas que estão com a revolução. E há o Conselho de Estado onde estão representados todos os partidos e organizações religiosas.»

«Ministros» de Deus passam a ministros dos homens

«A religião tem muito peso no teu país?»

«Tem. O nosso povo é maioritariamente católico, embora existam outras religiões. Politicamente, há pequenos grupos religiosos que estão contra o processo revolucionário, mas o sector cristão apoia o nosso processo revolucionário. Temos sacerdotes no governo revolucionário: o ministro da Cultura e o dos Negócios Estrangeiros, padre Miguel d'Escoto. Outro sacerdote, o padre Fernando Cardinal encabeçou a primeira cruzada de alfabetização».

O tema da alfabetização é sempre caro aos revolucionários nicaraguenses. Foi uma das primeiras tarefas da Revolução que envolveu mais de 100 mil alfabetizadores provenientes de diversos sectores da população: professores, operários, profissionais liberais etc. Com a campanha da alfabetização a taxa de analfabetismo na Nicarágua passou de 50,3 por cento para os 12 por cento actuais. À alfabetização segue-se a educação de adultos.

«Foram alfabetizadas 418 720 pessoas. Em consequência, conseguimos integrar grandes sectores da nossa população na vida política do país. Tentamos que todos os sectores tenham acesso à saúde, educação, porque só assim podem contribuir efectivamente para o desenvolvimento do país. Temos, por agora, muita falta de pessoal capacitado. Temos inclusivamente muita falta de professores com habilitação própria.

Só mas bem acompanhada pela revolução sandinista

O empenhamento na revolução sandinista não é, nesta mulher de 35 anos, um acaso. Dois dos seus sete irmãos, Carlos e René Nuñez, têm funções destacadas no processo revolucionário nicaraguense: Carlos é um dos nove comandantes da revolução e René e secretário da Frente Nacional da Revolução Sandinista.

«Meu pai era carpinteiro e já foi também opositor ao regime. Eramos oito irmãos, o meu pai morreu, tinha eu 14 anos. Sofremos miséria e injustiça. Nós, os irmãos mais velhos trabalhámos de dia e estudavamos à noite. Só os mais novos puderam ser estudantes diurnos. Nascemos numa cidade com tradições oposicionistas, Léon, a segunda cidade da Nicarágua e a primeira a ser libertada pela Revolução. É uma cidade universitária, bem organizada na história da luta.

Peseguições, prisão e tortura marcaram as vidas dos oito filhos do carpinteiro de Léon.

«Eu era professora do Estado e puseram-me fora. Tive que exercer em escolas privadas. Outros irmãos meus, que eram também professores, tiveram que mudar de profissão porque não os deixavam exercer o magistério. Carlos e René, sobretudo René, foram presos e torturados. Mas em vez de nos transmitirem o medo, eles empurravam-nos e quase todos temos hoje intervenção directa no processo revolucionário».

Milena é, aos 35 anos, a única solteira da família. Incompatibilidade da sua vida actual com o casamento?

«A revolução de facto não me deixa tempo livre para pensar nisso. Mas nada impede que me case, isso pode acontecer dum momento para outro. Não sinto qualquer vazio. Tenho muitos sobrinhos, que ajudei a criar. Quando os meus irmãos estavam na clandestinidade, eramos nós que tínhamos de os criar», comentou sorrindo e fazendo um gesto como se abraçasse uma molhada de sobrinhos.

Toda a tua família está com a revolução?

Todita.

Manuela Alves

«Crimes graves» dos ocupantes do Ulster

Vários soldados britânicos do Ulster estão a ser interrogados pela polícia da Irlanda do Norte a propósito do assassinato de dois católicos, soube-se de fonte segura em Belfast. A Polícia confirmou que um certo número de suspeitos estavam a ser interrogados sobre «crimes graves». o UDR é um corpo de auxiliares locais do exército britânico, recrutados essencialmente entre a comunidade protestante. De fonte segura indica-se em Belfast que os soldados ocupantes presos na passada segunda-feira em Armagh, no sul da «província» estão a ser interrogados no âmbito das investigações sobre o assassínio de Adrian Carroll, um católico abatido a tiro por um comando «lealista» (protestante) em 9 de Novembro em Armagh, e sobre o de Danielm Rouse, também católico, espancado até à morte quando regressava a casa, na mesma região, há dez dias.

Estudantes de Guadalajara

Mais de 10 mil estudantes de Guadalajara realizaram hoje uma marcha para condenar a intervenção dos Estados Unidos nas nações latino-americanas. Os manifestantes, membros da Federação de Estudantes de Guadalajara (México) concentraram-se frente ao palácio do governo, sede do poder executivo do Estado de Jalisco.

Os estudantes, que declararam o seu apoio ao «Grupo Contadora» fizeram desfilar pelas ruas da cidade cerca de 30 carros alegóricos, numa denúncia ao imperialismo norte-americano em El Salvador, a intervenção dos Estados Unidos em Granada e à política de Washington para com a Nicarágua.

Bokassa de regresso a França

Após quatro anos de exílio na Costa do Marfim, o antigo imperador Jean Redel Bokassa chegou inesperadamente ontem à tarde a Paris, onde vai permanecer enquanto aguarda que as autoridades francesas lhe consigam novo país de acolhimento. O seu regresso, segundo os observadores, parece estar ligado à sua recente tentativa de voltar à República Centro-Africana apoiado pelas suas hostes na Costa do Marfim, para reconquistar o poder. Acompanhado pela sua esposa e vários dos seus filhos, o imperador destronado chegou a Paris a bordo dum avião de carreira da «Air África» e instalou-se- na sua residência na rergião parisiense.

Mais uma vingança da «Camorra»

O antigo presidente socialista do município da cidade de Casoria, perto de Napoles, crescenzo casillo, foi assassinado ao princípio da tarde de ontem, em sua casa, soube-se de fonte policial. Os dois filhos da vítima, assim como o seu cunhado, ficaram gravemente feridos por dois «intrusos armados», acrescentou a mesma fonte. Por enquanto, os investigadores não detectaram qualquer ligação política neste crime, mas consideraram tratar-se duma vingança da «Camorra», talvez por causa da oposição de Casillo aos «investimentos» que o banditismo local desejava efectuar na reconstrução imobiliária depois do sismo de 1980. Os assassinos desapareceram.

Um «erro humano»

O comandante Túlio Hernandez, que pilotava o «747» colombiano que caíu perto de Madrid estava doente e tinha pedido para ser substituído logo que aterrasse — revela o jornal «Diário 16». Citando fontes ligadas à comissão oficial de inquérito ao desastre, em que perderam a vida 181 pessoas, o jornal diz que Hernandez, de 57 anos, atravessava uma fase de grande depressão e cansaço devido a problemas pessoais. Nos minutos anteriores ao desastre, o piloto comentou esses problemas com o segundo piloto, conforme se verifica pelas gravações da «caixa preta».

O «vagabundo» e o lixo

Um «vagabundo» canadiano que estava a dormir num caixote de lixo julgou chegada a sua última hora, quando se sentiu elevado e se viu atirado para dentro dum camião de recolha de lixo, equipado com um poderoso aparelho triturador. No entanto, a sorte não abandonou Augustine Gjerkes, de 49 anos, «residente» habitual em Dartmouth (Nova Escócia, costa oriental do Canadá): com efeito, o condutor do camião não pôs logo a funcionar a trituradora, esperando pela recolha de mais alguns caixotes. O «vagabundo» são e salvo, decidiu procurar outra residência menos perigosa.

Os católicos no mundo

Vivem actualmente no mundo 783 milhões de pessoas que professam a religião católica, informou em Munique a associação internacional católica «Missio». O relatório da organização acrescenta que os 783 milhões de atólicos representam 18 por cento da população total do globo. Estão distribuídos por 301 350 paróquias, servidas por 413 mil sacerdotes e 218 210 catequistas. O número total de freiras eleva-se a cerca de um milhão.

Caldera admite derrota

Candidato da oposição ganha eleições na Venezuela

A Acção Democrática venezuelana colocou-se a partir de ontem perante o seu maior repto histórico, consideram observadores em Caracas, quando o seu candidato, Jaime Lusinchi, passou a contar com esmagadora maioria na contagem dos votos para as eleições presidenciais.

Esta opinião surgiu depois de uma análise dos resultados oficiosos das eleições e da votação em massa que ontem se registou.

Para Lusinchi e para a Acção Democrática, a vitória sobre o presidente em exercício, Rafael Caldera (social-cristão da COPEI) não será propriamente surpreendente. As sondagens previam a vitória de Lusinchi, após uma árdua campanha eleitoral em que abundaram as invectivas de toda a ordem contra o candidato que se opunha a Caldera.

A Acção Democrática reapareceu depois de uma recuperação extraordinária em relação às eleições anteriores, quando perdeu frente aos sociais-cristãos. com Luís Herrera Campins à cabeça.

Em 1978, os sociais-democratas, representados por Luís Pinerua Ordaz, perderam as eleições e estiveram à beira de uma divisão.

Alguns sectores, ultimamente, aventavam mesmo a possibilidade de a acção democrática passar à História como o partido que mais divisões sofrera, e que nunca mais ganharia eleições.

O partido teve viragens profundas e, de uma crise interna acentuada a Acção Democrática, acabou por sair fortalecida.

Hoje, de novo no poder, o «partido do povo» dirigirá a política venezuelana pela sexta vez na sua História. Em 1945, esteve na presidência Romulo Betancourt, à frente de uma Junta de Governo; em 1947, Romulo Gallegos esteve uns poucos meses no poder; em 1958, Betancourt regressou à presidência para passá-la ao seu correligionário Raul Leoni em 1964.

O grande triunfo da Acção Democrática terá sido em 1973, quando Carlos Andres Perez ganhou por ampla maioria contra o social-cristão Lorenzo Fernandez.

Agora, com a vitória de Lusinchi, a Acção Democrática defronta-se com o desafio de como conduzir uma Venezuela endividada para a recuperação económica.

A dívida pública é de 30 mil milhões de dólares e, segundo os observadores, um «peso» muito forte para qualquer governo.

A Acção Democrática já designou entretanto, uma equipa, de ex-ministros para estudarem a questão e apresentarem um convénio aceitável aos banqueiros internacionais.

A esmagadora maioria obtida é ainda um desafio para Lusinchi e para o seu partido, dado que disporão de votos no Congresso para aprovar ou rejeitar quaisquer medidas.

Quem é o novo presidente

O presidente eleito da Venezuela, Jaime Lusinchi, de 59 anos, é um pediatra e o primeiro médico a ocupar a presidência em 25 anos, depois do espectacular triunfo que obteve ontem.

Em várias ocasiões, afirmou que «a medicina e a política têm muito em comum, dado que ambas cumprem uma função social».

Lusinchi nasceu em Clarines, estado do Anzoategui, a 27 de Maio de 1924 de uma família humilde. Estudou na Universidade Central da Venezuela e licenciou-se em Ciências Médicas com uma tese sobre «hipertensão em operários da Previdência Social». É casado com uma pediatra, Gladys Castillo, e o casal tem cinco filhos.

Lusinchi começou a sua actividade profissional como médico rural no seu estado natal. Mudou-se para Caracas, onde trabalhou em vários hospitais.

Durante a ditadura do general Marcos Perez Jimenez, esteve exilado. Foi director da Sociedade de Estudantes de Medicina, vice-presidente do Conselho Supremo da Federação de Estudantes, vice-presidente da Associação da Juventude Venezuelana e secretário do Conselho da Escola de Medicina da Universidade Central.

Segundo os seus simpatizantes e correlegionários, «Lusinchi distingue-se como homem que sabe estabelecer comunicação, que sabe o que é trabalhar em equipa e que tem uma particular sensibilidade para os problemas sociais».

Ainda assim, o presidente eleito da Venezuela confessava ontem, quando o seu triunfo estava já garantido, que tem medo dos jornalistas, embora tivesse para eles boas palavras de consideração.

Como primeira notícia, comunicou que tinha recebido mensagens de felicitações, de entre outros, do coordenador da Junta Sandinista da Nicarágua, Daniel Ortega. E disse: «Agradeço ao comandante Ortega esta manifestação de simpatia e solidariedade democráticas».

Lusinchi referiu-se, também, às felicitações dos presidentes da Colômbia, Belisário Betancur, e da República Dominicana, Salvador Jorge Blanco.

Por sua vez, os meios soviéticos de Informação, nomeadamente Rádio Moscovo, destacaram a vitória do candidato da Acção Democrática. Rádio Moscovo sublinhou: «Os principais postulados do programa de Lusinchi e da Acção Democrática para estabilizar a economia venezuelana e reduzir a quantidade de desempregados». No respeitante à política externa, a Rádio soviética considerou Lusinchi como um não-alinhado.

Ultimos números

Jaime Lusinchi – Acção Democrática, 2 721 446; Rafael Caldera – COPEI (social cristão), 1 834 683; Teodoro Petkoff – MAS – MIR (Movimento para o Socialismo), 254 817; José V. Rangel – MUP (Movimento eleitoral do povo), 198 257; Jorge Olavarra – OPINA (Nova República/Opinião Nacional), 45 867; Gonzalo Perez – MIN (Movimento de Integridade Nacional), 20 385.

Brasil

PMDB defende ruptura com o FMI

O Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) decidiu ontem durante a sua quinta convenção nacional, empenhar esforços para eleger o primeiro governo democrático do país desde o golpe de Estado de 1964.

O congresso da maior força eleitoral do Brasil – apesar da crise interna e das divisões constantes entre as diversas facções – publicou um documento político, económico e social que pode ser considerado o esquema de um programa de Governo.

O PMDB – tido como a alternativa democrática de governo enquanto partido mais votado nas eleições legislativas e regionais de há um ano – exigiu a convocação de eleições presidenciais directas para Novembro de 1984, ao que se opõe o regime militar que controla o país há quase 20 anos.

No documento, apresentado como «uma proposta alternativa nestas horas de éxtrema gravidade», o PMDB exige, também, a restituição ao Congresso Nacional das prerrogativas que caracterizam um poder legislativo independente, capaz de «emendar as aberrações do período autoritário».

Para o Partido, no actual processo de redemocratização, iniciado há cinco anos, é prioritária a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte que dote o país de uma carta magna, em substituição da aprovada pela Junta Militar de 1969.

Durante a convenção, o deputado Ulysses Guimarães foi reeleito presidente do PMBD – cargo que desempenha desde 1971 –, mantendo-se assim a tradicional liderança moderada de uma formação política que tem actuado como plataforma da oposição democrática ao regime militar.

Apesar da legalização dos partidos políticos, com excepção do Partido comunista e outras forças de esquerda que continuam proíbidos, o PMDB não perdeu a fisionomia dos «anos duros» e continua a apresentar-se ao eleitorado como uma frente ampla onde convivem, em difícil equilíbrio, desde democratas-cristãos a radicais de esquerda, passando por liberais, socialistas e centristas.

O documento aprovado pelo Congresso critica a política económica «antisocial e antinacional» do governo chefiado pelo general João Figueiredo, devido a três anos sucessivos de recessão, ao empobrecimento do país, ao desemprego e ao elevado índice da inflação.

«Os sacrifícios impostos pelo governo à população excedem o limite suportável», indica o documento, que preconiza a mobilização popular para conseguir a eleição directa do Presidente da República, considerada pelo PMDB o principal objectivo para conseguir a democratização plena e iniciar a recuperação económica.

O PMDB propôs a ruptura com o FMI, considerando que os acordos assumidos pelo governo junto desse organismo «cerceiam a liberdade e condenam o país à recessão e ao desemprego».

Car na zo

A explosão, estamar lhado num bairro d pa provocou 20 mortos e 7 lista de vítimas dos últim aviões americanos foram vam posições sírias nas capital libanesa. Pouco d retaliação, oito «marines» da força multinacional de vando para 254 o total canos mortos no Líbano

A explosão de uma viatura armadilhada provocou o desmoronamento de um prédio de cinco andares da zona muçulmana de Beirute, e a morte, pelo menos, de 20 pessoas.

O automóvel, que estava estacionado defronte de um armazém de tintas provocou um incêndio ao explodir, que no fim da manhã não tinha sido dominado. Segundo o correspondente da AFP, vive-se, na zona muçulmana de Beirute um verdadeiro pandemónio. Devido às chamas, alguns residentes de prédios vizinhos, ainda não foram evacuados. Por outro lado, nos escombros do edifício alvo do atentado ainda existem, segundo os serviços de socorros, numerosas pessoas soterradas, pensando a Polícia que o número de vítimas mortais se elevará quando for possível retirar os corpos do amontoado de pedras em que se transformou o prédio.

Americanos atacam e sofrem ataque

O dia de ontem foi marcado em Beirute pela intervenção da Força Aérea americana que, durante a manhã, bombardeou posições sírias nas montanhas que rodeiam Beirute. Segundo fontes sírias, três aviões americanos foram

a

O Congresso anual do movimento Campanha para o Desarmamento Nuclear (CDN), o principal agrupamento pacifista britânico, reunido no passado fim-de-semana em Sheffield votou ontem a favor da retirada da Grã-Bretanha da NATO.

Depois de considerarem que toda a aliança que assente no armamento nuclear é «abominável» os delegados ao Congresso consideraram que a retirada Reino Unido da Aliança Atlântica constituiria um primeiro passo no sentido do desmantelamento da NATO e do Pacto de Varsóvia.

Durante a reunião, o secretário-geral do movimento, monsenhor Bruce Kent, acusou o ministro da Defesa, Michael Heseltine de preferir «denegrir pessoas a discutir problemas».

Heseltine advertiu, no entanto, que a campanha pró-desarmamento é demasiado politizada e cnsiderou que as suas acções «põem em perigo» projectos de redução do armamento nuclear».

Neste sentido, o Congresso do CDN aprovou um conjunto de acções não violentas, em que avulta o tratamento local, nas povoações próximas das bases

O Líbano a "ferro e fogo"

arro armadilhado explode zona muçulmana de Beirute

ta manhã, de um carro armadi- da parte ocidental de Beirute s e 79 feridos, engrossando a últimos combates. Ontem, três foram abatidos quando ataca- s nas montanhas que rodeiam a ouco depois, numa operação de rines» do contingente dos EUA nal de Paz foram abatidos, ele- total de soldados norte-ameri- íbano desde Agosto passado.

abatidos e um dos pilotos feito prisioneiro, enquanto os outros dois ejectaram-se e foram recolhidos no mar, por helicópteros dos EUA

Citando um porta-voz militar sírio, a agência SANA precisou que o primeiro avião caiu sobre a região de Junhieh, o segundo em Kfar Salwan e o terceiro em Zaarur. A mesma fonte adiantou que as tropas de Damasco sofreram dois mortos e oito feridos, indicando que um veículo e um depósito de munições foram igualmente atingidos. Em retaliação contra o «raid» americano, no qual participaram 24 aparelhos, oito «marines» norte-americanos morreram num ataque de artilharia que durou perto de quatro horas. Ao cair da noite, e numa escalada de ataque-resposta, a Marinha dos EUA entrou em acção bombardeando os pontos de onde partiram tiros contra as posições do contingente americano no sul de Beirute.

Durante uma hora, entre as 22 e as 23 horas locais, a capital libanesa foi abalada pelos estrondos surdos e repetidos que provinham dos canhões dos navios de guerra e dos carros de combate americanos. Pouco depois das 23 horas, um pesado silêncio, interrompido por disparos intermitentes, instalou-se na capital libanesa e nos seus arredores.

Segundo a Rádio oficial libanesa (Rádio Líbano), um acordo de cessar-fogo parecia estar a ser respeitado às zero horas de hoje, e os recontros tinham perdido a sua intensidade.

A mesma fonte precisou que a artilharia americana tinha como alvo as posições do Partido Socialista Progressista de Wallid Jumblantt, na região de Choueyfat, a sul de Beirute.

Preocupação em Beirute e Damasco

Em Beirute, o primeiro-ministro libanês, Chafic Wazzan, considerou que o «raid» americano constituía mais um perigoso sinal. «Condenamos e rejeitamos tudo o que transforme o nosso território num campo de batalha», sublinhou Wazzan numa declaração transmitida pela Rádio Líbano.

Esta acção, concluiu o primeiro-ministro, é «uma nova etapa na escalada militar no Líbano e resulta da persistência da ocupação israelita e da incapacidade das autoridades libanesas em recuperar a sua autoridade sobre o território».

Por seu lado, o Partido Socialista Progressista denunciou a intervenção americana contra as tropas de Damasco que, segundo a organização de Jumblatt, se «inscreve no quadro do plano americano-sionista hostil ao Líbano e à Síria».

Entretanto, em Damasco, os embaixadores árabes acreditados na Síria foram convocados pelo ministério dos Negócios Estrangeiros o qual lhes comunicou a «profunda preocupação do governo sírio acerca do «raid» americano contra as suas forças instaladas no Líbano.

Segundo a agência oficial síria, os responsáveis de Damasco convidaram os diplomatas árabes a participarem aos respectivos Governos a situação perigosa provocada pela escalada militar americano-israelita, a qual deve ser condenada e denunciada por todos os Estados do Mundo.

Por seu lado, a agência TASS em despacho de Beirute faz notar que a intervenção armada norte-americana surgiu pouco depois da visita a Washington do primeiro-ministro israelita Yitzhak Shamir.

Em resposta à óbvia interpretação soviética, o subsecretário americano para os Assuntos Políticos, Lawrence Eagleburger, considerou a acção militar dos EUA como mera «reacção defensiva».

Washington na hora do debate

O ataque de ontem a posições sírias no Líbano e os bombardeamentos contra o quartel general dos «marines» em Beirute, relançaram, nos Estados Unidos, o debate sobre a presença de Soldados norte-americanos no Líbano.

A responsabilidade da acção, plenamente assumida pelo presidente Ronald Reagan, parece não reunir todos os apoios do seu próprio partido. Assim, círculos do Partido Repúblicano aspiraram a uma saída rápida das tropas americanas do Líbano, saída essa, que dada a intervenção militar de ontem parece cada vez mais longínqua.

Embora republicanos e alguns democratas considerem que os «marines» devem ser protegidos, e que uma saída neste momento não seria a solução indicada, círculos do Partido Democrático vêem nesta situação a consequência lógica da política externa definida por Reagan.

O senador Alan Cranston, candidato democrata à investidura presidencial criticou a apreciação da política da actual Administração dos EUA que, na sua opinião, é imprudente e «com o dedo no gatilho». «Quando nos atacam pode ser necessário responder, mas não deveríamos em locais onde a nossa presença sucita ataques», sintetizou Cranston.

Por seu lado, o senador George Mcgovern corroborou a posição de Alan Cranston, defendendo a saída dos «marines» do território libanês. «O presidente Reagan deveria reconhecer o erro que fez à partida, que consistiu em ter dado aos «marines» um papel de alvo, no aeroporto de Beirute e de ter feito deles reféns do conflito israelo-libanês, considerou Mcgovern.

Explosão em Saida

Produziu-se hoje de manhã uma forte explosão no centro da cidade de Saida (cidade mais importante do Sul doLíbano, ocupada pelas forças israelitas) que destruíu duas lojas, indicam os correspondentes de Imprensa local.

As circunstâncias da deflagração ainda não são conhecidas, mas o Exército de Israel cercou imediatamente o sector e organizou buscas, precisam as mesmas fontes.

Com a presença de ministros

Desfile contra o racismo em Paris

Várias dezenas de milhares de pessoas, na maioria imigrados, manifestaram-se sábado à tarde, no centro de Paris, contra o racismo, na apoteose duma longa marcha pelos direitos cívicos iniciada há seis semanas em Marselha por um grupo de jovens magrebinos.

Atrás do cartaz «viver em conjunto com as nossas diferenças, por uma sociedade solidária», os manifestantes, frequentemente muito jovens, desfilaram sem incidentes, apludidos por muitos curiosos que se tinham concentrado ao longo do percurso apesar de se fazer sentir um frio intenso.

Três ministros participaram na manifestação: Claude Cheysson (Relações Exteriores), as sras. Georgina Dufoix (Imigração) e Huguete Bouchardeau (Meio Ambiente).

Partidos a 15 de Outubro no meio da indiferença geral, na origem eram apenas uns 40 indivíduos da segunda geração de imigrados. Ao longo das etapas, a marcha contra o racismo e pela igualdade foi deparando com uma audiência crescente nos arredores das grandes cidades do norte e do leste da França onde vivem muitos imigrados.

Os manifestantes-caminhantes também conseguiram obter o apoio de toda a esquerda política e sindical, das igrejas católica, protestante, judaica e muçulmana, assim como de muitas organizações humanitárias e anti-racistas. Na oposição, só o centro dos Democrátas Sociais (CDS), um pequeno partido centrista chefiado pelo antigo ministro da Agricultura Pierre Mehaignerie, apelou para o apoio aos manifestantes. Por seu turno, o Partido das Forças Novas (PFN – extrema direita) denunciou a «protecção complacente» dada pelo Governo a um «punhado de vadios».

Remodelação em Bona atingirá Otto Lambsdorff

Pela primeira vez desde as eleições triunfais do passado mês de Março que o confirmaram no poder, o chanceler Helmut Kohl deve encarar seriamente para fins de Dezembro uma remodelação por causa do «caso Lambsdorff», consideram os meios políticos em Bona.

O ministro da Economia alemão ocidental, que é acusado pelo Ministério público de Bona de ter aceite 135 mil marcos do grupo industrial Flick em troca duma avultada isenção fiscal, declarou no sábado durante uma reunião do Partido Liberal em Grunstadt que não tem qualquer intenção de se demitir antes do fim do seu mandato: «Prosseguirei a minha tarefa, como como me comprometi a fazer», afirmou.

Lambsdorff, indica-se entre os meios governamentais, está convencido de que o dossier de acusação está «mal elaborado», que de qualquer modo, depois da sua inculpação formal o tribunal de Bona deverá verificar todas as peças do processo e testemunhos recolhidos durante dois anos de investigação para se pronunciar sobre a validade da acusação. «Porque motivo é que Lambsdorff deve demitir-se se o tribunal pode ainda considerar como «não atendível» o dossier da acusação?», questionou um alto funcionário liberal.

O chanceler Kohl, disse por seu turno à AFP um responsável cristão-democrata, está a braços com o seu primeiro teste verdadeiro. «Não pode conservar no governo uma ovelha ranhosa que, ao fim de seis meses, pode ser levada a tribunal. Vai ser preciso que saía do seu estado de indecisão actual senão toda a imagem do Governo irá sofrer. Por isso, vai ter que encarar a possibilidade duma remodelação».

O chanceler federal está, portanto, a braços com o seguinte dilema: separar-se de Lambsdorff, mas o ministro da Economia liberal constitui, em período de crise económica, um garante incontestável de confiança nas capacidades de relançamento da economia alemão ocidental.

Constitui, aliás, a «chave» da coligação entre cristão-democratas do chanceler e liberais do miistro dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher.

Quem poderá assim substitui-lo, interrogam-se os políticos em Bona? Na ausência dum candidato liberal, os meios políticos pensam, timidadmente, num «super ministério» das Finanças e da Economia a confiar talvez a Gerhard Stoltenbeg. Kohl, dizem as mesmas fontes, não tolerará, de qualquer maneira que o líder bávaro Franz-Josef Strauss, inimigo dos liberais, aproveite esta crise para suceder a Lambsdorff.

Ou, então, manter Lambsdorff, mas com todos os riscos que representa a continuação no governo dum ministro que, pela primeira vez na história da RFA, é acusado de venalidade. Será que o chanceler pode manter no governo um homem que pessoalmente considera «ínte gro» mas que pode ter que ir prestar contas a tribunal por corrupção.

Lambsdorff, consideram os meios judiciários na capital federal alemã deverá ser formalmente acusado, durante a corente semana.

A oposição social-democrata, pela voz de Hans-Jochen Vogel, candidato à chancelaria no passado mês de Março, voltou a exigir no sábado o afastamento do ministro.

É incontestável, pelo menos neste momento, que a recusa de Lambsdorff de abandonar o seu cargo «porque inocente presumível», está a embaraçar fortemente o chanceler a poucos dias do debate do orçamento do Bundestag. «Qualquer pequeno funcionário seria afastado por muito menos», disse Vogel. Mas, pergunta-se, hoje em Bona, será que o governo Kohl pode passar sem Lambsdorff? O semanário «Der Spiegel» julga poder afirmar na sua edição de hoje que o Partido Liberal abandonaria o governo caso Lambsdorff viesse a ser substituído por Strauss.

Em Congresso

Pacifistas britânicos votam a saída do seu país da NATO

onde serão instalados os mísseis de Cruzeiro, deste tema. Assim, as secções municipais exigirão aos seus representantes no Parlamento que determinem a localização exacta de cada míssil. Mas, a perspectiva da criação de grupos de trabalho pacifistas no seio das Forças Armadas, dominou a atenção dos trabalhos e suscitou a preocupação do ministério da Defesa britânico. Assim, Michael Heseltine advertiu que «uma proposta deste tipo provém de gente que não entende a lealdade básicas das nossas forças armadas, nem compreende as suas tradições de independência política.

Protestos em Atenas Itália e RFA

Cerca de dez mil manifestantes pacifistas manifestaram-se ontem em Atenas contra a instalação dos mísseis americanos na Europa. Os manifestantes, filiados na comissão grega contra a proclamação da República Turca de Chipre.

Entretanto, em carta dirigida a Yuri Andropov, o primeiro-ministro, Andreas Papandreou, considerou que as contra medidas soviéticas anunciadas na sequência do início da instalação dos euromísseis apenas servirão para «agravar a situação político militar já gravemente perturbada no Mundo».

Na sua missiva o primeiro-ministro helénico reafirma a sua oposição à instalação dos Pershing II e dos mísseis de Cruzeiro na Europa e insiste em que o antagonismo não pode deixar de levar ao holocausto.

Também na Catânia, cidade siciliana onde serão instalados os mísseis Pershing II, se realizou-se no sábado uma manifestação de mais de dez mil pacifistas contra as novas armas.

O protesto juntou grupos e movimentos pacifistas, representantes dos partidos de extrema esquerda, do central sindical de orientação comunista (CGIL), da Confederação dos Agricultores, da Liga para a Defesa do Meio Ambiente, para além de sete mulheres deputados ao Parlamento romano.

Por outro lado, quatro manifestantes penetraram ontem de manhã numa base americana, em Schwaebisch Gmuend (sudoeste do Wuerttemberg), onde danificaram veículos militares, entre os quais um transportador de mísseis nucleares «Pershing», soube-se em Stuttgart.

Os quatro manifestantes foram presos, indicou a direcção regional da polícia, que não deu mais informações.

Segundo outras fontes, entre os manifestantes haveria três pacifistas alemães ocidentais e um pastor americano.

A base americana de Mutlagen - Schwaebisch Gmuend abriga desde há vários anos os mísseis nucleares «Pershing 1», desde a semana passada, os primeiros elementos dos mísseis de médio alcance «Pershing II», cujo estacionamento foi aprovado pelo Parlamento alemão-ocidental.

Orçamento militar «record» nos EUA

Entretanto, o secretário da Defesa norte-americano, Caspar, Weinberger, provocou reacções de desagrado no próprio Partido Republicano ao anunciar que vai propor para 1985 um orçamento militar recorde de 305.000 milhões de dólares.

Este projecto provocará grandes debates no Congresso em ano de eleições, pelo que altos dirigentes republicanos manifestaram dúvidas quanto à oportunidade da iniciativa.

O orçamento anunciado por Weinberger representa um aumento de 22 por cento, ou sejam mais 55.000 milhões de dólares do que em 1984 e estabelece novo recorde de despesas militares nos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial.

O secretário da Defesa apresentou o seu projecto esta semana aos líderes republicanos no Senado, os quais tiveram reacções «muito negativas», segundo fontes próximas desses dirigentes.

Observadores políticos salientam que com tal orçamento militar a Administração terá grande dificuldade em reduzir o déficiete do Orçamento Geral do Estado, que se situa actualmente nos 200.000 milhões de dólares, e que constituirá um dos cavalos de batalha eleitoral dos democratas em 1984.

Weinberger afirma, por seu turno, que não reforçar as verbas militares poderia levar a União Soviética a tirar conclusões erradas quanto à disposição dos Estados Unidos.

MOBÍLIAS

MODERNAS
SÉCULO XVII
BARROCO
D. MARIA
IMPÉRIO
LUÍS XV E XVI
D. JOSÉ
D. JOÃO V
ETC.

FACILIDADES DE PAGAMENTO
E TROCAS
DE MOBÍLIAS USADAS

ARMAZÉNS MÓVEIS JORGE

Av. Almirante Reis, 35
(defronte da Igreja dos Anjos)

Chega em Fevereiro

FMI a caminho de Bissau

Uma missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) deverá ir a Bissau, em Fevereiro de 1984, a fim de negociar a possível concessão de recursos – disse à ANOP o ministro guineense da Economia e Finanças.

O trabalho de tal missão negociadora foi já preparado por uma visita de funcionários do FMI que recolheram em Bissau elementos estatísticos para análise da situação económico-financeira do País – explicou Vítor Freire Monteiro.

Por outro lado, sob os auspícios do programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), haverá em Genebra, talvez no fim do primeiro trimestre de 1984, uma grande mesa-redonda para buscar financiamento que permita à Guiné-Bissau concretizar o seu Plano Quadrienal de Desenvolvimento Socioeconómico (1983-1986) – informou o ministro.

Espera-se que pelo menos 20 países e organizações internacionais venham a ser convidados para a conferência de Genebra.

Entretanto, a Guiné-Bissau conta também para o seu desenvolvimento, designadamente no sector agro-industrial, com as possibilidades de uma cooperação tripartida, na qual se aliem o financiamento norte-americano e a técnica portuguesa – indicou Freire Monteiro.

Recentemente, regressou de Bissau uma missão luso-americana constituída por delegados do Instituto para a Cooperação Económica e da Agência de Ajuda ao Desenvolvimento (AID), missão que visitou diversos departamentos guineenses e estudou as possibilidades de um trabalho trilateral.

Quanto ao trabalho directo de Portugal com a Guiné-Bissau, o ministro da Economia e Finanças destacou que ele se pode desenrolar tanto no sector agro-industrial como no madeireiro e no das pescas, entre outros.

No que diz respeito às pescas, onde acaba de entrar em funcionamento uma empresa mista luso-guineense, Freire Monteiro falou de «uma cooperação com proveito recíproco para ambas as partes, aproveitando a grande tradição pesqueira portuguesa».

Irão quer aumentar o petróleo para 34 dólares o barril

O Irão não conseguirá impor da Organização dos Países Exportadores do Petróleo (OPEP).

O Irão está disposto a pressionar na reunião da OPEP, que começa dia 7 em Genebra, um aumento do preço do barril de 29 para 34 dólares – disseram por seu turno, fontes iranianas.

Contudo, a OPEP decidiu em Março passado em Londres reduzir o preço do barril cinco dólares, limitando, então, a produção a 17,5 milhões de barris por dia (159 litros cada barril).

O ministro iraniano do petróleo Mohamad Gharazi disse que, actualmente, a OPEP estava a produzir mais e acusou a Arábia Saudita, em particu,ar, de explorar mais petróleo do que é devido.

Gharazi notou que a Arábia Saudita produz e exporta mais de seis milhões de barris por dia.

No entanto, os Ministros da OPEP, segundo fontes da organização, não estão dispostos nem a alterar o preço nem o limite de produção. Ao contrário, o diário «Die Presse» de Viena de Áustria afirma que os ministros, pressionados pela fraca procura mundial do crude, podem pedir uma redução de dois dólares em relação ao preço actual de 29 dólares.

Em Viena, nos meios da OPEP, diz-se que o pedido do Irão é neste momento irrealista.

Cimeira da CEE: segundo dia

Entre o sim alemão e o não francês baloiçam as pretensões portuguesas

A segunda ronda de conversações na Cimeira da CEE em Atenas iniciou-se esta manhã (8 horas tmG) com o retrato de família dos chefes de Estado e de Governo presentes sem que os sorrisos de ocasião para as centenas de jornalistas prenunciem seja o que for de optimista. E isto é válido tanto para a solução dos problemas internos da Comunidade como para o que nos diz mais directamente respeito, o seu alargamento a Portugal e Espanha.

O domingo foi gasto a discutir a questão do leite e dos seus excedentes sem que nada acabasse por ficar resolvido; hoje o ataque prossegue aos problemas da Política Agrícola Comum e só depois a questão do alargamento poderá ficar definitivamente clarificada. Mas para já e pelo que resultou de declarações e tomadas de posição avulsas, durante o primeiro dia dos trabalhos, as perspectivas para a adesão de Portugal e Espanha não são nada favoráveis.

Alemanha a favor e a França contra

Quanto a esta matéria, o que de mais importante aconteceu ontem tem a ver com a manifestação inequívoca da Alemanha Federal a favor do alargamento e com a sua exigência de que seja marcada uma data precisa para a adesão dos países ibéricos sem o que não entraria com mais fundos para o Orçamento comum. Em contrapartida, a França voltou a reiterar a sua oposição à entrada de Portugal e Espanha no clube europeu, em sintonia e sob apressão dos agricultores do «Midi» que ainda ontem regressaram às manifestações e hoje têm novos «meetings» marcados em protesto contra a entrada dos produtos agrícolas ibéricos na Europa verde.

Para compor o «puzzle» foi conhecida uma tomada de posição do Parlamento Europeu favorável a Portugal, enquanto o presidente em exercício da Cimeira, o primeiro-ministro grego Papandreou avançou, até à data de 1 de Janeiro de 1986 como ideal para o alargamento da Comunidade aos países ibéricos.

As atenções viram-se, agora, para as intervenções dos dirigentes da Itália, da Irlanda, da Bélgica, da Dinamarca, do Luxemburgo e da Holanda, que poderão inclinar-se mais para as teses alemãs ou para a posição francesa, influenciando o resultado final da votação.

Se estes países votarem ao lado da Alemanha é bem provável que ganhe vencimento a posição dos países do Norte contra a renitência francesa em abrir a Comunidade a Portugal e Espanha.

Eleições de Junho complicam

O factor-«chave» é a posição adoptada pela República Federal Alemã, que anunciou publicamente que não outorgará novos meios financeiros à Comunidade se o alargamento for adiado.

A tomada de posição do governo e do Parlamento de Bona reforçou consideravelmente a posição espanhola e portuguesa apesar das reticências francesas afirmam os especialistas que acompanham a Cimeira de Atenas.

O governo de Paris pode desejar retardar a integração dos países ibéricos mas precisa dos apoios financeiros alemães para proceder à reforma da agricultura francesa.

Muitos observadores reconhecem, no entanto, que o momento actual não é o mais favorável para resolver os problemas internos das Comunidades e cumprir o compromisso de Estugarda, integrando a Espanha e Portugal na CEE.

As previsões apontam para «alguns passos positivos» a dar em Atenas no sentido da convocação a partir de Janeiro, de um conselho europeu extraordinário.

Este ultimaria os processos de negociação e os acordos de adesão poderiam então ser ratificados pela próxima «Cimeira» que se realizará em Paris em finais de Junho de 1984.

Este prazo suplementar de alguns meses até à solução dos problemas internos da CEE, permitiria ganhar tempo para celebrar entretanto, as eleições para o Parlamento europeu, que se verificarão em Junho próximo.

Novas manifestações contra o alargamento

Está prevista para hoje, segundo dia de trabalhos da Cimeira da CEE, uma manifestação de vários milhares de agricultores franceses, italianos, irlandeses e gregos, que tencionam pedir aos «Dez» para não sacrificarem os oito milhões de agricultores eorupeus em troca do alargamento da comunidade, a Portugal e Espanha.

Os chefes de Estado e de Governo da CEE prosseguem, em Atenas, as suas difíceis discussões relativamente à reforma da Política Agrícola Comum (PAC), sobre a necessidade da qual todos estão de acordo sem, no entanto, conseguimre encontrar os meios de a estabelecer.

Ontem, os dez tentaram, em vão, ultrapassar as suas divergências sobre a redução dos excedentes leiteiros, cujo financiamento absorve um terço do orçamento da PAC ele próprio considerado demasiado elevado.

Os chefes de Estado e de Governo devem estudar depois os outros «dossiers» agrícolas – designadamente excedentes cerealíferos, montantes compensatórios monetários e taxa sobre os oleos vegatais importados –, relativamente aos quais as posições continuam a ser divergentes.

França não desbloqueará sem orçamento aprovado

A França não desbloqueará o alargamento comunitário à Espanha e Portugal até que os restantes países da CEE não dêem uma resposta global a todos os problemas que afectam a Europa dos Dez.

Em conferência de Imprensa dada ontem em Atneas pelo porta-voz da delegação francesa à Cimeira comunitária, ficou claro que o bloqueamento francês à possibilidade de integração de novos membros assenta, entre outros aspectos, na reforma prévia da política agrícola.

Numa resposta à Grã-Bretanha, o porta-voz francês declarou em Atenas que o Reino Unido demonstrara uma rigidez impressionante na reclamação de que paga mais contribuições à Comunidade do que os benefícios que dela recebe.

Os observadores sublinharam que a Primeiro-ministro Margareth Thatcher foi a Atenas disposta a pedir que o seu problema seja debatido pelos seus colegas antes de qualquer outro ponto da agenda.

Alemanha invoca a NATO

O ministro dos Negócios Estrangeiros federal-alemão, Hans-Dietrich Genscher, pronunciou-se ontem abertamente a favor da adesão de Portugal e da Espanha ao Mercado Comum.

Em entrevista concedida à Televisão alemã, Genscher, que participa com o chanceler Kohl na Cimeira dos «dez» em Atenas, afirmou:

«Assumimos um compromisso em relação às democracias espanhola e portuguesa (...) Esperamos desses países que contribuam para a segurança do Ocidente na qualidade de membros da NATO (...) Podem, pois aguardar da nossa parte que não os coloquemos à margem da Comunidade, a qual está aberta a todas as democracias. Há que concretizar a adesão de Portugal e da Espanha», concluiu o chefe da diplomacia de Bona.

As reformas da política agrícola comum e do financiamento do orçamento comunitário, bem como as adesões de Portugal e da Espanha ao Euromercado constam da agenda da Cimeira de Atenas que inaugurou ontem os seus trabalhos na capital grega.

A Cimeira prossegue hoje e concluir-se-á amanhã cerca do meio-dia.

Bicicleta de plástico

O plástico está a conquistar progresivamente novos mercados e aplicações surgindo como uma das suas últimas utilizações esta bicicleta apresentada recentemente pela Bayer.

Tal bicileta já está a ser produzida em série e a surgir nas estradas e nas ruas das cidades alemãs.

O quadro e a forquilha continuam sendo de aço, devido à sua maior solicitação. Componentes essenciais como, por exemplo, o sistema de pedais, o selim e o guiador são de poliamido, reforçado por fibras de vidro. No guiador de novo tipo dispuseram-se todos os elementos de comando para a mudança de velocidade, os freios e a campainha, elevando assim a segurança. Também as rodas já são de plástico.

Ouro

TODOS OS OBJECTOS MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS

• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •

das 10 as 12 h. e das 14 às 18 h.

Av. Almirante Reis 173 1.º (ao meio IMPÉRIO)

VICTOR - telf. 53 82 20

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção n.º 70 537, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE 2', 6'-DIALQUIL-N-ALCOXCIMETIL-2-CLORO-ACETANILIDAS».

Trata:
CLARKE, MODET & C.ª Ld.ª
Patentes e Marcas
R. Castilho, 201-3.º Esq.º
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção n.º 70 691, para «PROCESSO PARA A FABRICAÇÃO DE COPOLÍMEROS DE PROPILENO E DE BUTENO-1 E SUAS APLICAÇÕES».

Trata:
CLARKE, MODET & C.ª Ld.ª
Patentes e Marcas
R. Castilho, 201-3.º Esq.º
1000 LISBOA

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA
1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 14 de Dezembro de 1983 pelas 15 horas neste Tribunal — Rua Braamcamp-5-4.º vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Garotel — Sociedade de Iniciativas Turísticas, Ld.ª com sede na R. Castilho 169 Lisboa, no processo executivo n.º 5755/81, instaurado por dívida à Caixa de Prèvidência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Um minicomputador da marca Loga-Bax série LX 2500, em bom estado de conservação no valor de 500 000$00.

Verba n.º 2 — O direito ao arrendamento e trespasse do edifício sito na R. Castilho 169, a que foi atribuído o valor de 17 000 000$00.

Verba n.º 3 — Cinquenta e nove quartos, compostos por duas camas, uma cadeira, um televisor a preto e branco da marca Kapsch, um frigorífico, estilo bar da marca Ferras todos em bom estado de conservação a que foi atribuído o valor de 3 500 000$00.

Verba n.º 4 — Nove quartos compostos por uma cama de casal, um frigorífico estilo bar da marca Ferras todos em bom estado de conservação a que foi atribuído o valor de 540 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 28 de Novembro de 1983

O JUÍZ DE DIREITO
Manuel Luís Macaísta Malheiros

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
Carlos Manuel Almeida Alvelos)

D.L. – 5/12/83 – 1.ª Pub.

DESPORTO

Nacional de futebol

Benfica e Porto ganham fora dos seus castelos

Benfica e F. C. do Porto conseguiram ultrapassar os obstáculos constituídos por Boavista e Penafiel, respectivamente, na 10.ª jornada do Campeonato de Futebol da 1.ª Divisão. O Benfica, na sua deslocação ao Estádio do Boavista, venceu (2-1) garantindo o comando da classificação, enquanto o F. C. do Porto ganhou no terreno do Penafiel (1-0) continuando em 2.º lugar a um ponto do Benfica.

O Sporting, a justificar a subida de forma e as suas aspirações ao título de campeão, bateu o Rio Ave (4-1) com uma 2ª parte jogada em grande estilo.

O Espinho obreve a sua 1.ª vitória no campeonato ao ultrapassar, no seu terreno, o Águeda, por 1-0 (golo de Raul aos 47 minutos) enquanto o Varzim levou de vencida o Farense, por 2-0 (golos de Folha, aos 7 minutos e de Magalão, aos 50). Salgueiros e Braga defrontaram-se no terreno do primeiro e empataram (0-0) resultado que se verificou também no encontro Portimonense - Setúbal. O Guimarães ganhou ao Estoril (2-0, golos de Da Silva, aos 52 e Joaquim Murça, aos 79).

Para a história

Resultados da 10.ª jornada do Campeonato de Futebol da 1.ª Divisão: Boavista - Benfica, 1-2 (0-2 ao intervalo); Penafiel -Porto, 0-1 (0-0); Sporting - Rio Ave, 4-1 (1-1); Guimarães - Estoril, 2-0 (0-0); Portimonense -Setúbal, 0-0; Salgueiros -Braga, 0-0; Varzim - Farense, 2-0 e (1-0); e Espinho - Águeda, 1-0 (0-0).

Marcadores

José Rafael (Farense) manteve o comando na lista dos melhores marcadores do campeonato, embora ficasse em branco na 10.ª jornada. Diamantino, que marcou (de grande penalidade) um dos dois golos que deram a vitória ao Benfica (2-1) frente ao Boavista, isolou-se na 2.ª posição. A classificação dos melhores marcadores ficou assim ordenada: José Rafael (Farense), 8 golos; Diamantino (Benfica), 7; Gomes (F. C. do Porto), 6; Jordão (Sporting), 6; Filipovic (Benfica), 6; N'habola (Rio Ave), 6; Manuel Fernandes (Sporting), 6; Eldon (Guimarães), 5; Freire (Setúbal), 5; Walsh (F. C. do Porto), 4; Folha (Varzim), 4; e César (Águeda), 4.

Divisão 2

Resultados da 10.ª Jornada do Campeonato Nacional de Futebol da 2.ª divisão. **Zona Norte:** Académico de Viseu-Paços de Ferreira, 0-0; Lixa-Famalicão, 1-1; Valonguense-Fafe, 1-0; Valdevez - Vizela, 2-0; Sanjoanense - Feirense7, 3-1; Gil Vicente - Leixões, 3-2; Riopele - S. Martinho, 1-0. Classificação: 1.º Leixões 16 pontos; 2.ºs, Tirsense e Chaves, 14; 4.ºs, Sanjoanense e Riopele, 12; 6.º, Vizela, 11; 7.ºs, Paços de [illegible] e Valonguense, 10; 9.ºs [illegible], S. Martinho e Gil Vicente, [illegible] 2.ºs, Fafe e Académico de Viseu, 8; 14.ºs, Lixa, Famalicão e Valdevez, 6.

ZONA CENTRO: Alcobaça - Académico, 1-0; Elvas - Peniche, 1-1; União de Coimbra - Covilhã, 0-0; Anadia - Naval, 0-0; Beira-Mar - União de Tomar, 2-1; Torriense - Guarda, 1-0; Benfica e Castelo Branco - Rio Maior, 1-0; Caldas - União de Leiria, 1-0. Classificação: 1.º, Académico, 15 pontos; 2.º, Alcobaça 13; 3.ºs, Guarda, Peniche, Covilhã e União de Coimbra, 12; 7.ºs, Elvas e Beira-Mar, 11; 9.ºs, União de Leiria, Torriense, Benfica e Castelo Branco e Caldas, 9; 13.º, União de Tomar, 8; 14.º, Rio Maior, 7; 15.º, Naval, 5; 16.º, Anadia, 4.

ZONA SUL: Nacional - Belenenses, 1-0; Amora - Silves, 5-0; Sesimbra - Esperança de Lagos, 1-1; Lusitano - Barreirense, 0-0; Olivais e Moscavide - Sacavenense, 1-0; E. Amadora - União da Madeira, 0-2; Marítimo - Cova da Piedade, 2-0; Olhanense - Odivelas, 6-0. Classificação: 1.ºs, Marítimo e União da Madeira, 15 pontos; 3.º, Nacional, 13; 4.º, Belenenses, 12; 5.ºs, Lusitano e Olhanense, 11; 7.º Olivais e Moscavide, 10; 8.ºs, Cova da Piedade e Sesimbra, 9; 10.ºs, E. Amadora, Sacavenense e Amora, 8; 13.ºs, Odivelas, Silves e Barreirense, 7; e 16.º, Esperança de Lagos, 6.

Divisão 3

Resultados da 10.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol da 3.ª Divisão; na Série A: Valenciano - Monção, 2-0; Freamunde - Mirandela, 2-1; Aves - Limianos, 1-0; Mogadourense - Taipas, 1-2; Moreirense -Prado, 0-0; Merelinense - Ponte da Barca, 1-0; Vianense - Felgueiras, 1-1; Bragança - Cerveira, 4-0. Líder: Aves, 17 pontos.

Série B: Ermesinde-Paredes, 1-1; Leça-Vilanovense, 0-1; Amarante - Régua, 1-1; Lourosa - Cesarense, 2-0; Valadares -Esmoriz, 2-0; Ovarense - União de Lamas, 2-2; Lamego - Marco, 1-0; Paivense - José Alves, 0-1. Líder: Vilanovense, 14 pontos.

Série C: Oliveirense-Tondela, 4-0; Poiares - Marialvas, 4-2; Santacombadense - Estarreja, 0-0; Mealhada - Barco, 6-1; Gouveias - S. Romão, 4-3; Tortozendo - Mangualde, 0-3; Lusitano de Vildemoinhos - Viseu e Benfica, 1-1; Mealhada - Oliveira do Bairro, 1-1. Líder: Estarreja, 16 pontos.

Série D: Marrazes-Almeirim, 0-0; Marinhense - Marinhais,

Continua na pág. 16

Classificação

	J	V	E	D	G	P
1.º Benfica	10	9	1	0	25- 7	19
2.º F.C. Porto	10	8	0	1	16- 1	18
3.º Sporting	10	7	1	2	21- 7	15
4.º V. Guimarães	10	6	1	3	16- 9	13
5.º Rio Ave	10	5	2	3	12-10	12
6.º Braga	10	3	5	2	9- 8	11
7.º Portimonense	10	4	2	4	9-12	10
8.º Boavista	10	3	3	4	13-12	9
9.º Farense	10	3	3	4	15-18	9
10.º V. Setúbal	10	2	4	4	16-14	8
11.º Varzim	10	3	2	5	7-10	8
12.º Águeda	10	2	2	6	7-13	6
13.º Estoril	9	1	3	5	4-12	5
14.º Salgueiros	9	1	3	5	5-16	5
15.º Espinho	10	1	3	6	6--16	5
16.º Penafiel	10	2	1	7	5-21	5

Próxima jornada (no fim-de-semana): Penafiel-Varzim, Farense-Boavista, Benfica-Salgueiros, Sporting de Braga-Sporting de Espinho, Águeda-Vitória de Guimarães, Estoril-Sporting, Rio Ave-Portimonense e FC Porto-Vitória de Setúbal.

Paulo (Serpente) Futre esgueira-se à concorrência

A bola vai aninhar-se: era o tento 3 dos «leões»

Alvalade: Sporting, 4—Rio Ave, 1

Kostov: bomba de explosão retardada

Bem gostaríamos de estar aqui falando (entusiasticamente) daquela que prometeu ser uma excelente arbitragem, uma lição técnica e física do trio dirigido pelo juiz farense Francisco Silva: todavia, aquelas duas (incontestáveis e bem visíveis) grandes penalidades não assinaladas por claras faltas sobre Futre e Manuel Fernandes, na zona de extremo rigor, obrigam-nos a retardar o aplauso, ficando-nos pela saliência de uma óptima direcção de partida até que esses dois lances capitais fizeram Francisco Silva resvalar pela Rocha Tarpeia, provocando certa ira da multidão e (bem pior) uma nota crítica que ficou nos antípodas da que estava sendo construída (brilhantemente) até quando Carvalho empurrou pelas costas o serpenteante Futre obrigando-o a estatelar-se ao comprido e na rasteira a Manuel Fernandes que não poderia ficar sem a cobrança de falta máxima.

Foi pena, Francisco Silva. De resto, a jornada (pelo que constatámos em Alvalade mais pelo que saltou dos écrãs-TV) foi, uma lástima em matéria de arbitragem. Um panorama desolador: Maques Pires a mostrar oito vezes o cartão amarelo e a oferecer grande penalidade ao Benfica quando Chalana (perdido o ângulo de tiro e já depois de ver Matos a um palmo da bola) se atirou para a relva. Aliás, neste duelo no Bessa, a nota grotesca também aconteceria, nessa tremenda quase fantochada que dá pelo nome de «controlo antidoping» e não se realizou no palco boavisteiro porque não havia iacre nem alicate para selar os frasquinhos com o chichi...

●

Adiante: falemos de arbitragens para se aferir do nível da ronda e se registar como foi contestada a actuação de Mário Luís (em Penafiel) mais no falhanço (em campo disciplinar) de Manuel Nogueira, em Guimarães, quando os 35 anos de Manuel Abrantes impediram colapso total da turma de Medeiros mas não evitaram que o juiz andasse ao Deus dará. Ainda como foi anulado um tento ao Águeda, irregular apenas na visão do magnífico João Rosa, que, pelos vistos, ontem também afinou pelo diapasão geral. O mesmo que levou o lisboeta Francisco Passeiro a mostrar o cartão ictericia em oito ocasiões, como se estivesse brindando à moldura do «Vidal Pinheiro».

Não há dúvida: foi uma ronda em que os homens do apito ficaram com a borda debaixo de água, apesar do lindo sol que estava projectando alguns para a soberana ovação das multidões.

●

Adivinhava-se grande dificuldade (pelo menos inicialmente) de um Sporting desfalcado (Oliveira, Venâncio, Mário Jorge, Romeu) ante um Rio Ave que, como vem sendo trivial, se apresenta sempre muito arrumado, muito ordenado na manobra defensiva, expedito no contra-ataque e reizinho a meio-campo, especialmente se (como em Alvalade) o bloco oponente, conseguido rapidamente um tento, quebrou física e animicamente, com a zona central do terreno perfeitamente aos papéis, aquele incrível Jason fardado como os companheiros mas a léguas-luz de um sofrível jogador de futebol para campeonato de escalão superior. Esteve tão mal o brasileiro com a camisola oito que contagiou Lito e Kostov, arrastando-os também para um penoso termo de 1.º período, toda a clientela do «leão» de Credo na boca, imaginando que voltas poderia Venglos dar àquela miséria centro-campista para levar a água ao seu moinho.

Então, começou a aquecer Fernando Cruz, larga meia-hora aos saltinhos e às corridas antes de ir render Lito; quando logo à saída do túnel se imaginou que Jason (pelo menos) aparecia à paisana. Porém, Venglos teimou: e teve a espantosa sorte de, subitamente, Kostov engrenar todas as velocidades, saltar como um felino, fazer dois golos (na recolha de um trabalho esmerado de Jordão e na cobertura final ao primoroso «canto» marcado por Futre). E o homem que se arrastava para ali passou (de um instante para o outro), a poder acompanhar Gabriel, a melhor unidade sportinguista a tempo inteiro, talvez assinando a sua superior presença no solar do patrão lisboeta.

Como cerejas, vieram as grandes penalidades não assinaladas mais o fuzilamento de Jordão que deu 4-1 e culminou todas as dúvidas, já Adérito (autêntico carregador de pianos) não podia prolongar o seu impressionante esforço e, nas hostes de Vila do Conde, o conformismo envolvera totalmente Duarte e Quim, Pires e Brito, Alfredo e N'habola, os heróis da resistência por fim quebrada.

Jogo muito repartido, com «nuances» para susto ou alívio, Sporting comandando fatia maior mas o Rio Ave também a retirar-se com o orgulho de ter contido em respeito uma plateia admirativa, que só repousou totalmente quando viu que Virgílio e Manuel Fernandes, Jordão e Zezinho, muito particularmente Gabriel e o Kostov dos derradeiros três quartos-de-hora estavam alí para as encomendas.

Quanto a Futre, um pequeno conselho se é permitido: o nosso **estrelinha de ouro**, o mais que provável émulo de Chalana, na beleza de pés canhotos, fazendo espectáculos inesquecíveis, não deve entrar pelo campo da exibição pessoal em detrimento da manobra de conjunto. Paulo Futre (já todos sabemos) é das melhores coisinhas emergidas de um futebol que espera fornada de sangue na guelra para a invasão tricolor. Escusa de carregar a sorte: está aprovado.

Fiquemo-nos por aqui, nesta fronteira, nesta verdade: Sporting (sem Oliveira) caprichando em retomar a sua condição de esgrimista directo pelo trono e Rio Ave (com o sapiente Mourinho no comando) fazendo da sua rija gente uma prestigiosa embaixada futebolística. Em Alvalade, o cartão de visita deixou perfume inesquecível.

Neves de Sousa

Sob arbitragem de Francisco Silva, (Faro) que esteve auxiliado por Alexandre Afonso e Martins Gravanita, as equipas alinharam:

Sporting: Melo, Gabriel, Virgílio, Zézinho e Carlos Xavier, Kostov, Lito (Fernando Cruz 71) e Jason (White 79); Manuel Fernandes, Jordão e Futre.

Rio Ave: Alfredo, Carvalho, Antero, Brito e Duarte; Carlos Manuel (Pinto 83), Adérito, Pires, Quim e Casaca; N'habola.

Golos: Virgílio (10), N'habola (38), Kostov (49 e 55) e Jordão (65). Cartão amarelo: Carvalho (52).

Nacional de hóquei em patins

Benfica batido em Tomar

Resultados dos encontros a contar para o campeonato de hóquei em patins referente à 6.ª jornada: Belenenses - Académica da Amadora, 5-3: Sporting de Tomar - Benfica, 3-1; Oeiras-Paço de Arcos, 9-6; Sporting - Alenquer, 7-1; Oliveirense - Sanjoanense, 2-2; Famalicão - Juventude de Viana, 4-6; Porto - Sesimbra, 10-3 e Carvalhos-Parede, 5-4. Classificação:

	J	V	E	D	B	P
BELENENSES	6	6	0	0	37-19	18
Sesimbra	6	3	1	2	32-26	13
Sporting	4	4	0	0	25- 6	12
F.C. Porto	4	4	0	0	29-12	12
Sp. Tomar	5	3	1	1	25-15	12
Juv. Viana	4	3	0	1	25-14	10
Sanjoanense	4	2	1	1	23-19	9
Parede	5	1	0	4	21-27	7
Oliveirense	4	1	1	2	13-18	7
Benfica	4	1	0	3	12-14	6
Paço de Arcos	4	1	0	3	17-25	6
Famalicense	4	1	0	3	20-28	6
A. Amadora	4	1	0	3	12-25	6
Carvalhos	4	1	0	3	12-31	6
Oeiras	3	1	0	2	18-18	5
Alenquer	3	0	0	3	4-12	3

«Leões» sem problemas perante o Alenquer

DESPORTO

Filipovic abre a cont.gem.

Tento boavisteiro que foi esperança

Boavista, 1-Benfica, 2

Árbitro de águia ao peito

Com uma actuação verdadeiramente desastrada, o juiz setubalense Marques Pires foi, sem dúvida, o obreiro do triunfo alcançado pelo Benfica no Estádio do Bessa, que ontem se apresentou cheio como um ovo. Cerca de 30 mil pessoas ao redor do rectângulo foram testemunhas da tarde «negra» de um homem com créditos firmados na arbitragem, mas que, desta feita, revelou um total descontrolo, uma incapacidade física confrangedora e uma parcialidade que ultrapassou largamento as raias do admissível. Daí a «resposta» (igualmente censurável) das hostes «axadrezadas» e o espectáculo triste a que se assistiu a partir dos 60 minutos, com o relvado pejado de almofadas e outras «armas» de circunstância.

Foi pena. Boavista e Benfica mereciam melhor arbitragem. É claro que no «banco dos réus» terão de sentar-se, também, os auxiliares Fernando Rodolfo e Rui Santiago, ambos co-responsáveis do trabalho negativo realizado pelo seu «chefe», ao longo de 90 minutos que ficaram assinalados por mostrar oito vezes o cartão amarelo (cinco vezes para os boavisteiros), duas grandes penalidades (uma das quais inconcebível) e um sem número de foras-de-jogo mal apontados que iam neutralizando a acção atacante da equipa da casa.

Que dizer de um encontro marcado por tantas e tão graves incidências? Tudo girou, afinal, em torno do homem vestido de preto que, desde muito cedo, patenteou falta de ritmo e pernas para acompanhar a toada viva em que decorria a partida. Apesar de tudo, julgamos que ambas as equipas são credoras de algumas referências, de acordo, aliás, com o «produto acabado» que cada uma apresentou.

Antes mesmo de o juiz da partida fazer sentir a sua influência, o Benfica adiantou-se no marcador: íam decorridos apenas 10 minutos de jogo quando se desenrolou o primeiro lance com princípio, meio e fim e que proporcionou a Filipovic a abertura da contagem. O mérito do lance terá, no entanto, de ser endosado para Chalana que, do lado esquerdo do seu ataque, burlou dois defensores contrários e atirou ao poste esquerdo da baliza de Matos, quando este saiu a fazer a «mancha». A primeira recarga de Stromberg não surtiu efeito, mas um ressalto de bola proporcionou a Filipovic o remate fácil e certeiro.

Estava dado o mote que o Benfica iria glosar ao longo de todo o primeiro tempo: Chalana permanentemente solto do lado esquerdo, ora chegado ao lateral direito do Boavista, ora metido em terrenos mais recuados, para funcionar como jogador «charneira» do conjunto da Luz, na tranposição do esférico da defesa para o ataque. Sucederam-se as situações de apuro para o extremo reduto «axadrezado» já que no «banco» da equipa do Bessa, Barbosa (ontem a substituir Henrique Calisto) tardou a «convencer» Almeida de que devia dar cobertura ao jovem Madureira, sempre que este se adiantava no terreno.

Durante o período de maior ascendente «encarnado», o Boavista teve algumas iniciativas dignas de realce, como aquela que ocorreu aos 28 minutos e teve como protagonistas Bruno e Bravo. No momento decisivo (e com a baliza à mercê), Bravo «espirrou» o remate e o esférico foi morrer nas mãos de Bento. Esta partida teve, entretanto, o condão de estimular os jogadores «axadrezados» que, a partir daí, começaram a aparecer com mais frequência no meio-campo contrário.

Curiosamente, foi o Benfica que colheu os «frutos» desse agigantamento dos boavisteiros. Chalana (sempre ele) ganhou uma bola transviada, galgou terreno, conquistou três ressaltos de bola e, quando Matos saiu ao seu encontro, tentou o «dribling», estatelando-se ao «ralenti» após breve contacto com a mão do guardião «axadrezado». Hesitante, Marques Pires apontou para a marca de grande penalidade, contrariando a vontade dos jogadores e público da «casa» que o tentavam demover da sua decisão. Diamantino não perdoou e, assim, o Benfica passou a usufruir de uma tranquilidade que não se ajustava ao desenrolar do dueto.

Inconformado, o Boavista surgiu logo após o reatamento com uma disposição firme de alterar o rumo dos acontecimentos. E podia tê-lo feito bastante cedo (48m), quando Coelho sofreu uma falta bem dentro da área (foi essa a convicção com que ficámos do ponto em que nos encontrávamos) e o juiz da partida entendeu que a mesma tinha sido cometida sobre a linha limite. Juiz que, mais uma vez, teve de correr cerca de 80 metros até chegar ao local da falta, o que demonstra, como dissemos, a sua impreparação física.

A reacção do Boavista acabou, no entanto, por obter o merecido pecúlio nove minutos mais tarde, quando Jorge Silva, numa jogada genial, desfeiteou Bento, depois de ter ludibriado três opositores. O jogo ganhou emoção e o Benfica sentiu que não podia continuar a gozar os rendimentos. Em contra-ataque, Stromberg apareceu desmarcado do lado esquerdo (em clara posição de fora de jogo) e já dentro da área foi derrubado por Madureira. Falta (sem dúvida) para castigo máximo e que Marques Pires assinalou, depois de fazer vista grossa à deslocação do aríete «encarnado». Chamado a transformar o castigo, Diamantino não foi tão expedito como da vez anterior e possibilitou a defesa da tarde de Matos: escreveu-se direito por linhas tortas.

Com o ambiente a escaldar dentro e fora das quatro linhas, o Boavista cresceu de uma forma inesperada. O Benfica tremeu e Eriksson trocou Stromberg por Oliveira. Havia que garantir os dois pontos. A disposição dos «axadrezados», porém, apontava para uma «guerra» sem tréguas que o Boavista não merecia perder, já que dispôs de oportunidades de sobra para justificar, pelo menos, a divisão do «bolo». Oliveira, Bento e Álvaro foram os grandes responsáveis pela «injustiça», já que, por diversas ocasiões, apareceram a negar o que parecia mais que certo. Sobretudo o n.º 1 «encarnado» que, em tarde de grade inspiração, ombreou por razões diversas, com o juiz da partida.

Manuel Neto

Árbitro: Marques Pires (Setúbal), muito mal auxiliado por Fernando Rodolfo (bancada) e Rui Santiago (superior).

Boavista: Matos; Madureira, Carlinhos, Frederico e Teixeira; Almeida, Alves, Bruno (Vitorino, aos 72 m) e Bravo; Coelho (Reinaldo, aos 83 m) e Jorge Silva.

Benfica: Bento; Pietra, Bastos Lopes I e Álvaro; José Luís, Shéu, Carlos Manuel (Bastos Lopes II, aos 76 m) e Stromberg (Oliveira, aos 63 m); Filipovic, Diamantino e Chalana.

Ao intervalo: 0-2. Marcadores: Filipovic (10 m), Diamantino (32 m de «penalty») e Jorge Silva (57 m). Cartão amarelo: Álvaro e Almeida (aos 7 m), Bruno (40 m), Teixeira (45 m), Coelho e Bastos Lopes I (55 m), Bravo (58 m) e Diamantino (66 m).

Carlos Manuel sai em braços. Filipovic, Alves e Pietra despedem-se num abraço

Monforte: novo pavilhão

O secretário de Estado dos Desportos, dr. Miranda Calha, presidiu ontem à inauguração do pavilhão gimnodesportivo de Monforte (Portalegre). Na sessão solene, o dr. Miranda Calha disse que o Governo conta com as câmaras municipais e com todos os responsáveis e praticantes de desporto para o desenvolvimento desportivo do país.

O pavilhão tem uma bancada com capacidade para cerca de mil pessoas, foi construído pela câmara local ao longo de nove meses e custou cerca de 30 mil contos.

O presidente da Câmara de Monforte, António Canoa (PS) disse que este pavilhão **é o primeiro equipamento inaugurado de um parque desportivo que a edilidade local projectou e quer concretizar num período de quatro anos».** O complexo desportivo incluirá um campo de futebol com bancadas cobertas e pistas de atletismo, duas piscinas e dois «courts» de ténis.

A inauguração foi precedida de uma «semana desportiva» que incluiu jogos e demonstrações de diversas modalidades que culminou com um sarau de ginástica em que participaram classes masculinas e femininas do Sporting Clube de Portugal. A cerimónia contou ainda com a presença do Governador Civil de Portalegre (Casal Ribeiro) e presidentes das câmaras do distrito de Portalegre.

Placard

Freire: operação

O setubalense Freire, com «pneumotorax espontâneo», foi ontem à noite operado (em Setúbal) sofrendo drenagem pleural. Um mês para total recuperação.

Lutas amadoras: nacional

O Sporting venceu o Benfica (por 6-2) no Pavilhão de Alvalade e a contar para a 5.ª jornada do campeonato de equipas de Lutas Amadoras. O confronto era aguardado com grande expectativa e esta foi a 1.ª derrota sofrida pelo Benfica neste campeonato.

Nos restantes confrontos o Desportivo de Runa foi a Algés vencer o União local (7-1) e o Ateneu Comercial de Lisboa derrotou o Clube Desportivo de Arroios (7-0). A classificação está assim ordenada: 1.º Sporting, com 13 pontos; 2.º Ateneu Comercial de Lisboa, com 11; 3.º Desportivo de Runa, com 9; 4.º Benfica, com 8; 5.º União de Algés, com 4; 6.º Galitos do Barreiro e Clube Desportivo de Arroios, com 3.

O campeonato prossegue no dia 17 com a 6.ª jornada: Galitos do Barreiro - Sporting; Ateneu Comercial de Lisboa - União de Algés e Benfica - Clube Desportivo de Arroios. Folga o Desportivo de Runa.

Futebol: nossos campeonatos

Continuação da pág. 15

1-0; União de Santarm - Alcains, 0-0; Portalegrense - Alferrarede, 1-1; Alpalhoense - Nisa, 1-1; Bombarralense - Estrela de Portalegre, 0-0; S. Bernardino - Marinha, 2-3; Atouguiense - Nazarenos, 0-0. Líder: Martinhense, 16 pontos.

Série E: Montijo-Santa Clara, 1-0; Almada - Casa Pia, 1-0; Benfica Águia-Cacém, 0-1; Atlético - Lusitânia, 1-1; Tires-SL Olivais, 2-1; Vialonga - Oriental, 0-0; Sintrense - Campomaiorense, 1-1; Samora Correia - Bucelenses, 1-0. Líder: Montijo, 16 pontos.

Série F: Comércio e Indústria -Trafaria, 3-1; Paio Pires - Alvorense, 1-3; Estrela de Vendas Novas - Torralta, 0-0; Canaviais - Vasco da Gama, 1-2; Moitense - Beja, 0-0; Quimigal - Juventude de Évora, 2-0; Quarteirense -Seixal, 3-1; Campinense - Lusitano de Vila Real 1-1. Líder: Torralta, 17 ponotos.

Juniores

Resultados da 10.ª jornada do Campeonato Nacional de Juniores.

ZONA NORTE – Série A: Chaves-Varzim, 0-0 (interrompido aos 10 minutos de jogo por nevoeiro); Ponte Barca-Merelinense, 1-1; Famalicão-Cachão, 3-2; Esposende-Braga, 0-1; e V. Guimarães-Rio Ave, 3-2. Líder V. Guimarães, 19 pontos.

Série B: Cortegaça-Boavista, 0-0; Tirsense-Beira-Mar, 1-0; Leixões-Salgueiros, 2-0; União Lamas-Sanjoanense, 2-0 e FC Porto-Régua, 2-2. Líder: Boavista, 17 pontos.

ZONA CENTRO – Série C: Águeda-União Coimbra, 0-4; Estação-Tondela, 0-0; Repesenses-Anadia, 5-2; Fornos de Algodres-Jardim Alva, 2-0; e Académico-Gouveia, 7-1. Líder: União de Coimbra, 18 pontos.

Série D: União Tomar-Alcobaça, 0-4; Alter-Naval, 0-2; Almeirim-Peniche, 3-0; União Leiria-Benfica C. Branco, 1-0; e Nazarenos-Marinhense, 1-0. Líderes: Marinhense e Nazarenos, 14 pontos.

ZONA SUL – Série E: Oriental-Benfica, 0-2; Atlético-Campomaiorense, 1-1; Sporting-Almada, 4-0; Vilafranquense-Belenenses, 0-1 e Cova da Piedade-Olivais e Moscavide, 2-1. Líder: Sporting 20 pontos.

Série F: Quimigal-Farense, 2-0; V. Setúbal-Moura, 5-0; Sambrasense-Amora, 0-1; Juventude-Barreirense, 0-3 e Olhanense-Torralta, 0-0. Líderes V. Setúbal e Barreirense, 16 pontos.

Rio Ave na «Taça»

O Rio Ave prossegue na Taça de Portugal, depois do Conselho de Justiça ter dado provimento ao recurso da turma de Vila do Conde.

O Conselho de Justiça considerou que os vilacondenses ainda não tinham sido notificados do castigo aplicado ao seu jogador Samuel, na altura em que se disputou o jogo com o Juventude de Évora.

Alemão em Espinho

A direcção do Espinho anunciou ter contratado o avançado alemão-federal Gerd Korner. De 27 anos, que joga a ponta-de-lança e representava a equipa belga do Contrai.

Beja: meninas ao chuto

O Desportivo de Beja está a efectuar uma campanha de sensibilização junto das jovens do Baixo Alentejo, com vista à criação de uma equipa de futebol feminino, para participar no próximo campeonato nacional de futebol feminino, pelo que já tiveram início os treinos semanais de captação.

DESPORTO

Penafiel, 0-FC Porto, 1

Bobó: a solução

A braços com uma série de lesões no seu «plantel» (Inácio, Rodolfo, Gomes, Walsh e Costa) o técnico portista viu-se na necessidade de recorrer a alguns «segundos planos» para formar o lote dos 16 que se deslocaram a Penafiel. Estão neste caso Vermelhinho e Bobó, dois jovens que na época passada actuaram no Águeda e que ontem à tarde, no Estádio «25 de Abril», justificaram cabalmente a sua escolha. Com efeito, quando as soluções tardavam, ante um Penafiel aguerrido e disposto a manter a inviolabilidade das suas redes, Vermelhinho encontrou a «chave» para abrir a defesa da «casa» e Bobó concluiu da melhor maneira, obtendo o golo solitário que iria garantir os dois pontos em disputa.

«Triunfo justo e precioso» (como diria Pedroto) e muito valorizado pela extraordinária réplica dos penafidelenses que, entretanto, corrigiram a imagem deformada que haviam deixado após o confronto, 15 dias antes, frente ao Benfica. Desta feita, as facilidades concedidas pelos locais contam-se pelos dedos de uma só mão e daí as dificuldades experimentadas pelos portistas para alcançar um único tento.

Se é certo que o domínio do jogo pertenceu aos «azuis e brancos», não é menos verdade que esse domínio, exercido sobretudo no «miolo» do terreno, careceu de expressão no marcador, pese embora a sagacidade de Jacques que tudo fez para contrariar a «regra».

A solução só chegou com a entrada de Vermelhinho, (aos 59 minutos, por permuta com Eduardo Luís) que, tal como o jovem Futre, no Sporting, passou a desempenhar o papel de «gazua» através do flanco esquerdo, até aí inoperativo.

A opção de Pedroto demorou, apenas, dois minutos a dar os seus «frutos», quando Vermelhinho, após uma «tabelinha» com Sousa foi até à linha de cabeceira e tirou o centro mortífero que possibilitou a entrada fulgurante e oportuna do jovem Bobó, que havia entrado também ao intervalo a substituir o «apagado» Quinito. Obtido o magro pecúlio, os portistas trataram de segurar o esférico e controlar o mais possível o inconformismo dos locais, acabando assim por garantir os dois pontos que face aos problemas surgidos, terão de considerar-se, na verdade, preciosos.

Com alguns julgamentos muito discutíveis, Mário Luís esteve longe de corresponder àquilo que seria justo esperar de um árbitro com a sua categoria. Parece que já vai sendo tempo de Mário Luís «arrumar» o complexo que parece perseguí-lo sempre que tem de dirigir encontros onde intervém o FC Porto. A questão (velha) da «Taça de Portugal» já vai longe...

Árbitro: Mário Luís (Santarém), auxiliado por António Rola (bancada) e Ângelo Alexandre (superior).

Penafiel: Trindade; José Eduardo, Vasco, Fernando e Artur; Santos (Afonso, aos 74 m.), Elias, Branco e Carlinhos (Álvaro, aos 53 m.); Radar e Joaquim Rocha.

F.C. Porto: Zé Beto: João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Eduardo Luís (vermelhinho, aos 59 m.); Frasco, Quinito (Bobó, na 2.ª parte), Sousa e Jaime Pacheco; Jaime Magalhães e Jacques.

Ao intervalo: 0-0. Marcador: Bobó, aos 61 minutos. Cartão amarelo: Santos (46 m.) e Jacques (58 m.).

Futebol lá por fora

Juventus e Roma: nulo no "clássico"

Juventus e Roma empataram (2-2) no «jogo do ano» em Itália, referente à 11.ª jornada do campeonato da divisão maior. Resultados: Juventus-Roma, 2-2; Avellino-Inter, 1-1; Catania-Nápoles, 0-0; Lazio-Fiorentina, 1-2; Milão-Génova, 1-0; Pisa-Ascoli, 0-1; Sampdoria-Verona, 1-0 e Udinese-Torino, 0-0. Classificação actual: 1.º Juventus, 15 pontos; 2.os Verona, Roma, Torino, Fiorentina e Sampdoria, 14; 7.º Milão, 12; 8.º Udinese, Inter e Ascoli, 11; 11.os Avellino e Nápoles, 9; 13.º Lazio, 8; 14.os Pisa e Génova, 7; 16.º Catania, 6.

Espanha

O Real Madrid venceu o Múrcia, por 1-0 em jogo da 14.ª jornada do campeonato espanhol de futebol da 1.ª divisão. A surpresa da ronda verificou-se com a vitória do Real Sociedad (por 3-0) no terreno do Sevilha. Resultados: Salamanca-Espanhol, 2-2; Atlético de Madrid-Cádis, 1-0; Osasuna-Valência, 2-0; Múrcia-Real Madrid, 0-1; Maiorca-Málaga, 0-0; Atlético de Bilbau-Bétis, 2-0; Sevilha-Real Sociedad, 0-3; Barcelona-Saragoça, 0-0 e Gijon-Valladolid, 5-1. Classificação actual: 1.º Real Madrid, 19 pontos; 2.os Barcelona, Saragoça e Atlético de Bilbau, 17; 5.os Málaga e Atlético de Madrid, 16; 7.os Bétis, Valência e Espanhol, 15; 10.os Múrcia e Gijon, 14; 12.os Sevilha, Real Sociedad, Osasuna e Valladolid, 13; 16.º Salamanca, 10; 17.º Cádis, 8; 18.º Maiorca, 5.

França

O Bordeus, que venceu o Nimes (2-1) lidera o campeonato francês após a 21.ª jornada. Resultados: Monadco-Lens, 3-1; Sochaux - N.ancy, 0-1; Paris St. Germain - Nantes, 0-0; Saint Etienne - Brest, 1-0; Auxerre -Toulouse, 1-1; Rennes - Estrasburgo, 3-0; Metz - Toulon, 2-0; Bastia - Laval, 3-0 e Lille -Rouen, 0-1.

A classificação ficou assim ordenada: 1.º Bordeus, 32 pontos; 2.º Monaco e Auxerre, 28; 4.º Paris St. Germain, Nantes e Toulouse, 25; 7.º Estrasburgo, 23; 8.º Lens, 22; 9.º Laval, 21; 10.º Bastia, 20; 11.º Rouen e Sochaux, 19; 13.º Lille e Nancy, 18; 15.º Metz e Toulon, 17; 17.º St. Etienne, 16; 18.º Brest, 15; 19.º Nimes e Rennes, 14.

Inglaterra

O Liverpool aumentou para quatro pontos a sua vantagem sobre o West Ham e o Manchester United ao vencer o Birmingham City, (por 1-0), na 16.ª jornada do campeonato inglês. O West Ham perdeu (0-1), no terreno do Aston Villa, enquanto o Manchester United foi (surpreendentemente), derrotado no seu campo, 0-1, pelo Everton. Outros resultados: Arsenal-West Bromwich, 0-1; Luton-Coventry, 2-4; Norwich-Tottenham, 2-1; Queens Park-Notts County, 1-0; Southampton-Stoke City, 3-1; Sunderland-Ipswich, 1-1; Wolverhampton - Watford, 0-5.

Classificação:1. Liverpool, 34 pontos; 2. West Ham e Manchester United, 30; 4. Tottenham e Coventry, 28; 6. Southampton e Aston Villa, 27; 8. Queens Park, Norwich e Luton, 26; 11. Notingham, 24; 12. West Bromwich, 23; 13. Ipswich e Sunderland, 22; 15. Arsenal e Everton, 21; 17. Birmingham, 18; 18. Notts County, 14; 19. Watford e Leicester, 13; 21. Stoke City, 12; 22. Wolverhampton, 7.

RFA

O Hamburgo desceu ao 4.º lugar da classificação do campeonato alemão-federal ao empatar (0-0) no terreno do Francoforte, último classificado. Estugarda e Bayern de Munique, que dividiam o comando da classificação com o Hamburgo, venceram o Werder Bremen (3-0) e o Borussia Dortmund (1-0), respectivamente. Na 16.ª jornada o maior número de golos num só jogo registou-se no Braunschweig — Kickers Offenbach, que terminou com um empate a quatro golos. Outros resultados: Bochum-Arminia Bielefeld, 2-3; Borússia Moenchengladbach-Bayer Leverkusen, 3-1; Colónia-Bayer Uerdingen, 3-0; Waldhof Mannheim-Fortuna Dusseldorf, 1-1; e Nuremberga-Kaiserslautern, 3-4.

Classificação: 1. Estugarda e Bayern Munique, 23 pontos; 3. Borussia Moenchengladbach e Hamburgo, 22; 5. Dusseldorf e Werder Bremen, 20; 7. Bayern Leverkusen, 18; 8. Colónia, 17; 9. Bayer Uerdingen, 16; 10. Bielefeld, 15; 11. Waldho Mannheim, Kaiserslautern, Bochum e Braunschweig, 13; 15. Borrusia Dortmund e Kickers Offenbach, 10; 17. Nuremberga e Francfort, 9.

Grupo 3

Grécia e Hungria empataram (2-2) em jogo do Grupo três do campeonato da Europa de Futebol, disputado em Salónica. Ao intervalo a Hungria vencia por 2-1, depois de a Grécia ter marcado em 1.º lugar aos 9 minutos, por intermédio de Anastopoulos. A Hungria empatou (aos 13 minutos) por Kardos, e colocou-se em vantagem (aos 40) por Toroczik. Aos 55 minutos Anastopoulos marcou o 2.º golo da Grécia, estabelecendo o resultado final. O encontro não tinha qualquer influência no apuramento do grupo, já assegurado pela Dinamarca. A classificação actual do grupo três é a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
1. Dinamarca	8	6	1	1	17- 5	13
2. Inglaterra	8	5	2	1	23- 3	12
3. Hungria	8	3	1	4	18-17	7
4. Grécia	7	2	2	3	7-10	6
5. Luxemgurgo	7	0	0	7	5-55	0

Próximo jogo, último do grupo: Grécia-Luxemburgo, no dia 14.

Brasil

Fluminense e Bangu empataram a um golo no 1.º encontro da série final para decidir o título de campeão de futebol do Rio de Janeiro, disputado ontem no Maracanã. O Flamengo, 3.ª equipa deste conjunto na corrida para o título, defrontará na próxima 4.ª feira o Fluminense e, domingo, receberá o Bangu. A 1.ª volta do campeonato foi ganha pelo Fluminense e a 2.ª pelo Flamengo, enquanto o Bangú obteve o direito a participar neste torneio triangular para o título de campeão por haver totalizado maior número de pontos que os seus adversários nas duas voltas preliminares.

Zimbabwe, 3 - Suíça, 2

A selecção nacional de futebol do Zimbabwe bateu a sua congénere suíça por três bolas a duas (com 1-2 ao intervalo), num encontro particular, ontem disputado em Harare. Este goi o 3.º jogo dos suíços depois do início da sua digressão por África. Nos dois encontros anteriores venceram a Argélia e perderam com a Costa do Marfim.

Nacional de andebol

Proeza do Salgueiros: derrota do FC Porto

O Salgueiros pôs fim à invencibilidade do FC Porto na 9.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.º Divisão de andebol de sete. Foi (indiscutivelmente) a maior surpresa, até agora, no agrupamento nortenho que, na ronda forneceu outros desfechos pouco previsíveis, como sejam a derrota do subcomandante (Sanjoanense) frente à Académica de S. Mamede e o empate a que a Académica de Coimbra sujeitou o Desportivo de Portugal.

Na referida zona há seis equipas com probabilidades de conseguir o apuramento, sendo quase certo que o FC Porto e a Sanjoanense estarão na fase final. As dúvidas quanto aos outros dois (de um lote de quatro) alimentarão o interesse da fase nortenha.

Ao Sul, predominou o embate entre o Benfica e Sporting: as duas equipas tardaram a encontrar o seu melhor ritmo e, como consequência, registaram-se algumas quezílias entre os jogadores, que originaram expulsões temporárias. A qualidade técnica na 2.ª parte foi muito superior e os «leões», após perderem ao intervalo por cinco golos (8-13), no início do 2.ª tempo quase deram o «volta-face» ao resultado, mas ficaram-se até à diferença mínima. Nova reacção do Benfica e a consolidação de uma margem de quatro golos que (depois) os «encarnados» souberam controlar para triunfarem com inteiro merecimento. De sublinhar que o Benfica é (agora) a única equipa invencível, embora na 1.ª volta tenha cedido um empate frente ao Sporting.

A jornada ao Sul «fragmentada» por três dias, não se revestiu das surpresas acontecidas ao norte. Apurados praticamente certos (não obstante faltarem ainda cinco jornadaas), estão o Benfica, Belenenses e Sporting: as dúvidas permanecem só no que respeita ao 4.º posto, em que o Caramão é candidato principal na luta com Caselas, Vitória de Setúbal e Almada.

Resultados na Zona Norte: Académico do Porto-Sp. Espinho, 24-20; Académica de Coimbra-Desp. Portugal, 24-24; Salgueiros-FC Porto, 28-24 e Académica de S. Mamede-Sanjoanense, 23-18. Zona Sul: V. Setúbal-Almada, 22-22 (na passada quinta-feira); Benfica-Sporting, 23-19; Caselas-Belenenses, 18-28; Passos Manuel-Caramão, 21-24. Pontuação na Zona Norte: 1.º FC do Porto, 9 jogos e 25 pontos; 2.º Sanjoanense, 9-23; 3.º Desp. Portugal, 9-21; 4.º Salgueiros, 9-18; 5.os Académica de S. Mamede e Académica de Coimbra, 9-18; 7.º Académico do Porto, 9-15 e 8.º Sp. Espinho, 9-9. Zona Sul: 1.º Benfica, 9 jogos e 26 pontos; 2.º Belenenses, 9-23; 3.º Caramão, 9-21; 4.º Sporting, 8-18; 5.º V. Setúbal, 9-15; 6.º Caselas, 9-14; 7.º Almada, 8-12 e 8.º Passos Manuel, 9-10.

O CDUL ascendeu ao comando da classificação do campeonato de râguebi da 1.ª divisão, ao vencer Direito, por 14-7, em jogo da 5.ª jornada (foto). Outros jogos Belenenses-Cascais (8-6). CDUP-Agronomia (0-3) e Académica-Técnico (9-14)

TOTOBOLA a chave

1	Boavista-Benfica	2
2	Penafiel-Porto	2
3	Guimarães-Estoril	1
4	Varzim-Farense	1
5	Salgueiros-Braga	X
6	Espinho-Águeda	1
7	Sporting-Rio Ave	1
8	Portimonense-Setubal	x
9	Gil Vicente-Leixões	1
10	Alcobaça-Académico	1
11	Um Coimbra-Covilhã	X
12	Torriense-Guarda	1
13	E. Amadora-U. Madeira	2

Totobola: previsões

Os serviços do Totobola prevêem de 1.300 a 1.500 apostas com 13 resultados certos no concurso número 46. Com 12 resultados certos prevêem-se de 24 mil a 26 mil apostas. O valor de cada prémio é de 22.464 074 escudos e 50 centavos.

Desporto: mitos e símbolos

A Educação Física no Brasil de hoje

Manuel Sérgio

Tenho tanto para dizer dos 36 dias que vivi no Brasil, durante os últimos meses de Setembro e Outubro, que me faltam as palavras. No sector da Educação Física, há uma oposição evidente dos licenciados em Educação Física, pelas Universidades federais e pelas Universidades privadas, à tutela dos militares e de alguns médicos, mormente daqueles. A Educação Física brasileira encontra-se numa encruzilhada de perguntas e dúvidas a que vai dando resposta, com a consciência dos limites, mas patenteando grande coragem e sendo contra: contra o embrutecimento das massas populares. Contra as Actividades Corporais, sem carácter educativo. Contra os atentados à vida humana, perpetrados, conscientemente e a frio, na pessoa dos atletas de alta competição, pelos lacaios do lucro e do poder; contra um desporto que despreza a educação física e, portanto, interessado tão-só na feitura de campeões-bestas-esplêndidas e não no surgimento de homens (no desporto, há **super-homens** a mais e **homens** a menos).

Depois de ter dialogado, durante uma semana, com o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, onde fiz amizade fraterna com o Lino, o Laércio, a Silvia, a Vera Lúcia, o José Ricardo, a Maria Isabel, o Medina, o Edson Claro, o dr. Osmar de Oliveira, o dr. Vítor Matsudo, o Hélio Barbosa (todos professores de Educação Física, exceptuando os **drs.** que são também médicos); depois de ter palestrado, com grande honra e proveito para mim, nas Faculdades de Educação Física da Universidade de São Paulo, na Universidade Metodista de Piracicaba, na Universidade de Curitiba, na Universidade Federal de Minas Gerais, na Universidade de Brasília, na Universidade de Viçosa e na Universidade «Gama Filho», depois de, em excelente camaradagem, ter escutado os anseios de um sem número de alunos e licenciados em Educação Física, atletas, jornalistas, homens do desporto e professores universitários doutras áreas do saber — não tenho qualquer receio em adiantar que a Educação Física brasileira prepara um assalto pacífico e lúcido contra todas as cidadelas do conformismo e do preconceito, contra todas as políticas e políticos, desprezadores da dimensão educativa e libertadora, que as Actividades Corporais (treino, dança, ginástica, jogo, desporto e circo) hão-de assumir, sem simulacros.

O Brasil, com 130 milhões de habitantes e 70% de analfabetos (do ponto de vista intelectual e físico) entrou agora de investir na alta competição e na especialização precoce, conseguindo já um ou outro êxito de retumbância ecuménica (no futebol, no basquetebol e no voleibol). A Educação Física, entretanto, pela voz das suas «consciências vigilantes», já está a perguntar se vale a pena investir na alta competição, dando ao olvido a **educação física de base.** De facto, quando se convencerão os grandes senhores deste pequeno mundo que **o desporto só é verdadeiro quando preparado, sistemática e pedagogicamente, por uma educação física em sintonia com os dados mais recentes das ciências do homem?** E assim (no Brasil e noutros lados) o desporto, nomeadamente o de alta competição, nutrido por mentiras e farfalhices retóricas, está por apresentar algo de sólido, travejado, perdurável... humanamente falando!

Num rápido parêntese, perguntar-me-á algum leitor mais atento: mas se os brasileiros lhe estenderam os braços, com aprazível fraternidade e lhe dirigiram mesmo alguns convites, que não se endereçam a qualquer um, por que se deita a crítica tão rigorosa do desporto brasileiro? A resposta é simples: eu pouco mais faço do que ressoar o que li e ouvi, em inteligências robustas e austeras, que sabem do desporto brasileiro o que eu não sei... necessariamente!

DESPORTO

Luz: num pavilhão sem calor humano, o Benfica impôs a sua categoria

Nacional de basquetebol

Benfica: toda a evidência

O Benfica foi a equipa que esteve mais em evidência na dupla jornada (16.ª e 17.ª) deste fim-de-semana do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão de basquetebol. Os «encarnados» bateram «apenas» o Queluz e o Barreirense que eram os dois guias da prova. Contudo, por efeito da vitória do Queluz (ontem), como visitante do Luso do Barreiro (onde na véspera perdera o Barreirense) os quelucenses isolaram-se no comando, agora sem a incómoda companhia do Barreirense.

A equipa do prof. José Curado, não obstante contar apenas com jogadores nacionais (uma opção ocorrida esta época, que se aplaude e festeja) ficou agora numa posição privilegiada relativamente a conseguir um lugar entre os seis primeiros de apuramento para a «poule» seguinte. Aliás, os «encarnados» da Luz terão dado um decisivo impulso nesse sentido. O Barreirense, a despeito de ter perdido a liderança, de maneira nenhuma abalou as suas hipóteses de qualificação.

Na dupla jornada esteve (igualmente) em destaque o FC Porto, ao triunfar em Coimbra e, especialmente, em Ovar, onde, dos «grandes» apenas triunfou o Barreirense. O Olivais (de Coimbra) foi outro dos grupos que deixou positivamente assinalada a sua participação nas duas jornadas, ao triunfar como visitante do Atlético e do Ginásio Figueirense. O Sangalhos perdeu na Tapadinha e na Figueira da Foz e, não obstante estar incluido no quarteto entre o 4.º e o 6.º lugares, sacrificou muitas esperanças de qualificação.

De referir que a incerteza dos resultados é sinónimo de acentuada aproximação de capacidade de entre a esmagadora maioria das equipas, portanto um factor muito salutar para o resto da fase que decorre, em que continuam a existir 7/8 equipas para os seis lugares de qualificação.

De referir, que o Atlético, ao 16.º jogo conseguiu a primeira vitória, no desafio de sábado, ante o Sangalhos.

Resultados na 16.ª jornada: Benfica-Queluz, 82-81; Luso do Barreiro-Barreirense, 65-59; Ginásio-Olivais, 67-84; Atlético-Sangalhos, 69-64; Ovarense-Sanjoanense, 112-92 e Conimbricense-FC Porto, 63-83. Na 17.ª jornada: Luso do Barreiro-Queluz 81-85; Benfica-Barreirense, 89-85, Atlético-Olivais, 70-94; Ginásio-Sangalhos, 98-75; Conimbricense-Sanjoanense, 79-93 e Ovarense-FC Porto, 89-94.

Pontuação: 1.º Queluz, 17 jogos e 31 pontos; 2.º Barreirense, 17-30; 3.º FC Porto, 16-28; 4.os Benfica, Ovarense, Olivais e Sangalhos, 17-27; 8.º Sanjoanense, 17-25; 9.º Luso do Barreiro, 17-24; 10.º Ginásio, 16-20; 11.º Conimbricense, 17-19 e 12.º Atlético, 17-17.

Carlos Lisboa com a bola: a vedeta n.º 1 do basquetebol português

Presidente federativo abre o livro

Ciclismo: ataque de questões em tempo de defeso

Mário Ferreira surgiu no ciclismo em 1969, como director desportivo do Sporting. Estava descoberta mais uma dedicação para a modalidade do pedal, mercê da competência, do rigor da conduta e da vincada personalidade era imposto ao conceito dos apaixonados pelo ciclismo. Quatro anos depois era vice-presidente da Associação do Sul e em 1974/75, ocupava a cadeira principal daquele organismo. Mais tarde, Idalino de Freitas, sugere que Mário Ferreira ocupe (em 1978) o lugar cimeiro da Federação Portuguesa de Cilismo e lá continua: caso de orgulho da velocipedia nacional e do nosso desporto.

Diz-se, ser o futebol o desporto das multidões tendo como «tábua de avaliação» o número de pessoas concentradas no local reservado ao espectáculo. Está por saber-se se um «Tour de France» não será presenciado por mais pessoas do que as que assistem aos jogos do Campeonato francês.

Ciclismo é um desporto popular com raro fascínio e singular sortilégio. Modalidade desportiva de beleza e encantamento e espectáculo arrebatador e entusiástico.

Por tudo isso se justifica que o sector da Informação lhe dispensa a mais cuidada atenção por obediência ao interesse do leitor. Ciclismo no defeso implica bastidores em intensa actividade.

Reunião internacional em Paris, regresso do Sporting «às estradas», desistência do F. C. do Port, «Mako Jeans» e Coelima, aparecimento do velho Olhanense, regresso de Agostinho, Benfica a preparar (consta-se) a vinda que será muito saudada, mandato federativo no final, organização da «Volta 84– e cursos de treinadores e de massagistas. Estes os temas que ao «DL» importava abordar com o condutor do executivo da nossa velocipedia. Foi o que fizemos. O depoimento de Mário Ferreira aqui fica:

–Em Paris decorreu o Congresso anual que está determinado realizar-se sempre na última 6.ª-feira de Novembro. Trata-se de uma reunião que visa a abordagem de temas diversos para o interesse do ciclismo, elaboração do calendário internacional, actualização dos regulamentos, etc.

– Como vai ser a presença de Portugal no «Tour»?

– Considerando o comportamento da nossa equipa na «Volta do Futuro» a organização exige que o nosso país esteja representado: só que a questão é delicada, uma vez que, a partir de agora, só terão acesso à «Volta do Futuro» países que tenham disputado o «Tour» e as datas coincidem com o auge da época portuguesa. Como quer que seja, é assunto a decidir na reunião de associações a realizar brevemente.

«O Sporting ainda não está filiado»

– O regresso do Sporting com Agostinho, Marco Chagas, Zeferino, Eduardo Correia, Paulo Ferreira, Xavier, Benjamim, Benedito, Amaro e Carlos Marta?

– Será conveniente referir que o regresso do Sporting só poderá considerar-se após a sua filiação, o que esperamos venha a suceder depois do primeiro dia de Janeiro. Desnecessário será o presidente da Federação dizer que esse regresso constituirá um marco doirado no nosso ciclismo, não só pela enorme popularidade nacional do grande clube

Mário Ferreira

sportinguista, como pelas inesquecíveis e gloriosas tradições na modalidade vindas de nomes que foram cintilantes «estrelas» do desporto das bicicletas.

O equívoco de Chagas

– Marco Chagas teria, entretanto, colocado reservas em se profissionalizar, por tal atitude o impedir de regressar à condição de amador?

– O Marco está mal esclarecido. Qualquer ciclista pode ser duas vezes profissional e regressar a amador: só que (depois) terá que acabar a carreira nessa categoria.

Sporting no «Tour» e na nossa «Volta»

Dentro do tema, Mario Ferreira, adiantaria:

– Penso que, se o Sporting incluir na sua ecléctica actividade o ciclismo profissional, será a forma de Portugal estar presente na Volta à França, onde Agostinho ainda é figura indispensável: e, através da equipa «Open» (amadores e profissionais) estar representado (como todos desejamos) na Volta a Portugal.

Os desistentes

– Infelizmente parece decidida a «baixa» da «Mako Jeans» ainda que eu tenha alguma esperança em que o FC do Porto e a Coelima possam repensar a sua anunciada renúncia já que se trata de duas colectividades com enormes responsabilidades no ciclismo português. Dizer que os grandes valores já se vincularam ao Sporting e ao Olhanense não é argumento bastante, por ser bem sabido da existência de autênticas revelações na classe B, que podem ser promovidos ao escalão superior. Há o caso do Lousa que, através de um trabalho notável, se apresenta com uma equipa muito homogénea.

«Benfica irá regressar»

Era tema obrigatório. Questão posta e resposta obtida:

– Penso que o dinamismo da actual direcção benfiquista, o empenhamento pessoal de Fernando Martins e o desejo natural de todos os benfiquistas será trilogia suficiente para que, em 1984, tenhamos nas estradas as camisolas vermelhas do grande clube de Nicolau, José Martins, João Rebelo, Peixoto, Valada, Américo Silva e dezenas de outros ciclistas que muito prestigiaram a poderosa colectividade que, no emblema, ostenta uma roda de bicicleta.

Até final do ano congresso e eleições

A luta pela presidência teve eco quando a «Volta-83» estava na estrada. Depois, apenas o regresso ao silêncio. Um caso estranho?

– Tratou-se de uma atitude de visível e flagrante inconsciência a derrotar propósitos desestabilizadores. Mantive a calma e serenidade que o cargo e as funções me aconselhavam e impunham. Devo, no entanto, afirmar que um dos elementos «indicados» para me substituir me assegurou, com a honra que lhe acoberta a personalidade, ter sido alheio a tal campanha. Refiro-me ao sr. Francisco Nunes.

Até final de Dezembro haverá lugar ao congresso e consequentes eleições. – Neste momento, o que importa é que possa existir um acordo, por forma a que todos os «homens do ciclismo» não se afastem. Não deve haver lugar a desuniões, porque todos não somos muitos. Por mim, apenas desejo que a modalidade seja digna dos seus dirigentes e penso que tenho actuado com o mínimo de rigor, isenção e aprumo.

«Voltas-84 e 85» entregues ao «JN»

Causou certa efervescência em telegrama vindo de França referindo provas e datas...

– Sem razão. Tratava-se de uma notícia relacionada com a «Vuelta Portuguesa» na Venezuela, como aliás, alguns jornais noticiaram e a confusão só foi possível por não haverem contactado o delegado português ao Congresso de Paris. As «Voltas» de 84 e 85 foram confiadas ao «Jornal de Notícias» após a Federação ter recebido poderes de decisão outorgados pelas Associações. Assim, a «Volta-84» decorrerá de 4 a 18 de Agosto e, como se sabe, essa data é averbada na F.I. até 10 de Novembro. Outra razão a afastar a «tal» confusão.

Cursos de treinadores?

– É um assunto importante. A Federação organizou um curso em 1981 dividido por Lisboa e Lamego, estando presente um reputado técnico alemão. Os intervenientes evidenciaram enorme satisfação pelos ensinamentos trazidos até nós. Pensámos ser conveniente, útil e forçoso realizar cursos anuais com idêntico padrão e, de acordo com o estipulado pelas enormes vigentes em Portugal, colocámos o assunto à consideração do IND por ser a entidade oficialmente responsável. Em 1982, procurámos organizar o respectivo curso com a presença de outro técnico estrangeiro de reconhecida competência. só que, (e muito surpreendentemente) o IND veio informar-nos de que não era necessária a vinda de qualquer elementos estrangeiro uma vez que existia uma pessoa em Portugal competente para o efeito. Não está em causa o valor desse técnico, que terá frequentado um curso de formação na RDA, (mercê das excelentes relações entre as federações de Portugal e da RDA) tendo o convite sido feito a um dirigente federativo que entendeu dirigi-lo ao IND para indicar um técnico ou professor de educação física. A presença desse elemento no curso de 1982 foi excelente: mas de resultados insuficientes, pelo que insistimos na vinda de um técnico estrangeiro. Esperamos a decisão do IND.

E sobre massagistas?

– É da competência da Direcção Geral de Apoio Médico: e bom será que não se perca tempo, para que não se repitam casos como o ocorrido na «Volta-83» com a desclassificação do ciclista José Henriques só possível pela carência de conhecimentos do massagista.

Agostinho

Último tema.

– É louvável a atitude de Joaquim Agostinho em pretender terminar a sua gloriosa carreira em Portugal. Uma decisão que enobrece a sua inquestionável craveira que simbolizou a «era eusebiana» do ciclismo português.

E pronto. O depoimento de Mário Ferreira, presidente da Federação de Ciclismo, aqui fica.

Alves Henriques

MICROSCÓPIO

Xadrez: adiamento

Kasparov e Korchnoi decidiram ontem suspender a 6.ª partida que disputam em Londres no torneio de aspirantes ao Campeonato mundial de xadrez. Esta decisão foi tomada ao fim de 41 movimentos e a partida continuará hoje. Presentemente, Korchnoi tem uma vantagem de 3-2 sobre Kasparov.

Lopes: 9.º na Bélgica

Carlos Lopes clasificou-se em 9.º lugar no Crosse de Denderhouten (Bélgica). A prova a 2.ª a contar para a «Taça do Crosse da Bélgica», foi ganha pelo belga Rousseau.

Aljustrel: correr

O 4.º Grande Prémio de Natal de Crosse realiza-se em Aljustrel (distrito de Beja) a 18 de Dezembro. Na prova, em que podem participar atletas federados e populares nas diversas categorias, é da iniciativa do Desportivo da Juventude Aljustrelense, com o apoio da Câmara Municipal local e delegação da DGD de Beja.

Voleibol funchalense

A Associação de Voleibol do Funchal vai promover, de 6 a 11 de Dezembro, um curso para treinadores de 3.º grau daquela modalidade. Serão abordados temas relacionados com metodologia de treino, técnica e táctica, regras e mini-volei.

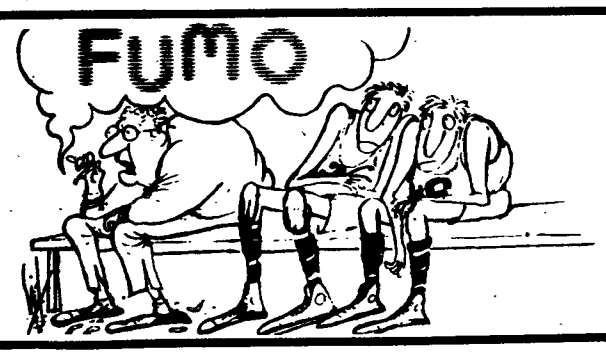
Evaristo

Melodrama de desempate

C. Sampayo & F. Solano

8

Continua



NÃO FUME

EM RECINTOS

FECHADOS

em duas palavras

O antepassado do homem e do macaco

A Sociedade Nacional de Geografia Americana (BGS) anunciou que a descoberta no Norte do Quénia de restos com 17 milhões de anos que bem poderiam ser os do antepassado comum do homem e do macaco.

Foi uma brigada de antropólogos da Escola Médica da Universidade John Kopkins, de Baltimore, quem em Agosto e Setembro de 1983 achou estes ossos dum ser peludo, próximo do chimpanzé, no leito seco dum ribeiro numa região desolada do Norte do Quénia, denominada Bulluk. Em Julho, a senhora Mave Leakey já tinha deparado com um fragmento de mandíbula do mesmo indivíduo.

A brigada, dirigida pelo professor Alan Walker, daquela universidade, o marido da sr.ª Leakey, Richard Leakey, director do Museu Nacional do Quénia, foi anunciada pela BGS, revelou um antrpólogo da Universidade de Harvard, David Pilbeam.

Um segundo buraco negro

O observatório astronómico de Tóquio anunciou que descobriu, na constelação Camelopardalis, o que poderá ser um muito raro buraco negro na nossa Galáxia.

Se se tratar efectivamente de um buraco negro, seria o segundo descoberto na Galáxia da Via Láctea, depois do buraco negro X1 de Cyvnus, e o quarto localizado no Cosmos, indicou o observatório.

Um buraco negro forma-se quando uma estrela moribunda se abate sobre si mesma. Se a estrela tem massa suficiente, o desabamento devido à gravidade pode teoricamente durar indefinidamente e criar um campo gravitacional tão forte que os próprios raios luminosos não podem escapar-se do astro. Daí o nome: buraco negro. Devido à sua massa, a estrela atrai por outro lado materiais arrancados às estrelas em redor.

O próprio buraco negro não pode ser directamente observado pelos telescópios, mas podem detectar-se os Raios X e outras radiações emitidas pelos materiais que a estrela absorve.

O observatório declarou que o suposto buraco negro, que emite Raios-X, foi descoberto em 14 de Novembro pelo satélite científico «Temma» e denominado «XO 331 MAIS 53».

Chover dinheiro

Notas de mil pesetas «choveram» sobre uma dona de casa que se queixava da carestia de vida num mercado de Sevilha.

Os dois milhões de pesetas caídos do céu não faziam parte de nenhum milagre de combate à inflação. Vinham de uma janela do prédio sobranceiro, atiradas pelo empregado de uma loja que pretendia, assim, poupá-las aos assaltantes que o surpreenderam.

Do monte de notas, a Polícia conseguiu recuperar metade. O resto sumiu, escondido por entre as frutas e legumes, nos cabazes das compradoras.

Compromisso de Cristina Onassis

– Cristina Onassis aceitou um compromisso com o fisco grego, que reclamava perto de três mil milhões de dracmas (cera de 4 milhões de contos) de direitos de sucessão da herança de seu pai, noticiou o diário grego «Eleftheri Gnomi» (próximo do Movimento Socialista Pan-Helénico – no poder).

Segundo esse compromisso, que foi confirmado por um dos seus advogados, a filha de Aristóteles Onassis apenas pagará ao fisco 1,1 mil milhões de dracmas (cerca de 1,4 milhões de contos) em divisas. Este acordo tem lugar uma semana antes da data prevista do julgamento em segunda instância.

Em 5 de Fevereiro de 1982, pouco após a subida dos socialistas gregos ao poder, o Ministério das Finanças reclamou da filha Onassis a soma de 2,7 mil milhões de dracmas, relativa por uma lado, aos direitos de sucessão (1,4 mil milhões) devidos ao Estado pela herança do milionário falecido em 15 de Março de 1975, e, por outro lado, uma multa (1,3 mil milhões) pela não declaração dessa herança.

Prémios do «Kennedy Center»

O realizador Elia Kazan, o actor e cantor Frank Sinatra, o actor James Stewart, a bailarina coreógrafa Katherine Dunham e o compositor Virgil Thompson, receberam ontem à noite, na presença do presidente Reagan, os prémios do «Kennedy Center (centro cultural de Washington) que consagra em cada ano, cinco artistas, nos diferentes domínios, pela sua contribuição para a cultura americana.

Frank Sinatra, 67 anos, e James Stwart, 75 anos são dois velhos amigos de Ronald Reagan que se conheceram em Hollywood, quando ele era actor.

Katherine Dunham, que tem 71 anos, fundou a sua própria companhia e desempenhou um papel determinante pela utilização da dança do folclore e de uma maneira mais ampla, de etnologia. Em 1963, foi a primeira negra a criar com «Aida», de Verdi, uma coreografia para o «Metropolitan Opera», de New York».

Virgil Thompson, 87 anos, foi um eminente crítico musical antes de escrever numerosas obras, entre as quais duas óperas em colaboração com a escritora Gertrude Stein.

A Revolução 1383-1385 na RTP(*)

NO sentido de invocar o sexto centenário de um dos mais importantes períodos da História de Portugal, e no âmbito das produções de carácter cultural que a CINEQUANON tem vindo a privilegiar na sua produção fílmica para a R.T.P., vai iniciar-se hoje, pelas 19.30, com periodicidade semanal, a exibição da série «A Revolução de 1383-1385», composta de seis filmes com cerca de vinte e cinco minutos cada.

A série teve como colaborador para os assuntos de arte o dr. Fernando António, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, e conta com depoimentos de alguns dos mais prestigiosos estudiosos da História de Portugal, nomeadamente os profs. A.H. Oliveira Marques, Armando Castro, Baquero Moreno, Borges Coelho, Maria Lúcia Perone Passos, Sales Loureiro e Salvador Dias Arnaut. Participa também na série o grupo de teatro de Campolide, representando cenas alusivas a alguns momentos daquele período revolucionário. A locução dos textos ficou a cargo de Carlos Brandão Lucas.

É nossa intenção acompanhar a série televisiva com um breve resumo do conteúdo de cada um dos filmes. Tal como a série a sua periocidade será semanal.

Os estudiosos da época em questão sabem que a estrutura da sociedade portuguesa dificilmente absorvia as novas contradições que iam surgindo com o desenvolvimento das actividades económicas e a consequente afirmação da burguesia e dos mesteirais.

Não negamos que a Peste Negra de 1348 tenha provocado indesmentíveis alterações na sociedade portuguesa. Contudo, não cremos que ela tenha estado na origem mais profunda da revolução de 1383-1385, como é vulgar afirmar-se.

O que nós pretendemos salientar neste primeiro programa é o facto de residir na má governação fernandina a causa principal da própria Revolução.

Quando D. Fernando sobe ao trono, as torres dos nossos castelos de Lisboa, Santarém, Porto, Coimbra e de outros lugares estavam cheias de ouro, prata e moedas. D. Fernando era o rei mais rico que jamais Portugal tinha tido.

São as três guerras conduzidas desastrosamente pelo nosso monarca que lançam o nosso país na ruína.

A triste realidade que resulta daquelas guerras é demasiadamente confrangedora: três derrotas sucessivas com todo o rol de suas consequências nefastas. A economia asfixiada. Grande parte da marinha destruída. O tesouro exausto. Lisboa depauperada.

Além das malfadadas guerras outras dificuldades marcam o reinado fernandino.

Às pequenas «uniões» que a população fazia para manifestar o seu repúdio contra a política bélica do monarca, sucede um movimento mais amplo, de proporções mais sérias, contra o casamento do rei com D. Leonor Teles. Esta revolta, dirigida pelos mesteirais, é esmagada com um banho de sangue.

Por sua vez, a rainha D. Leonor, comulada de doações pelo monarca, beneficia e protege os seus familiares e amigos e cria à sua roda, através de casamentos e doações, uma corte de dependentes capazes de lhe servir de escudo protector contra a reinvestida popular. E, para melhor garantir o seu futuro, habilmente consegue afastar do País os infantes D. João e D. Dinis e chega a prender D. João, Mestre de Avis.

Os ingleses, longe de ajudarem Portugal contra Castela, comportam-se como autênticos invasores, roubando, matando e saqueando.

E para agravar ainda mais a situação portuguesa, o contrato de casamento de Salvaterra de Magos põe em risco a independência nacional.

A tentativa de minimizar as nossas dificuldades com oportunas reformas não consegue travar o avolumar das contradições. Os ventos europeus da revolta dos pequenos contra os grandes sopram fortemente logo após a morte do nosso monarca.

Valentino Viegas

(*) O autor e apresentador da série é o dr. Valentino Viegas, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa. Irão depor neste primeiro programa os profs. António Borges Coelho e Armando Castro.

Fernanda Barreto e José Eduardo, em «O Rufia na Escada»

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"A Vida é um Romance" de Alain Resnais

Resnais é um dos cineastas cujos trabalhos sempre me despertaram reacções fortes. Acho que **Hiroshima Meu Amor** é um dos mais belos filmes do Mundo, que **Marienbad** é quase o cinema em estado puro (ópio encantatório de visões encadeadas), que **Stavisky** é o grande filme sobre o fim de um tempo, que **Je T'Aime, Je T'Aime** é detestável... Gosto de me enlear em ficções turvas, de inventar caminhos no nevoeiro, de me deixar contagiar por uma emoção intensa ou de vaguear num refinamento aristocrático de ironia e sedução: tudo o que o cinema de Resnais tem sido. Da brutalidade de **Noite e Nevoeiro** (provavelmente nunca se fez um filme onde o horror do nazismo fosse tão visceral) ao calmo ceticismo de **A Vida é um Romance** não é possível ser-se indiferente à obra de Resnais.

Aconselhável a todos os que têm projectos de felicidade para os outros, **A Vida é um Romance** é uma reflexão irónica sobre a educação do imaginário através de três registos: um aristocrata que tenta fazer renascer os seus amigos, através de uma cerimónia de elixires e reeducação sensorial, para criar, a partir deles, seres prontos a só desejar o belo e a praticar o amor; um colóquio sobre educação reunindo pedagogos, arquitectos, sociólogos, padres...; uma ficção de conto de fadas infantil. A unificar os registos, um mesmo **décor**, um palácio mirífico, **pastiche** de mil estilos, uma arquitectura desmesurada e inabitável, um verdadeiro templo da mais ampla confusão, um espaço, afinal, de caos.

Mas não é o paralalelismo de três narrativas que faz de **A Vida é um Romance** um filme formalmente estimulante. Resnais constrói esta película antes de tudo sob o signo do artificialismo, prevertendo quaisquer intenções de realismo. E se esse artificialismo começa nos cenários (inimaginável trabalho de Jacques Saulnier – no palácio – e de Enki Bilal, que os amantes de banda desenhada bem conhecem – na «lenda infantil») é na definição dos personagens-estereótipos e sobretudo nos diálogos e, em particular, nos diálogos-cantados, que a pesquisa de Resnais mais arriscada e pro-

Vittorio Gassman e Sabine Azéma em «A vida é um Romance»: Resnaisde volta, com ternura e ironia

funda se revela.

Nenhum dos personagens tem o «discurso certo» mas todos têm «as suas razões» e, em geral, razoáveis. Nenhum deles é «pessoa» mas todos são «gente» e gente jamais desinteressante. Nenhum deles conseguiu uma dose conveniente de felicidade para si próprio, todos têm projectos para os outros. É suposto que não acreditemos e, a um tempo, acreditemos neles. Daí a corda tensa do artificialismo, do irreal e do real, do modelo e do quotidiano, da ironia na crença de um mundo melhor e da afirmação dessa mesma crença.

A Vida é um Romance tem a suprema virtude de ser um filme desconcertante. Até nos desfechos amorosos, nos casais que saem do colóquio sobre educação (com certeza inesperados para o espectador, a provar que também este tinha projectos de felicidade – que saem «furados» – para os personagens do filme...). Até na questão de saber se este é ou não um dos «grandes» filmes de Resnais – coisa que não sei e nem sequer sei se interessa muito.

Porque o que (me) interessa no cinema é a capacidade para interrogar, para transfigurar: o real, é claro, mas também as próprias ideias que temos de cinema. E **A Vida é um Romance** faz isso, sem qualquer dúvida.

A felicidade? As crianças lá estão – bem obrigado. Os adultos vão-se desenrascando conforme podem – talvez não tão mal como isso, quem sabe?

FICHA:
Título original: La Vie est un Roman.
Realização: Alain Resnais (França-1983).
Argumento: Jean Gruault.
Fotografia: Bruno Nuytten.
Cenários: Jacques Saulnier, Enki Bilal.
Música: M. Philippe-Gérard.
Montagem: Albert Jurgenson, Jean-Pierre Besnard.
Interpretação: Vittorio Gassman (**Walter Guarini**), Ruggero Raimondi (**Michel Forbek**, Geraldine Chaplin (**Nora Winkle**), Fanny Ardant (**Lívia Cerasquier**), Pierre Arditi (**Robert Dufresne**), Sabine Azéma (**Elizabeth Rousseau**), etc.
Distribuição em Portugal: Mundial Filmes.
Cinema: Star.
Classificação: Para maiores de 12 anos.

"Teatro Hoje" repõe "O Rufia na Escada"

O Grupo Teatro Hoje repõe , no Teatro da Graça (tv. S. Vicente, 11 – Tel. 875626) a peça inglesa de Joe Orton «O Rufia na Escada». Esta constitui a última oportunidade para ver um espectáculo que foi considerado pela crítica e pelo público como um dos mais originais e interessantes do Grupo. «O Rufia na Escada» é a história 'hitchocokiana' de uma estranha vingança mascarada de 'Crime Passional' e desenrola-se num ambiente de marginalidade que é a característica comum às suas três personagens: Wilson, Joyce e Mike, interpretadas respectivamente por Carlos Fernando (que também assina a encenação), Fernanda Barreto e José Eduardo. A tradução é de Helena Domingos, a cenografia de Dalton Salem Asseff, a montagem de Fernando Correia, e a sonoplastia de Hermenegildo Gomes.

Um aviso ao público: devido à quadra natalícia e a compromissos futuros, «O Rufia na Escada» estará em cena apenas duas semanas, até ao próximo dia 18, com o seguinte horário: diariamente às 21.45; matinées aos sábados e domingos às 17 horas (folga às 2.ªs feiras).

Comemorações centenárias de Fernão Mendes Pinto

Encerra-se hoje, como estava anunciado, a exposição comemorativa do centenário do autor da «Peregrinação», na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. A Exposição, para a qual o Centro de História contou com a colaboração da Câmara Municipal de Almada, deveria encerrar-se com uma conferência do professor Luís de Albuquerque que dissertaria sobre a figura e a obra de Fernão

Mendes Pinto. Por motivos de saúda do professor Luís de Albuquerque a conferência foi adiada para data a indicar.

Sessão cultural com Fernando Grade

Numa organização do Grupo de Acção Cultural da Escola Secundária António Arroio e do Comité Directivo do Movimento de Intervenção Cultural (MIC), realiza-se naquela Escola, na próxima quarta-feira, pelas 18 horas, uma sessão cultural com a presença do pintor e poeta Fernando Grade, secretário-geral do MIC, que orientará um colóquio sobre a sua obra poética, tomando por base de discussão crítica os seus livros «A + 2 = Raiva», «Um Arbusto entre os Calhaus», «Serenata ao Diabo», «Museu das Formigas» e «O Cadáver de Fernando Pessoa» (este, o primeiro livro de ficções do Autor).

Grade, para além da divulgação da sua própria poesia, declamará ainda poemas da autoria de Afonso Duarte, Edmundo de Bettencourt e Ruy Belo, como homenagem pessoal a estes Autores.

Os textos terão acompanhamentos musicais a cargo de Maria João Constante (guitarra clássica).

Associação 25 de Abril organiza concurso de poesia

A Associação 25 de Abril promove, entre 9 de Setembro de 83 e Outubro de 1984 um vasto conjunto de manifestações com vista a comemorar o 10.º aniversário da libertação de Portugal da ditadura fascista. Comemoração que é, da data em que se abriram horizontes de justiça, liberdade e progresso para o nosso povo, deseja-se participada por todos os portugueses que, mobilizados pelos ideais de Abril defendem aqueles valores.

Neste contexto, aquela Associação (Forte do Bom Sucesso, 1400 Lisboa), organiza um concurso literário com o regulamento seguinte: 1) Os trabalhos concorrentes na modalidade de poesia, deverão ser inéditos, dactilografados em cinco exemplares, assinados com pseudónimo e entregues até ao dia 31 de Março de 1984 na sede da Associação; 2) A identificação do concorrente deve vir em envelope fechado e lacrado contendo por fora, o pseudónimo constante dos poemas; e 3) Cada concorrente poderá apresentar uma única poesia ou um breve conjunto orgânico de poesias sobre o tema.

Os valores dos prémios são os seguintes: 1.º, 50 contos; 2.º, 25 contos; e 3.º, 10 contos.

Poderão ser atribuídas pelo júri menções honrosas até ao número três.

O júri que apreciará os trabalhos é composto por David Mourão-Ferreira, José Carlos de Vasconcelos, Manuel Alegre, Sofia de Mello Breyner Andresen e Urbano Tavares Rodrigues.

O júri reserva-se o direito de não classificar os trabalhos se os mesmos não tiverem qualidade exigível ou não respeitarem as regras do concurso.

A entrega dos prémios far-se-á em sessão especial a realizar na sede da Associação 25 de Abril em data a designar, promovendo a mesma Associação a divulgação dos poemas distinguidos.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Evocção ou Invocação?

O domingo já passou. Estamos perto da uma hora de segunda-feira. Ribeiro Cristovão lembra-nos que o «Domingo Desportivo» teve 55 minutos de duração. desses tomem nota: não mais de dois foram dedicados ao andebol. Tudo o mais, correu por conta das futebolices internas externas. Fanbtástico! Se até lá no desprto a RTP não é pluralista como o há-de ser noutras áreas expliquem lá?

Podem perguntar: como acabou tão tarde a televisão? A velha história. Na impossibilidade de resolver a quadratura docírculo, na RTP já se dão por felizes se conseguirem meter o Rosssio na Betesga. Difícil, mas eles lá vã tentando.

Assim, para tais gestores não representa qualquerproblemaenfiar mais uma bucha de 50 minutos. Mete-se, não se tira nada e pronto. Se não acabar à meia-noite acaba à uma, se não acabar à uma, acaba às duas. Que mal há nisso, sócios?

Perigo há qua ndo «A Festa Continua» passa das marcas uns minutos. Então zás!, corta-se sem explicações.

Porfalar nisso: o programa de Júlio Isidro continua à procura de um ritmo de uma imagem própria. Que não foi ainda encontrada. Com alguns pontos fracos ou demasiado controveros, casos das estátuas, apontamento quepердeu, ou vendeu a alma)e da representação dos distritos. Évora já foi o que foié o de Portalegre sei lá como terá sido, os outros sabese lá como serão. O humor, sem momentos fixos anda à deriva, o trio Henrique Viana, Júlio César e António Feio tem, pela qualidade dos actores, razão de sobra para vingar como fixação do interesse da audiência. A cena do tribunal e oautógrafo parece ser de momento, as únicas com que a audiência conta.

O autógrafo de ontem teve a presença de Natália Correia. Registemos o seu autógrafo: **Antiquíssima sabedoria fiscal que recomendo ao senhor ministro das Finanças: o bom pastor tosquia as ovelhas sem lhes arrancar a pele.**

Certo. Mas aquele «senhor ministro» introduz uma fórmula de atitude respeitosa desajustada à situação, à pessoa e,. até, ao porfiar da «antiquíssima sabedoria «Uma lástima, quando se entra pelo caminho de «o respeitinho é muito bonito.»

Voltando aoserão queprograma foiesse de 50 minutos que desequilibrou tudo? Foi uma emissão dedicada a Sá Carneiro. Chamava-se «evocação». Ou «invocação», não sei e talvez estivesse mais dentro do espírito do programa.

Na última reunião da Comissão Nacional do PSD ficou resolvido fazer uma homenagem ao seu antigo chefe. Naturalmente, esta emissão integra-se já nessa homenagem.

Qual o sentido desta evocação? Não se cuidou, do essencial, em lembrar a acção de Sá Carneiro como governante. Houve quem dissesse que elem se revelou como estadista quando ainda estava simplesmente na Assembleia da República. Amândio de Azevedo, que tal disse, foi mais longe: ele não era apenas um estaisata de nível nacional: ele era um estadista dse «nível europeu». Mas da actividsade como tal, apenas referências apressadas.

A importância esteve na pessoa partidárioa. Sá Carneiro como criador de uma organização política valer tudo. Mota Pinto deu a explicação exacta do programa ao dizer: **o PPD/PSD foi o mais precioso legado que Sá Carneiro deixou à democracia portuguesa.**

Com esta óptica a «evocação» deve ser encarada. Vimos, longamente vimos, imagens de arquivo referentes às grandes vitórias de Sá Carneiro à frente do seu partido ou da coligação, ora falecidíssima, e conhecida no meio por Aliança Democrática. Imagens triunfantes e triunfalistas que as consequências da sua acção política não viriam a comprovar. isto digo eu, claro,lá não se disse nada a respeito.

Como nada se diria a respeito de uma célebre dívida ao Banco Espírito Santo, que se procurou fazer desaparecer por meios não ortodoxos. Tida, em alguns meios afectos ao político, por caluniosa, a acusação viria a sert considerada procedente pelo tribunal. Cabe aqui um pormenor: até hoje, o Telejornal nunca referiu a dita sentença. Chama-se a isto «técnica da informação».

Entre outras caras,vimos no programa Balsemão (que falou mais de si do que do homenageado) Angelo Correia (a única pessoa em Portugal que a fazer rir, concorre com o sr. Esteves do «Tal Canal) Helena Roseta (a testemunha que Sá Carneiro era sensível à estética, ao bom vinho e à boa comida) Morais Leitão (que falou de tudo menos da dação) Amândio de Azevedo, o Seabra da inducação, e finalmente Mota Pinto que se referiu ao «estofanímico» do homenageado.

Mais gente, como é óbvio, participou na feitura do programa. Houve quem escrevesse o texto, quem o lesse, quem selecionasse as imagens, quem realizasse o programa, quem o produzisse. Houve, claro. Não menciono aqui seus nomes porque a televisão de no-los dizer. Não creio que se trate de uma emissão, pois Balsemão expressamente afirmou tratar-se de uma «iniciativa da televisão», ou seja, da RTP. Há responsáveis poreste simples pretexto de propaganda partidária. Quem são? Mistério!

Aquilo tudo era tão mau, tão primitivo, tão rude que, no aspecto profissional, o anonimato até se comprende. Mas as responsabilidades devem ser assumidos. A menos...

...A menos que oprograma ainda não acabasse. Que se trate de um folhetim. É?...

Hoje

Na RTP-1 de hoje, no programa Espectáculo, poderemos ouvir Frei Hermano da Câmara, em «Totus Tuus Maria, Serenata Mística à Virgem do Rosário»

12.00 **Meio-Dia** – que inclui desenhos animados.
13.00 **Jornal da Tarde**
Das **13.35** às **17.15** **Ciclo Preparatório TV**
18.00 **Sumário**
18.10 **Janela Mágica** – «A Abelha Maia» e «O Ninho da Águia».
19.00 **Teleregiões**
19.30 **A Revolução de 1383/1385** – no 6.º centenário. 1.º de uma série de 6 programas.
20.80 **Telejornal**
20.30 **Tempo de Antena** – Sindicato dos Professores da Zona Norte.
20.35 **Telenovela** – «Pai Herói».
21.25 **Parlamento** – discussão do Orçamento do Estado para 1984.
22.45 **Espectáculo**
23.40 **Últimas Notícias**

RTP

19.32 **Desenhos Animados**
20.00 **Telejornal**
20.30 **D'Hoje pr'Amanhã** – «Mundos Subterrâneos». Produção: Ana Maria Roseira. Realização: Adriano Nazareth Jr.
20.55 **Cine-Clube** – «A Sede do Mal».
22.50 **Telenovela** – «Gabriela».
23.30 **Último Jornal**

Amanhã

RTP

12.00: Meio-Dia; **13.00**: Jornal da Tarde; das **13.35** às **17.15**: Ciclo Preparaótrio TV; **18.00**: Sumário; **18.10**: Janela Mágica; **19.00**: Teleregiões; **19.30** Artistas Portugueses – Martins Correia; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Direito de Antena – Associação dos Profissionais de Educação de Infância; **20.35**: «Pai Herói», **21.30**: «Das Nove às Cinco»; **21.55**: 1ª Página – com o dr. Mário Soares; **22.55**: Ultimas Noticias

RTP

19.30: Desenhos Animados; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Um Toque de Música; **21.00**: Açores e o Património; **21.30**: «A Família Bellamy»; **22.30**: «Gabriela»; **23.00**. Último Jornal.

LOTARIA DO NATAL

1.º Prémio ..... 200 000 000$00
2.º Prémio ..... 80 000 000$00
3.º Prémio ..... 30 000 000$00
ADQUIRA UM DESTES PRÉMIOS GRANDES, NA
CASA VIOLA – A SORTE QUE «TOCA»
LISBOA • BRAGA • S. JOÃO DO ESTORIL
BILHETE: 13 000$00 • VIGÉSIMO 650$00
Pedidos para:
CASA VIOLA Rua da Assunção, 67 1100 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção n.º 70 519, para «DISPOSITIVO E PROCESSO DE MISTURAR FLUIDOS».

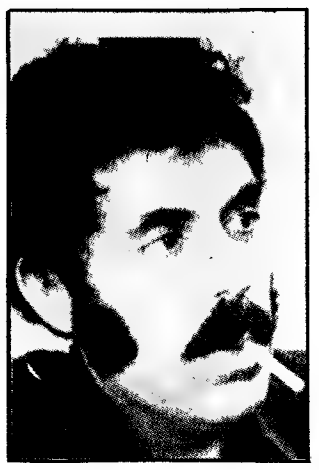
Trata:
CLARKE, MODET & C.ª Ld.ª
Patentes e Marcas
R. Castilho, 201-3.º Esq.º
1000 LISBOA

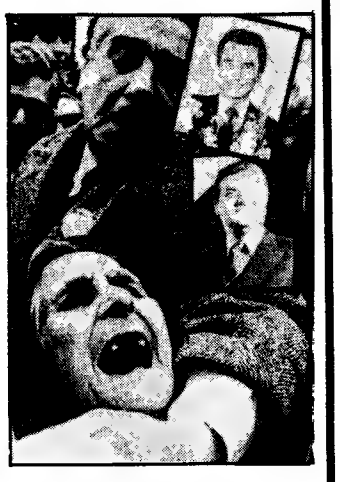
PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção n.º 70 611, para «CORTINA DE ENROLAMENTO PARA A PROTECÇÃO CONTRA A LUZ DO SOL, PARA VEÍCULOS AUTOMÓVEIS».

Trata:
CLARKE, MODET & C.ª Ld.ª
Patentes e Marcas
R. Castilho, 201-3.º Esq.º
1000 LISBOA

A morte de Sá Carneiro
num livro de Manuel Geraldo



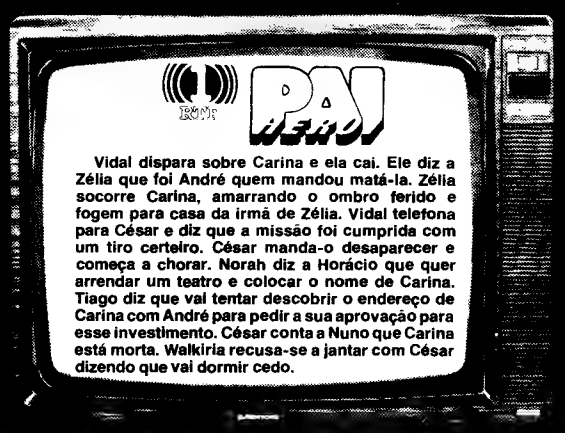


EDIÇÃO CASO **Distribuição Dijornal**

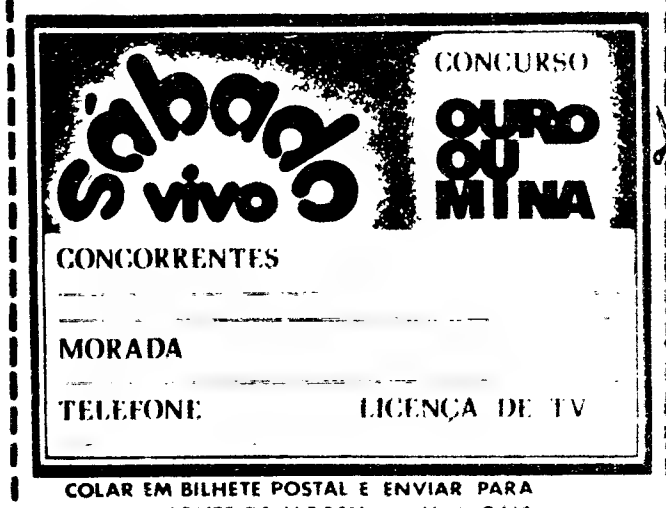
BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confecções
Av. João XXI, 5-D - 1000 Lisboa Treeiro - Rua Infantaria, 16-55-C • 1300 LISBOA

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

Espectáculo (22.45)
Cine-Clube (20.55)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



COLAR EM BILHETE POSTAL E ENVIAR PARA
R.T.P MONTE DA VIRGEM - V N GAIA

O caminho da Glória
concurso RTP

Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Tel. _____
Código Postal _____ _____
Lic. TV Nº _____

roteiro cultural

Prémio Vértice

No próximo dia 6 de Dezembro, terça-feira, na Livraria 111, ao Campo Grande, pelas 17 horas, está presente o escritor brasiliero Heroldo Maranhão, a fim de autografar exemplares do romance «A Porta Mágica», galardoado com o Prémio Vértice. O livro inclui um prefácio de Óscar Lopes e aguarelas de Júlio Resende de Armando Alves.

Música

O organista Jean Wolfs realiza um concerto hoje à noite, na Sé de Évora. O concerto é promovido pelo município e pela Gulbenkian.

No Auditório Dois da Fundação Gulbenkian, realiza-se hoje, às 18.30 um recital de viola e piano pelos artistas Pierre-Henri Xuereb (viola) e Jean-Louis Haguenauer (piano), os quais interpretarão obras de Brittent (Lachyrymae, op. 48); de Persichetti (Infanta Marina, op. 83); de Hindemith (sonata para viola solo 1937; de Fulkerson (Capriccio); de G. Kósa (In memorian); e de H. W. Henze (Sonata).

Conferências

Em prosseguimento do ciclo de conferências comemorativas do cinquentenário da morte do grande pintor José Malhoa e promovido pela Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, o crítico musical Humberto d'Ávila fará **amanhã**, terça-feira, 6, pelas 18 horas, na Casa Malhoa, onde o pintor teve a sua oficina, uma comunicação sobre «A Música no Tempo de Malhoa».

A sessão, durante a qual aquele investigador revelará alguns documentos inéditos, será ilustrada com a projecção de diapositivos e alguns números de música da época a cargo da pianista Olga Prats e do tenor Carlos Guilherme.

Pintura de Nuno Barreto, em exposição na Árvore, do Porto

Exposições

Cinco professores do AR.CO expõem desenho naquele centro de arte e comunicação visual. A mostra reúne um total de 50 trabalhos de Ana Leonor, Rui Aço, Vasco Eloy, Luís França e Rui Sanches, e é hoje inaugurada às 19 horas, prolongando-se até 5 de Janeiro, podendo ser visitada de 2.ª a 6.ª, entre as 10 e as 18.30 horas.

Uma exposição de fotografia de Eduardo Gageiro é hoje inaugurada nas instalações da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, onde poderá ser visitada de 2.ª a 6.ª, entre as 9 e as 22 horas, até ao próximo dia 16. A mostra englobará fotografias de reportagem feitas por Eduardo Gageiro nos últimos anos e também algumas das suas mais antigas fotografias, premiadas e conhecidas internacionalmente, mas que ainda não foram vistas por uma grande parte do público português.

O Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal apresenta ao público três exposições que podem ser visitadas até ao próximo dia 11:

«Levantamento Cultural de Sines: uma perspectiva». Visão global sobre o património cultural de um concelho, entendido numa perspectiva de Museu Total. É também um desafio para os restantes concelhos do distrito;

«Património Arquelógico da Área de Sines. Documenta um dos raros trabalhos efectuados neste domínio à escala de uma região, onde o património arquelógico foi considerado nos planos de ordenamento do território. Uma actividade científica e sistemática estão na sua base;

«Pintar Setúbal. Aguarelas de Augusto Júlio». Forma emotiva mas muito imediata de nos encontrarmos com as referências históricas que a malha da cidade nos reserva e com a sua prodigiosa envolvência natural. Amar a cidade é a mensagem de Augusto Júlio e é também a primeira condição para se evitar a degradação que a ameaça.

Nuno Barreto apresenta na Árvore, do Porto, uma exposição denominada «Outra Pintura», que estará patente ao público até 18 de Dezembro. Na Árvore, está também patente uma mostra dos cartazes dos Jogos Olímpicos de Los Angeles de 1984. Poderão ser admiradas obras de Raymond Saunders, Richard Diebenkorn, April Greiman & Jayme Odgers, John Bal Essari, Jennifer Bertleti, Billy Al Bengston, Carlos Almariz, Sam Francis, Robert Rauschenberg, Martin Puryear e David Hockney.

Estas exposições poderão ser visitadas todos os dias de segunda a sexta-feira das 9 às 23.30 horas e aos sábados e domingos das 15 às 19 e das 21.30 às 23.30 horas.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 14 de Dezembro de 1983 pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, 5-4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Ulyssea Filmes, Ld.ª com sede na Rua Marquesa de Alorna, 21-A, Lisboa, no processo executivo n.º 1901/77, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Uma máquina de revelar filmes cor imagem e som da marca André Debrie Type DSCL mod. 19 cuves format 35/16 MM n.º 27 em bom estado de conservação a que foi atribuído o valor de 2 000 000$00.

Verba n.º 2 — Uma máquina de revelar filmes preto e branco imagem e som da marca André Debrie Type DSCL mod. 15 cuves format 35/16 MM n.º 008, em bom estado de conservação a que foi atribuído o valor de 1 500 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 28 de Novembro de 1983.

O JUÍZ DE DIREITO
(Manuel Luís Macaista Malheiros)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
(Carlos Manuel Almeida Alvelos)

D.L. – 5/12/83 – 1.ª Pub.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864

BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	98$95	104$95
ALEMANHA FED (marco)	47$25	48$35
ÁUSTRIA (xelim)	6$60	6$80
BÉLGICA (franco)	2$60	2$60
BRASIL (cruzeiro)	$050	$120
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	102$70	104$70
(notas de 5 a 1000)	103$20	105$20
DINAMARCA (coroa)	13$05	13$45
ESPANHA (peseta)	$784	$904
EUA (dolar – notas de 1 a 2)	127$85	129$85
(notas de 5 a 1000)	128$35	130$35
FINLÂNDIA (marka)	22$05	22$65
FRANÇA (franco)	15$50	16$20
HOLANDA (florim)	42$15	43$15
INGLATERRA (libra)	186$75	190$75
IRLANDA (libra)	147$50	151$50
ITÁLIA (lira)	$071	$081
JAPÃO (iene)	$522	$557
NORUEGA (coroa)	17$00	17$50
SUÉCIA (coroa)	15$95	16$55
SUIÇA (franco)	59$00	60$10
VENEZUELA (bolivar)	7$90	8$90

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; **17.00**: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim – o espaço é seu; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Viva a noite; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas

Programa 2

16.00: Música portuguesa; **17.00**: Musicantes; **17.30**: Intérpretes portugueses; **18.05**: Culturando; **19.25**: Terra viva, planeta azul; **20.10**: «Xerazade», suite, de Rimsky-Korsakov; **21.00**: O canto e os seus intérpretes; **21.45**: uto isto e música também; **22.25**: Ciclo Wagner; **01.00** Fecho Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Musical; **20.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**. Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Cinco estrelas; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **00.00**: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões, **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **19.50**: Bola branca (2.ª edição); **20.00**: Horizonte; **21.00**: Hora de música; **22.00**: Ouvir e pensar; **23.00**: Última hora; **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas.

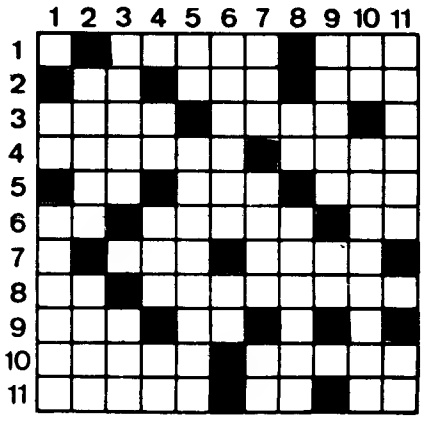
Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Paju

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 900



HORIZONTAIS:

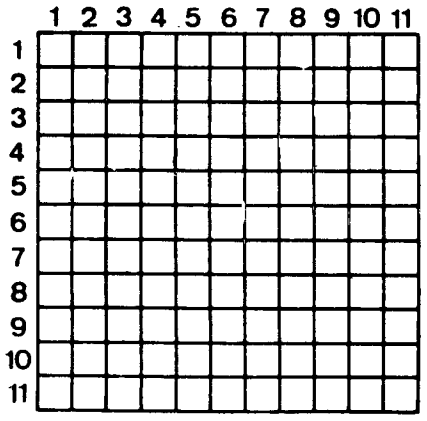
1 Artigo definido. Largo de Lisboa. Fúteis.
2 Vê. Maior. Época.
3 Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Verdadeiro.
4 Apelido Sobrado.
5 Arsénio (s.q.). Pronome possessivo. Rio da Sibéria.
6 Abreviatura de Santíssimo. Nome de peixe. Letra grega.
7 Filtra. Preposição.
8 Germânio (s.q.). Despertrava.
9 Grito. Artigo definido.
10 Emitir raios. Deusas.
11 Aldeia de Itália. Pertences. Rénio (s.q.).

VERTICAIS:

1 Bário (s.q.). Firme.
2 Limpas com água. Pronome pessoal.
3 Deusa latina da agricultura. Irmão do pai. (inv.)
4 O mais. Sirga. Nesse lugar.
5 Antiga unidade monetária da Alemanhã. Travara.
6 Faleceu. Ósmio (s.q.)
7 Rogue Joeirar. Preposição.
8 Antes de Cristo. Funcionais.
9 Idoso. Basta!
10 Clima. Resumir.
11 Aldeão. Pronome reflexo.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9752



HORIZONTAIS:

1 Cidade de França. Transferem para outro dia.
2 Bondosa. Lavrai. Níquel (s.q.)
3 Descerra. Nascente de água.
4 Tanto. Apologia (inv).
5 Artigo definido (ant). Cidade de Itália. Solitário.
6 Giras. Nome de mulher.
7 Rio da Russia. Depois de Cristo.
8 Pronome relativo. Conjunção. Seguias.
9 Pronome pessoal. Pesquisara.
10 Aneis. Ferro temperado. Níquel (s.q.)
11 Pelos de certos animais. Pão de milho. Tempo do verbo ser.

VERTICAIS:

1 Derribar. Pronome relativo.
2 Nome de peixe. Radio (s.q.)
3 Invulgar. Composição musical executada por dois instrumentos ou por duas vozes.
4 Rio da Suíça. Pertences.
5 Apelido. Tostam.
6 Letra grega. Enlaçar.
7 Autores. Vende a crédito. Bolsa.
8 Distrito da ex-Índia Portuguesa. Serviço Nacional. Corda de reboque.
9 Nota musical. Transfere para outro dia.
10 Cordeiros. Natureza animal.
11 Alburnos. Via para fora.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 899

HORIZONTAIS:

1 O. MELÃO. E. A.
2 Imanaras. SM.
3 Ralar. Au.
4 Ou. Ogano. Cr.
5 Sr. Abé. Eoo.
6 Cravo. NS.
7 Urro, Sancho.
8 Liara. Rumes.
9 Harda.
10 Aa. Ladres.
11 Risota. Eira.

VERTICAIS:

1 Oiro. MULHER.
2 MAUS Ria.
3 Mal Raras.
4 Então. Cordão
5 Largar. Aa.
6 Ar. Abas. La.
7 Ao. Nevaria
8 SÃO ONU. DE.
9 Cm.
10 CONHECER.
11 Amorosos. Sa.

Provérbio: O MELÃO E A MULHER, MAUS SÃO DE CONHECER.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9751

HORIZONTAIS:

1 Abateras. Pi.
2 Ore. Adiras.
3 Isar. Maga.
4 Abatia. Asar.
5 Nanos Ro. Rã.
6 Eco. Pa. Aa.
7 Lo. Não. Suor.
8 Altar.
9 Serra. Sono.
10 Será. Cs. Res.
11 Amasso. Há.

VERTICAIS:

1 Panela. Sa.
2 Bo. Baco. Sem.
3 Ariano. Pèra.
4 Testo. Ras.
5 Ais. Aar.
6 Rara. Polaco.
7 Ad. Ra.
8 Simão. Sãs.
9 Ras. Aurora
10 Pagarão. Ne.
11 Isara. Rios.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
MEGAFORCE
2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
JÚLIA E OS HOMENS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
M. 6 a.
FLASHDANCE
4.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
TESS
2.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
OS GRANDES AVENTUREIROS
3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21 30
– Int. men 13 a
ESPOSAMANTE
Às 24
PÂNICO EM NOVA IORQUE

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

As 15 18 15 e 21 15
Int men 13 a
CASANOVA
As 00 15
FIM-DE-SEMANA ESCALDANTE

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.45 e 21 30
N ac. men 13 a.
O HOMEM A QUEM EU QUERO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
ESMERALDAS SANGRENTAS
c/ Ryan O»Neal e Omar Sharif

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O CONQUISTADOR

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
MEGAFORCE
Às 24
OS 7 GOLPES DO DRAGÃO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
71.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
PORQUE NÃO?
Às 24
MAUS PENSAMENTOS

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30 19, 21 30 e 24
– M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

SALA 2

Às 14 15, 16 30, 19 21 30 e 23 45
M 12 a
ESMERALDAS SANGRENTAS

IMPÉRIO 555134.5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15 15, 18 30 e 21 30
– M 16 a
TIMERIDER OU UMA AVENTURA EXTRAORDINÁRIA

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

–M. 6 a.
LA TRAVIATA
de Verdi

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 14.15, 16.30 e 21.30
– M. 12 a.
ALVO ÁGUIA
Às 24
O PRÓXIMO HOMEM

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
Às 24
UMA MULHER DA RUA

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
– M 12 a.
OCTOPUSSY

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Não acons. men. 18 anos –
OFICIAL E CAVALHEIRO
Com Richard Gere e Desra Winger
Um filme de Taylor Hackford

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

As 15.15, 18 15 e 21.30
– M 16 a
O CLÃ NEGRO ATACA

POLITEAMA 326716

R Portas S Antão, 109

As 14 15 16 30 19 e 21 30
M 16 a
TIMERIDER OU UMA AVENTURA EXTRAORDINÁRIA

PATHE 821933

R Francisco Sanches, 122

Às 14, 16 30 e 21.30
– N. ac men 13 a.
CHEGA-LHE, AMIGO

O ESTADO DAS COISAS um filme de WIM WENDERS rodado em Portugal em exibição no Quarteto

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 12 a.
O ESTADO DAS COISAS
Às 23.30 – M. 18 a.
O DUETO DA CORDA
de John Landis
SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 18 a.
QUERELLE
de Fassbinder
Às 23.30 – M. 18 a.
OS DIABOS
SALA 3
Às 14 15, 16.30, 19 e 21 15
– M. 12 a.
O ANO DE TODOS OS PERIGOS
Às 23 30 M. 18 a
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA
SALA 4
Às 14.30, 16 45, 19 e 21 15
– M 12 a.
O QUE FAZ CORRER DAVID
Às 23 30 - M 18 a
A GUERRA ACABOU

ROMA 887778

Av de Roma, 14 M-N

As 15 30, 18 30 e 21 30
- N ac men 13 a
SEMPRE EM FERIAS

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14, 16 30, 19 e 21 30
– M 12 a.
ALVO ÁGUIA
2.ª Semana

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO
6.ª Semana

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21 45
– N. ac men. 13 a
THE IDOLMAKER – O FABRICANTE DE ÍDOLOS
3.ª Semana

SALA 3

Às 14.30 18 15 e 21.15 h
– Maiores 12 anos –
SOPHIE'S CHOICE
1 5.ª Semana

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.45, 19 e 21.30
– M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, à Est de Entre Campos Junto ao n.º 68
Às 14 30, 17 00, 19 10, 21 30, 24 00
- M 12 a
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18 15 e 21.30
– M. 12 a
A VIDA É UM ROMANCE
3.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 15, 17, 19, 21 30 e 23 30
– M. 6 a.
QUERIDO FANTOCHE

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21 30 h
– Não acons. men 18 anos –
OFICIAL E CAVALHEIRO
Umfilme de Taylor Hackford
11.ª Semana

VOX 880808

Av Fr Miguel Contreiras Lote 879

As 15, 18 15 e 21 30
M 12 a
OS GRANDES AVENTUREIROS
3.ª Semana

XENON 568460

Av da Liberdade, 9

As 14 15, 16 30, 19 e 21 30
– M 12 a
O GOLPE DOS ENRASCADOS
As 23 45 – Int men 18 a
ROMA VIOLENTA

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 – «McQuade, o Lobo Solitário» às 21.15 (12 anos)
ALFA-3 – «Oficial e Cavalheiro», às 21.45 (18 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «O Amigos Meus», às 21.15 (12 anos)
CAPITÓLIO – «Escola Técnico-Sexual», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CITY-CINE – «Um Difícil Adeus» às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA – «Matulões, Alugam-se», sessões permanentes (18 anos)
APOLO 70 – «A Estrada dos Malucos», às 21 30 (13 anos)
RESTELO – «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – «Una Chambre em Ville», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «O Dragão Ataca», às 21.30 (18 anos)
ROYAL – «Morte ao Sol», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA – Cine-Estúdio – «Monsenhor», às 21.30 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA – Silcine – «As Motos Infernais», às 21.30 (6 anos)
ALMADA – Incrível – «A Outra Metade do Céu», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Quatro Amigos», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Octopussy, 007 Operação Tentáculo», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «A Filha da Selva», às 21.30 (6 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
CACÉM ; Cine-Estúdio Flores – «O A. B. C. do Amor», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Gandhi», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Oxford – «O Mistério da Ilha dos Monstros», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «10 para a Meia-Noite», às 21 15 (16 anos)
ESTORIL – Casino – «O Grande Desafio», às 21.15 (18 anos)

Porto

RAIONE – «O Turno da Noite», às 21.30 (18 anos)
YORK (Matosinhos) – «Tootsie», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «Verão Assassino», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE – «Oh... Amigos Meus!», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «O Rosto Espiritual», às 21.30 (18 anos)
BEBÉ – «Contos da Loucura Normal», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «O Campo Infernal das Mulheres Perdidas», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «Violência e Sedução», às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL – «A Escolha de Sofia», às 21.15 (12 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «O Desejo do Proíbido», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «Lições Privadas», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «Megaforce», às 21.30 (6 anos)
LUMIÈRE-A – «Octopussy», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Smic, Smac, Smoc», às 21.45 (12 anos)
PEDRO CEM – «O Mensageiro», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «Zorro», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «A Espada da Vingança», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «O Vigilante», às 21.45 (16 anos)
FOCO – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: Marbel, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **BENFICA - IGREJA - CEMITÉRIO: Lisboa**, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Santos Silva**, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 386255); **ESTRELA - INFANTE SANTO: Alb**, R. Santana à Lapa, 156 (T. 663562); **INTENDENTE - CINEMA ROXY: Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **POÇO DOS NEGROS: Modelar**, L. Dr. António Sousa Macedo, 7 (T. 608896); **REGO: G. Silva**, R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO: Biotifar**, R. D. João Castro, 27-B (T. 638824); **ROMA - TEATRO MARIA MATOS: São João de Deus**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SÃO VICENTE: Rosa Viegas**, R. São Vicente, 31-37 (T. 864351); **SALDANHA: Cardeira**, Av. Duque d»Ávila, 32-C (T. 543495); **ALGÉS: Branco**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2112081); **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 910812); **PONTINHA: Pontinha**, E. Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

teatros

Lisboa

VILLARET – «Super Silva», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – O Circo do Natal, às 21.30 (6 anos)
PRAÇA DE TOIROS DO CAMPO PEQUENO – Circo Chen, às 21.30 (6 anos)
ABC – «Todos Tesos» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES – «Um Fantasma Chamado Isabel» às 21.30 (13 anos)

REFORÇO

ALCÂNTARA: Nogueira, R. Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **ALTO DE SAO JÃO: Oriente**, R. Lopes, 120 (T. 843381); **BAIXA: Unifa**, R. da Vitória, 21-23 (T 323793); **CAMPO D'OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE: Bastos**, R. Morais Soares, 91-D (T 844350); **CONDE REDONDO: Salus**, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **CAMPO PEQUENO -AVENIDA DA REPÚBLICA: Alcântara**, Av. da República, 74-A (T. 771379); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-A (T. 790704); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Sousa**, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO: São Sebastião**, L. São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **BRANDOA -COLINA DO SOL: Vidal Reis**, Quinta da Correia, célula G, lote 35, Urbanização Alfornelos (T. 996540); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939).

MOSCAVIDE: Banha, Av. Moscavide, 22-A (T. 2518518). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

Outra Banda

ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Soc. Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **LARANJEIRO: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **AMORA: Nova Amorense**, E. N. 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10, Arrentela (T 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Montepio**, R Almirante Reis, 93 (T. 2310035); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100); **SETÚBAL: Normal do Sul**, P. do Bocage, 137. Permanente; **Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14. Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas da Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T 280078). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Amadora, P. 25 de Abril 3-A (T. 935518). Permanente. **Soares Correia**, E. Águas Livres, Carenque (T 965517). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T 9710231). Permanente; **QUELUZ: Vasconcelos**, E. Particular Henrique Pousão (T. 964649). Até às 22 horas. **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Quimia**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**. Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

PASTELEIRA, R. André de Resende, 92; **SAMPAIO**, R. de Cedofeita, 636; **COSME**, R. de Costa Cabral, 584; **SÃO ROQUE DA LAMEIRA**, R. São Roque da Lameira, 1111; **CENTRAL**, R. 31 de Janeiro, 203.

DE DIA E TODA A NOITE

SANTA TERESA, P. Guilherme Gomes Fernandes, 100; **PADRÃO**, R. de Santo Ildefonso, 342; **SÁ**, R. de Vale Formoso, 181; **BOA-HORA**, R. da Boa-Hora, 80; **GUIMARÃES**, R. de Francos, 37.

Coimbra

CRUZ VIEGAS, R. do Brasil, 154 (T. 9674821); **M. MAZARÉ**, Av. João das Regras, 132 (T. 23033).

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

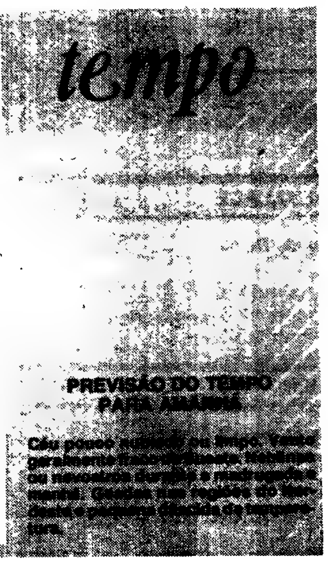
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

3.19	**4,2 m**	8.58	**1,1 m**
15.41	**4,0 m**	21 10	**1,1 m**
Dia 6			
3.59	**4,1 m**	9.55	**1,1 m**
16.21	**3,8 m**	21.45	**1,2 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	2º
BRANGANÇA	0º
VILA REAL	1º
PORTO	3º
COIMBRA	4º
CABO CARVOEIRO	10º
PORTALEGRE	10º
LISBOA	8º
ÉVORA	9º
BEJA	9º
FARO	11º
SAGRES	–
PONTA DELGADA	15º
FUNCHAL	17º



últimas

POR CONDUÇÃO SEM CARTA foram detidos pela PSP nas últimas 24 horas emLisboa, cinco indivíduos. Depois de identificados foram mandados em liberdde embora notificados para comparecerem no Tribunal de Polícia onde terão de responder. Trata-se de uma infracção muito frequente que dá multa e prisão o que não impede a proliferação destes infractores.

SUPERMERCADO ALVO DE 3 FURTOS no mesmo dia cometidos por clientes que tentaram abastecer-se à revelia da caixa. O facto ocorreu no «Pão de Acúcar» da Venda Nova e os autores, estranhos entre si, foram notificados para o Tribunal de Polícia onde terão de «pagar» os artigos que não levaram.

ACABARA DE ARROMBAR 5 VIATURAS e dirigia-se para casa carregando os artigos furtados, acondicionados num volumoso saco, quando foi interceptado por agentes da PSP. Diz chamar-se José Carlos Gonçalves, ter 23 anos, ser pintor de automóveis e morar na Rua das Maravilhas ao Alto da boa Vista. Das viaturas subraiu leitores de cassetes e colunas de som entre outras coisas, devolvidas aos lesados com excepção de um deles que não foi identificado.

FICOU EM CUECAS num parque do Porto, apos ter sido interpelado por um indivíduo que, de pistola em punho, o obrigou a entregar-lhe todos os valores que levava consigo, incluíndo as próprias calças. Sem relógio, um fio de ouro, uma medalha de prata, 2500 escudos e as calças, Antero Augusto Albuquerque de Carvalho, de 19 anos, percorreu três quilómetros até à esquadra mais próxia onde aprsentou a respectiva queixa.

CINCO CONSUMIDORES E UM TRAFICANTE de haxixe foram detidos após terem sido apanhados em flagante na Rua António Carneiro, no Porto. O traficante, Carlos João Pinto Pontes, de 25 anos, vendedor ambulante, disse ter comprado a droga na Senhora da Hora a um jovem de raça cigana.

● A «situação dos trabalhadores e as alternativas do movimento sindical unitário» foi o tema de um seminário sobre «Orçamento do Estado/84» que decorreu, sexta-feira, no Porto, por iniciativa da CGTP-IN.

Intervieram no seminário, que reuniu duas centenas de dirigentes, delegados sindicais e membros de comissões de trabalhadores, Ilda Figueiredo, do Sindicato Têxtil do Porto, e Carvalho da Silva, da Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN.

Ilda Figueiredo expos as linhas fundamentais das Grandes Opções do Plano (GOP) e a sua traduçao no OE/84

Carvalho da Silva debateu a situação social e a sua ligação às grandes opções do plano

Futuras intervenções dos EUA:

Mais provável em El Salvador do que na Nicarágua

É mais provável uma intervenção dos Estados Unidos no Salvador do que na Nicarágua, de acordo com numerosos analistas locais dos EUA.

Tal consenso ganhou dimensões em Washington apesar dos numerosos rumores circulando nesta capital sobre planos contra a Nicarágua depois da invasão de Granada, a 25 de Outubro último.

O motivo é simples: a administração americana presidida por Ronald Reagan não se comprometeu a derrubar o governo nicaraguense da Frente Sandinista (FSLN), se bem que isso seja uma coisa que desejaria que acontecesse.

Por outro lado, o governo de Reagan comprometeu-se firmemente a defender o de Salvador, presidido interinamente por Álvaro Magana assim como o «processo democrático» desse conturbado país centro-americano.

Não obstante, , a administração de Magana poderia não estar em condições de incrementar a pressão militar sobre a guerrilha antes das eleições presidenciais previstas para fins do próximo ano.

No caso de um malogro do Exército de El Salvador, no decurso dos próximos doze meses – facto que os especialistas consideram muito mais provável agora do que nunca –, o governo de Reagan não teria outra alternativa do que apoiá-lo com a sua própria força militar, se tal chegasse a ser necessário.

A administração republicana não pode «perder» o Salvador, de acordo com o que vêm reiterando altos funcionários governamentais desde que Reagan assumiu o poder em Janeiro de 1981.

O facto de isso poder vir a acontecer, se se mantiver a tendência actual, é algo que reconhecem cada vez mais alguns altos funcionários de Reagan, incluindo os responsáveis pelo Pentágono que até agora se mostraram entusiastas da política de ajuda militar dos Estados Unidos ao Salvador.

Entretanto, o ministro da Defesa americano, Caspar Weinberger, indicou na terça-feira aos jornalistas nesta capital que «não vemos intenções de enviar tropas de combate para El Salvador, reconhecendo, no entanto, que a situação militar nesse país «não é particularmente boa... neste momento» para o Exército que se defronta com a guerrilha.

Weinberger recusou-se, contudo, a formular uma declaração semelhante em relação à Nicarágua.

A única alternativa no Salvador consiste numa nova estratégia política a qual poderia implicar um «golpe palaciano» entre os militares, segundo observadores locais.

Essa perspectiva é examinada actualmente pela embaixada dos Estados Unidos no Salvador com o apoio do Departamento de Estado em Washington.

Um golpe dessa índole possibilitaria mais sérias negociações entre o Governo de Magana e a Frente Democrática Revolucionária – Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional (FDR-FMLN) tendentes a conseguir uma solução política que inclua, dum modo destacado, a convocatória de eleições como «fachada» que permita aos Estados Unidos modificar a sua política.

Grande parte dessa análise baseia-se na crescente influência do Departamento de Estado na política do Governo de Reagan para a tensa região centro-americana. O Departamento de Estado opõe-se a uma intervenção militar directa dos Estados Unidos na América Central, segundo foi informado.

A embaixada norte-americana no Salvador, de que é titular o embaixador Thomas Pickering, veterano funcionário do serviço externo americano, tomou a iniciativa de atacar membros da extrema-direita do Exército salvadorenho e de abrir o caminho a um possível golpe tendente a pôr à frente dos destinos do país chefes militares mais de acordo com uma solução política para a guerra civil que em quatro anos se saldou por mais de 40 mil mortos no Salvador.

Alguns acontecimentos favorecem actualmente os sectores governamentais americanos que procuram evitar a intervenção militar na região, como o facto de o governo nicaraguense ter diminuído as restrições aos partidos e meios de informação da oposição, assim como o facto de mencionar cada vez com mais frequência a sua intenção de assinar um tratado de paz regional.

Outros acontecimentos tendem a ir especificamente contra os sectores do governo de Reagan que são partidários duma solução militar na América Central.

A demissão do ministro dos Negócios Estrangeiros da Costa Rica, Fernando Vólio, e o enfraquecimento de outros elementos anti-sandinistas nesse país reduzem, por agora, a possibilidade de o governo americano utilizar militarmente, com eficácia, a zona fronteiriça no Sul da Nicarágua.

Por outro lado, a decisão adoptada a semana passada pelo Congresso americano de limitar tanto o tempo como os fundos para o apoio secreto do governo de Reagan aos grupos anti-sandinistas com base nas Honduras e Costa Rica traduzir-se-ia por uma redução na intensidade da «guerra secreta» contra o governo nicaraguense.

Em consequência da acção parlamentar da semana passada, a Agência Central de Informação Americana (CIA) apenas dispõe de 16 milhões de dólares para a sua campanha anti-sandinista, verba consideravelmente inferior à que precisaria para estabelecer um governo provisório no «território libertado» nicaraguense que, por sua vez, solicitara ajuda ao Salvador, Guatemala e Honduras na sua qualidade de membros do Conselho de Defesa Centro-Americano (CONDECA), recentemente revitalizado, após 14 anos de inactividade.

Impossibilitada de levar por diante a sua «guerra secreta» em 1984, a administração Reagan poderia ver-se obrigada, antes de o querer, a optar entre um esquema bélico – no qual ajudaria a Guatemala e as Honduras numa invasão militar convencional – e uma solução regional que manteria os sandinistas no poder na Nicarágua.

Jim Lose/IPS

Professores ameaçam com greve no dia 13

Os professores da Grande Lisboa debatem actualmente nas escolas uma proposta de greve para o próximo dia 13, caso não comecem esta semana as negociações entre o Governo e Sindicatos.

A proposta foi elaborada no âmbito da Federação Nacional dos Professores e tem como base a situação cada vez mais degradada de professores e do ensino.

Ao fim de longos meses de insistência dos sindicatos foi finalmente agendada uma reunião no próximo dia 7 com o ministro Almeida Santos, destinada a debater a negociação salarial e outras matérias do âmbito da Função Pública, sector a que pertencem, cerca de 90 por cento dos professores.

O Governo tem-se recusado a discutir até agora com os Sindicatos a situação salarial para 1984, cuja revisão está prevista para o próximo mês de Janeiro. Ao mesmo tempo a aplicação do imposto de 28 por cento sobre o vencimento de Novembro «está a configurar uma degradação ainda mais acelerada do poder de compra no nosso sector», afirma a Direcção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa.

Relativamente ao ensino propriamente dito avultam os problemas ligados à abertura do ano lectivo e a proposta recentemente apresentada aos sindicatos de no próximo ano serem suspensos os contratos pluriaanuais e a profissionalização dos professores dos ensinos preparatório e secundário e a passgem dos professores do ensino primário, preparatpório e educadores de infância (a partir de 1985) para a tutela das autarquias.

Desemprego aumentaria numa Alemanha sem emigrantes

Um estudo divulgado em Dusseldorf revela que a taxa de desemprego entre a população alemã-federal aumentaria drasticamente se os trabalhadores estrangeiros residentes na RFA regressassem subitamente aos seus países de origem.

Encomendado pela administração da cidade, dominada pelo SPD, o estudo considera que em muitos sectores de actividade económica é ipossível a substituição de mão-de-obra estrangeira por trabalhadores alemães. E acrescenta que a partida dos imigrantes teria como consequências imediatas «quebras significativa de produção, aumento do desemprego, diminuição dos salários e das receitas fiscais do Estado, bem como do volume de descontos para a segurança social.

O estudo assinala que, se os 75 mil trabalhadores estrangeiros residentes em Dusseldorf abandonassem subitamente a cidade, que tem uma população de 580 mil habitantes, muitas empresas fechariam, lançando mais trabalhadores no desemprego e provocando uma redução anual de ordem dos 10 milhões de marcos (quase 480 mil contos) nas receitas fiscais.

De referir que estas conclusões contradizem a tese do governo cristão-liberal de Bona, segundo a qual o desemprego diminuiria forçosamente com a partida de mão-de-obra estrangeira.

Em pleno voo à volta da Terra

Astronautas da "Columbia" falaram com Ronald Reagan e Helmut Kohl

O voo da «Columbia Spacelab» foi assinalado hoje por um diálogo entre os seis tripulantes da nave espacial e várias personalidades políticas, entre as quais o presidente americano, Ronald Reagan, e o chanceler alemão-federal, Helmut Kohl.

Os chefes de Estado e de Governo europeus que participam na Cimeira de Atenas também podiam conversar depois de Helmut Kohl, com os astronautas, deixava-se entender ontem à noite no centro de controlo de Houston (Texs).

O diálogo começou às 10,18 TMG de hoje, quando o ministro alemão-federal da Ciência, Heinz Rieseinhuber, conversou em alemão, com o seu compatriota Ulf Merbold, primeiro europeu a participar num missão da NASA, enquanto o «Spacelab» difundia imagens, em directo, dos países europeus que estava a sobrevoar.

A teleconferência entre o presidente Reagan, o chanceler Kohl e a tripulação da «Columbia», anunciada na última sexta-feira pela Casa Branca e pela NASA, tem lugar a partir das 14,45 TMG.

O presidente Reagan falará a partir da Casa Branca e o chanceler Kohl a partir de Atenas. No auditório da Casa Branca encontrar-se-ão, ao lado de Ronald Reagan, o administrador-geral da Agência Espacial Eupeia (ESA), Erik Quistgaard.

O programa «Spacelab» da Agência Espacial Europeia (ESA), cujo custo total se elevou a mil milhões de dólares, foi financiado por dez países europeus: Alemanha Federal, Itália, França, Reino Unido, Bélgica, Espanha, Holanda, Dinamarca, Suíça e Áustria.

O «Spacelab» gravita em torno da terra, no porão da «Columbia», desde o dia 28 de Novembro, tendo a bordo cinco astronautas americanos e um alemão ocidental.

Sete Ponto Sete

A partir da próxima semana

Mensagens pessoais gratuitas no Sete Ponto Sete

Explicação, regulamento, prazos de entrega e de publicação na Pág. 2. Uma iniciativa que vai multiplicar os contactos entre leitores do Sete Ponto Sete!

Entrevista com Paul Watzalawick

A terapia familiar vista de Palo Alto

págs. 4/5

Responsável de edição, João Mendes.
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

Mensagens pessoais no Sete Ponto Sete

Leitores têm-nos perguntado por que razão não abrimos, no Sete Ponto Sete, uma secção de "Pequenos Anúncios". Esta semana, a questão volta à baila na "Caixa do Correio"(v.pág.6).

O Sete Ponto Sete sabe que a Comunicação feita através dos diferentes media é fundamentalmente intransitiva, entendendo por intransitividade um regime de informação sem resposta: nós escrevemos, o leitor genérico não responde.

A TV e a Rádio têm a possibilidade de esboçar uma ofensiva contra essa intransitividade pondo no ar programas que contem com a participação, em directo, do seu público. Podem fazê-lo por deslocação de equipas de reportagem, ou simplesmente por recurso à rede telefónica.

A Imprensa ensaia o contacto com os seus leitores através das "cartas ao director" e seus sucedâneos e, mais recentemente, através dos pequenos anúncios convertidos em mensagens pessoais.

O Sete Ponto Sete está interessado em alimentar um espaço com essas características (mensagens pessoais) em determinadas condições:

1) Desde que ele sirva fundamentalmente para pôr leitores em contacto uns com os outros, com vista à proposta de ideias, à realização de projectos comuns ou de quaisquer trocas entre eles.

2) Desde que cada leitor que publica uma mensagem indique o modo de entrada em contacto com ele: nome, morada, telefone... Em nenhum caso o Sete Ponto Sete ou o próprio Diário de Lisboa funcionarão como destinatário da resposta. Está, portanto, excluído o sistema de "resposta a este jornal, ao número...".

3) Desde que o texto de cada mensagem não exceda, em nenhum caso, um máximo de 60 (sessenta) palavras, incluindo a forma de contacto com o seu autor, destinada àqueles que desejarem responder-lhe.

4) Desde que o texto nos seja entregue dactilografado, ou manuscrito em maiúsculas, de forma muito facilmente legível e compreensível.

5) Desde que as mensagens nos sejam entregues até à quarta-feira anterior à publicação do suplemento seguinte(por exemplo, até depois de amanhã para o Sete Ponto Sete da próxima semana).

O SETE PONTO SETE PUBLICARÁ ESTAS MENSAGENS SEM QUAISQUER ENCARGOS PARA OS SEUS AUTORES, quer dizer, GRATUITAMENTE.

Criando este espaço, estamos certos de satisfazer um desejo de muitos leitores que procuram o modo de entrarem em contacto com outros... e não o encontram. Esperamos pelas vossas mensagens pessoais... E que elas sejam um êxito!

A correspondência deve ser enviada a "Mensagens pessoais", Sete Ponto Sete, Diário de Lisboa, Rua Luz Soriano 44, 1200 Lisboa.

Boa sorte!!

Purgatórios

Em Portugal toda a gente é pai pelo mesmo motivo porque falta à repartição. Mas as Primaveras ainda aqui escutam os versos que o vento faz...

Lá vamos cantando e rindo

Quer o leitor desfolhe um velho livro que o deleita ao serão, quer abra o jornal que hoje mesmo se publica, uma «estranha» continuidade se afigura na leitura do país que somos e que diferentes pensadores, de diferentes formações, de diferentes épocas, tão igualmente têm retratado.

Querendo dar a visão que outros têm das coisas que nos rodeiam, apresentamos, desta vez, um conjunto de pedaços de textos que de diferentes, e tão semelhantes formas, reflectem o que, o cidadão comum, talvez também pense, mas não diga...

Ana Fernandes, Luís Baptista

A *actualidade dos textos que agora apresentamos, é especialmente surpreendente no que se refere à abordagem. Todas as diferenças excluídas, eles definem pela negativa o sentido do viver português. Adjectivando, por vezes indiscriminadamente, a maneira de ser portuguesa de indiferente, passiva, fraca, como que se subentendesse a valorização de modelos estrangeiros. Não deixa de ser constante a presença de referências que bem identificam «o que é», «o que deve ser».*

Tendo escolhido alguns dos autores portugueses mais conhecidos do final do século XIX e princípio do século XX para ilustrar a nossa ideia notamos que a referida continuidade se manifesta de modos diferentes.

Portugal indiferente

Antero, pensador do século passado, através das passagens escolhidas, dá-nos a imagem dum país indiferente que é necessário mudar sem perder de vista a ideia de progresso de civilização, ligando-o ao modelo europeu, já então a grande aspiração.

Não nos veremos, ainda hoje, como a tal «raça decaída por ter rejeitado o espírito moderno»? A que é devida a necessidade absoluta de hoje entrar na CEE (essa imagem do desenvolvimento, solução para todos os males, sinónimo do bem-estar), senão ao mesmo desejo de modernidade que o autor refere?

«Fomos os Portugueses intolerantes e fanáticos dos séculos XVI, XVII e XVIII: somos agora os Portugueses indiferentes do século XIX. Por outro lado, se o poder absoluto da monarquia acabou, persiste a inércia política das populações, a necessidade (e o gosto talvez) de que as governem, persiste a centralização e o militarismo, que anulam, que reduzem ao absurdo as liberdades constitucionais. Entre o senhor rei *de então, e os* senhores influentes *de hoje, não há tão grande diferença: para o povo é sempre a mesma servidão. Éramos* mandados, *somos agora* governados: *os dois termos quase que se equivalem. Se a velha monarquia desapareceu, conservou-se o velho espírito monárquico: é quanto basta para não estarmos muito melhor do que nossos avós. Finalmente, do espírito guerreiro da nação conquistadora, herdámos um invencível horror ao trabalho e um íntimo desprezo pela indústria. Os netos dos conquistadores de dois mundos podem, sem desonra, consumir no ócio o tempo e a fortuna, ou mendigar pelas secretarias um* emprego: *o que não podem, sem indignidade,* é trabalhar! *uma fábrica, uma oficina, uma exploração agrícola ou mineira, são coisas impróprias da nossa fidalguia.*

(...)

Que é pois necessário para readquirirmos o nosso lugar na civilização? para entrarmos outra vez na comunhão da Europa culta? É necessário um esforço viril, um esforço supremo: quebrar resolutamente com o passado.

(...)

Somos uma raça decaída por ter rejeitado o espírito moderno: regenerar-nos-emos abraçando fancamente esse espírito. O seu nome é Revolução: revolução não quer dizer guerra, mas sim paz: não quer dizer licença, mas sim ordem, ordem verdadeira pela verdadeira liberdade.»

Antero de Quental

«País de fracos, país decadente»

Com características diferentes do anterior, Almada, em 1917, em Ultimato e duma forma bastante agressiva faz denotar os principais defeitos dos portugueses. Amesquinhando, salienta a impotência geral devida ao «alto grau de decadência da raça». Ao contrário do autor anterior, apresenta o contacto com o exterior e a forma como ele é absorvido entre nós como a prova cabal da referida decadência. Não encontra nos modelos de fora o que Antero encontrava, valorizando «o que é nosso».

«4 — Porque o sentimento-síntese do povo português é a saudade e a saudade é uma nostalgia mórbida dos temperamentos esgotados e doentes. O fado, manifestação popular da arte nacional, traduz apenas esse sentimento-síntese. A saudade prejudica a raça tanto no seu sentido atávico porque é decadência, como pelo seu sentido adquirido porque definha e estiola.

5 — Porque Portugal não tem ódios, e uma raça sem ódios é uma raça desvirilizada porque sendo o ódio o mais humano dos sentimentos é ao mesmo tempo uma consequência do domínio da vontade, portanto uma virtude consciente. O ódio é um resultado da fé e sem fé não há força. A fé, no seu grande significado, é o limite consciente e premeditado daquele que dispõe duma razão. Fora desse limite existe o inimigo, isto é, aquele que dispõe de outra razão.

6 — Porque a constituição da família portuguesa não obedecendo, unânime ou separadamente a nenhum princípio de fé é o nosso descrédito de nação da Europa. Desde a educação familiar até depois da educação oficial, inclusive o casamento a desordem faz-se progressivamente até à putrefacção nacional. E tudo tem origem na inconsciência com que cada um existe: em Portugal toda a gente é pai pela mesma razão porque falta à repartição. Do estado de solteiro para o estado de casado dá-se exclusivamente, na nossa terra, uma mudança de hábitos.

Em Portugal educar tem um sentido diferente; em Portugal educar significa burocratizar. Exemplo: Coimbra. Mas na maioria o português é analfabeto e em geral é ignorante; na unanimidade o português é impostor, prova evidente de deficientíssimo.»

«7 — Porque a desnacionalização entre nós é uma verdade, e pior ainda, sem energias que a inutilizem nem tentativas que a detenham:

a) O português com todas as suas qualidades de poliglota desnacionaliza-se imediatamente fora da pátria, e até na própria pátria, porque (com o nosso desastre do analfabetismo) a nossa literatura resume-se em meia dúzia de bem intencionados académicos cuja obra, não satisfazendo ambições mais arrojadas, obriga a recorrer às literaturas estrangeiras. Resultado: ainda nenhum português realizou o verdadeiro valor da língua portuguesa.

b) O português educado sem o sentimento da pátria e acostumado à desordem dos governos criou por si a compensação inútil de dizer mal dos governos e nem poupou a pátria. Estabeleceu-se até, elegantemente, como prova de inteligência ou de ter viajado dizer mal da pátria. Isto deixa de ser decadência para ser a própria impotência física e sexual.

c) O português assimila de preferência todas as variedades de importação e em descrédito das próprias maravilhas regionalistas;

(...)

O português, como os decadentes, só conhece os sentimentos passivos: a resignação, o fatalismo, a indolência, o medo do perigo, o servilismo, a timidez, e até a inversão. Quando é viril manifesta-se instintivamente animal a par do seu analfabetismo primitivamente anti-higiénico.»

Almada Negreiros

«Lisboa nem cria, nem inicia: vai»

Estilisticamente distinto dos anteriores, Eça, na subtil doçura com que encara os seus conterrâneos dá-nos dum país adormecido uma imagem que de tudo o que mais tem é o irónico.

Embora nos pareça uma «outra Lisboa», «serena, imperturbável, silenciosa», elementos há, como uma certa inércia criativa, inovadora, e «só às vezes... entre na política», que bem a identificam como a Lisboa dos nossos dias.

«O ar é na verdade bom. Lisboa tem ainda meiguices primitivas de luz e de frescura; apesar dos asfaltos, das fábricas, dos gasómetros, dos cais, dos alcatrões, ainda aqui as Primaveras escutam os versos que o vento faz: sobre os seus telhados ainda se beijam as pombas; ainda no silêncio, o ar escorre pelas cantarias, como o sangue ideal da melancolia. E Deus ainda não é um poeta impopular.

(...)

Lisboa não tem estes defeitos da luz: é serena, imperturbável, silenciosa. Quer a sua inviolabilidade, evita as feridas terríveis. Tem a sensatez, a prudência, a economia, o medo. Não quer alumiar, para não lutar, não quer pensar, para não sofrer. Não quer criar, pensar, apostolar, criticar.

(...)

Sente-se abundante, gorda, coberta de luz. Sente-se protegida, livre, caiada e fresca; não tem de catar as suas misérias, nem de amparar o pau das forcas, por isso comenta Sancho Pança. Não tem de construir a catedral de ideias, nem de compor a sinfonia da alma, por isso escuta os melros nas várzeas e reza as Ave-Marias. Paris, Londres, Nova Iorque, Berlim, suam e trabalham, em espírito. Ela não tem que semear: por isso, ressona ao sol.

(...)

Lisboa tem compaixões celestes: agrupa-se em coro de lágrimas para ver a morte de um cão: mas afasta-se logo, assobiando, se começa a agonia de uma alma. Tem também uma curiosidade tímida e fácil: senta-se nos passeios, pelo Estio, entre o pó, olimpicamente, como os deuses entre a luz, e fica atenta, concentrada, suspensa, idiota — a ver caminhar seis mil pernas!

Um dia Paris aborreceu-se e expulsou os reis, outro dia aborreceu-se e acolheu os imperadores. Às vezes Lisboa aborrece-se e entra na política — como os homens que entram no banho são pisados pela maresia, são feridos pelas areias, esfriados pela neblina e vêm, contentes e transidos, enxugar-se ao sol!»

Eça de Queirós

Dum país sonolento, temos, de há muito a consciência que somos. Será isso o cómodo artifício a que se recorre para justificar a passividade, o conformismo, que não conseguimos abandonar, como se dum parente próximo se tratasse?... AFIANAL, SEMPRE ASSIM FOI... ■

Repetições

Assobiado em Bona a 22 de Outubro, na grande manifestação pela paz, Willy Brandt retoma as rédeas do SPD enquanto Helmut Schmidt, pai da «dupla resolução» da NATO (1979), que está na origem da instalação dos Pershing e Cruise na Europa, abandona o barco. Kohl está no poder e os mísseis continuam a chegar, mas o SPD parece tentado pelos anos em que lutava «contra a morte nuclear»...

Schmidt K.O., Brandt exultante. E agora?

Um homem de boné célebre fica no cais. Desta vez é o navio que abandona o seu capitão, título do Der Spiegel.
Helmut Schmidt fica só – ou quase – enquanto se afasta um partido de que Willy Brandt parece ter voltado a ser o único senhor a bordo. Um barco louco?

Epílogo de um longo combate de chefes, o congresso — superfluo — que o partido social-democrata realizou em Colónia, consagra uma derrota já consumada. Uma última homenagem — ambígua — de todos os que o abandonaram, uma última volta à arena, envolto na dignidade do homem só contra todos, e Helmut Schmidt, terá todo o tempo para provar a amargura de um fracasso, mais doloroso ainda do que o de Outubro de 1982, quando foi afastado da chancelaria. Resta saber se o velho combatente de cabelos brancos e de rosto marcado se Willy Brandt, o homem que um dia se ajoelhou perante o memorial do «ghetto» de Varsóvia e que teve o prémio Nobel da Paz, é mais uma vez convocado pela história ou se está a terminar a sua carreira através de um espectacular acto de pirataria.

Congresso do reencontro, como o afirma Willy Brandt ou congresso de negação? Em todo o caso o SPD recusa a «dupla resolução» adoptada em 1979 pela NATO, na origem da instalação das novas armas nucleares na Europa, e de que Helmut Schmidt é considerado o pai. Nestas últimas semanas fez-se por todo o lado a história dessa dupla resolução, ou para tentar absolver Helmut Schmidt e justificar a reviravolta do seu partido ou para provar que ele foi traído pelos seus pares. Em Outubro de 1977, num discurso pronunciado em Londres, Helmut Schmidt foi o primeiro a vincar a disparidade dos armamentos na Europa. O equilíbrio procurado pelas duas superpotências em matéria de armas estratégicas, deixa, segundo ele, a Europa perigosamente desprevenida em face da superioridade soviética. Ele recomenda a resolução dessa questão através da negociação e, em caso de fracasso de se dotar com os meios para restabelecer o equilíbrio no Velho Continente.

Quando em 1978, o presidente Carter — que Schmidt considera incompetente — decide renunciar à produção da bomba de neutrões, o chanceler, que se dissera disposto a acolher essa arma na República Federal, é dos que se sentem preocupados com tal decisão. Egor Bahr, um dos seus mais constantes detractores há muito que denuncia essa arma como uma «preversão do espírito». Depois vem o encontro dos quatro principais países da NATO em Guadalupe, onde Carter, para dar resposta à expectativa da Europa, propõe, pela primeira vez oficialmente a instalação dos Pershing 2 e dos mísseis de cruzeiro. Segundo as suas próprias palavras e segundo as testemunhas, franceses e britânicos, respondem então, com muito mais entusiasmo do que o próprio chanceler, que, sem dúvida, pressente a querela que ameaça o seu partido.

A aposta de Willy Brandt

Essa querela que acaba de se resolver é atravessada pelos congressos do SPD. Desde Dezmbro de 1979, em Berlim, que Helmut Schmidt, calculando a aposta, põe o seu mandato de chanceler na balança e ameaça retirar-se se o partido não o acompanhar no domínio da «política de segurança». Willy Brandt — mais por lealdade do que por convicção está ao seu lado, tal como uma forte maioria de delegados. Herbert Wehner fuma em silêncio o seu cachimbo, Hans-Jürgen Wischnewski cala-se. Um certo mal-estar instala-se no partido. É claro que a minoria, em volta de homens como o pastor Erhard Epler não capitulará.

No Verão de 1980, o congresso, que prepara as eleições de Outubro, tem mais que fazer. Mas, um ano e meio depois, em Munique, no mês de Abril de 1982, a relação de forças já mudou. Entretanto realizou-se em Bona a primeira grande manifestação pacifista. Numerosos delegados compreenderam que o movimento era profundo e que não pararia tão depressa. Começou uma guerra discreta entre Helmuto Schmidt e Willy Brandt a propósito deste movimento no qual se reconhece uma ampla parte da base social-democrata. O chanceler salva a face fazendo adoptar uma moção bastante vaga para que uma maioria se lhe possa juntar. Mas o Congresso de Munique também decide convocar uma reunião extraordinária no fim de 1983 (a deste fim-de-semana) que apreciou os resultados de Genebra. Já é renunciar ao princípio do automatismo do desenvolvimento em caso de um fracasso das negociações, isto é, sair da lógica da «dupla resolução». No início de 1983, depois de a deserção dos liberais o ter obrigado a abandonar a chancelaria e enquanto as eleições se preparam, Helmut Schmidt anuncia que não voltará a apresentar-se. Ele sabe que perdeu.

A adesão a Willy Brandt

Depois da passagem do SPD para a oposição, as coisas aceleram-se efectivamente, como se, libertos das responsabilidades do poder, os sociais-democratas fossem tomados por uma doce euforia. Vogel e outros, ainda procuram fórmulas susceptíveis de refazer a unidade do partido: relatório do desenvolvimento, deslocamento por mar e não por terra, etc. trabalho perdido. Uma após outra, as federações regionais oscilam. A sua decisão é simples, clara, não se preocupa com propostas de peritos, é *não ao aumento*. A partir do Outono de 1983, o partido refaz a sua unidade na frente da recusa. O *présidium* aprova em Outubro, na ausência de Helmut Schmidt a participação de Willy Brandt na grande manifestação pacifista de Bona.

Esta reviravolta é justificada em Colónia, dizendo-se que a dupla resolução da NATO visava, na origem, e no espírito de Schmidt reduzir o arsenal nuclear na Europa, pela negociação, e não aumentá-lo. Só se pode censurar ao antigo chanceler o ter subestimado a vontade de os americanos negociarem na verdade. E as pessoas censuram-no por ter continuado a pensar que só o aumento pode permitir hoje que a negociação se efectue verdadeiramente. Os sociais-democratas não foram tardiamente tomados pelo medo pânico do apocalipse que inspira certos pacifistas. Há, na base da sua revolta, uma análise que Willy Brandt expôs muito abundantemente nos últimos tempos. Ele acha, em suma, que certas propostas soviéticas mereceriam ser examinadas, que os americanos não fizeram nada para chegar a um acordo porque *lhes interessava mais conseguir a instalação de, pelo menos, uma parte dos Pershing-2, do que o desmantelamento de uma parte dos SS-20*. Há também neste caso o sentimento de que os *interesses específicos* alemães, são lesados.

Willy Brandt

O peso da «base»

Há, enfim, aquilo a que Helmut Schmidt chama, não sem desdém, *«os sonhos de adolescente»* de Willy Brandt, entre os quis estaria a sua convicção de que o S.P.D. pode e deve integrar as contestações e regenerar-se nelas. A decisão que acaba de tomar, no Hesse, o ministro-presidente Hölger-Börner, propondo aos Verdes associá-los ao seu governo, concretiza, a este respeito, o que Brandt anunciara no próprio dia da queda de Schimidt, e que na altura chocara as pessoas, entre outras coisas a constituição de uma «maioria» à esquerda da C.D.U. As reticências eram vivas e o partido não ousou apresentar-se nas eleições de Março, assumindo esta estratégia. Börner estava então entre os maiores detractores dos Verdes, que ele considerava *«fascinantes»*, e contra os quais, durante dois anos, fizera avançar a polícia, nas imediações do aeroporto de Frankfurt.

«Os tempos mudaram», diz hoje Börner, que oferece os seus serviços aos inimigos de ontem. O que mudou principalmente, é que o homem acabou por se inclinar perante os argumentos da aritmética: duas eleições num ano não tinham conseguido uma maioria no Land. Para governar precisaria de formar uma grande coligação com o C.D.U. e os liberais — o que nem ele nem o partido podiam admitir — procurando nos Verdes os cinco lugares que faltavam à sua maioria.

Estará ele a realizar os «sonhos de adolescente» de Willy Brandt, a pecar por oportunismo, com o risco de se separar do eleitorado tradicional do partido, o dos sindicalistas, uma parte dos quais já se juntou em Março às fileiras da C.D.U., ou a actuar com realismo? Ao fim e ao cabo, os temas mais escaldantes do choques locais desapareceram. Os Verdes depuseram as armas no que diz respeito ao aumento do aeroporto de Franckfurt; a o S.P.D. pode aderir a algumas das suas reivindicações sociais e noutros pontos que lhes são caros, como a protecção das florestas; a necessidade de uma acção é agora reconhecida por todos, incluindo a C.D.U. Os ecologistas têm provavelmente mais a perder do que os sociais-democratas nessa aliança vermelho-verde no Hesse.

É grande a tentação de ver no isolamento de Helmut Schmidt — que encarnava a capacidade de gestão, o sentido do realismo do S.P.D. — um regresso do partido as suas tendências dos anos 1950, quando defendia posições radicais e se lançava no combate contra *«a morte nuclear»*. Este partido passou dezassete anos na oposição, antes de homens como Herbert Wehner — hoje retirado — terem definido uma linha mais realista que devia abrir-lhe rapidamente o caminho do poder.

Deve prestar-se essa justiça a Willy Brandt a evolução do partido não é da sua autoria, essa evolução veio principalmente da base. Quererá isto dizer que ele cede ao sentimento, à emoção, à pressão da rua na doce irresponsabilidade que a situação de chefe da oposição confere? Decerto que não. O problema é antes que Willy Brandt nunca admitiu que se deve ficar surdo a essa pressão da ruax . Não o admitiu quando, ao ascender em 1969 ao poder, abriu as portas do S.P.D. a uma contestação estudantil muito mais radical e minoritária do que hoje o é o movimento pela paz? Como se fecharia então a uma contestação que, ele sente-o toca em algo de muito profundo na conciência alemã?

A intenção de Willy Brandt não é decerto fazer-se tardiamente porta-estandarte do movimento alemão pela paz. Foi assobiado no dia 22 de Outubro, durante a grande manifestação de Bona a favor dos Verdes que lhe censuraram o não preconizar a saída da NATO. O S.P.D., àparte alguns deputados marginais como Oskar Lafontaine, não se preocupa com isso. Ele não vai derrapar, como o partido trabalhista britânico, para o unilateralismo.

Schmit e Brandt têm pelo menos de comum o facto de ambos terem desejado chegar a um certo desanuviamento militar, depois do desanuviamento económico e político, e de, também nesse domínio, a Alemanha mostrar o caminho. Estão ambos a extraír lições opostas daquilo que lhes foi demonstrado, como por exemplo que, em matéria de defeza não são os alemães quem dá a direcção. ■

Vibrando em diapasão com os jovens do partido

«HÁ momentos em que pensamos que nada nos será poupado.» Arrastado pela tormenta, Willy Brandt teve esta frase no mês de Maio de 1974, alguns dias antes de se demitir. O **«chanceler da paz»**, o primeiro chefe do governo social-democrata da República Federal, o artesão da **Ostpolitik**, estava vencido, salpicado por escândalo que decerto o ultrapassava mas no qual ele tinha uma larga parte de responsabilidade. A sua honestidade não estava em causa. Tinham-no perdido uma certa imprudência, um amadorismo bem intencionado e uma inegável tendência para confiar em amigos pouco recomendáveis.

Conservava, sem dúvida, a presidência do partido social-democrata que contribuira para levar ao sucesso, incitado pelo velho Herbert Wehner. No entanto, no espírito do seu sucessor à chancelaria, essa diarquia estava destinada a eternizar-se. Brandt, o idealista bem disposto só podia incomodar Schmidt, o homem de acção. Tornara-se, de resto, amargo, pelo abandono dos amigos e pela traição dos irmãos inimigos da Alemanha comunista, a quem voltara a dar uma respeitabilidade. Dir-se-ia hoje que ele cai na mesma ingenuidade, ao confiar, uma vez mais, no campo socialista, ao preferir a aproximação ao confronto, e o desanuviamento à paz armada? Brandt está, em todo o caso, mais à vontade quando denuncia a implantação dos euromísseis do que quando defendia a a dupla decisão por lealdade para com Schmidt. Ele vibra em diapasão com a base do seu partido, com essa juventude de quem se aproxima, mais por sentimento do que por oportunismo, com os pacifistas que talvez lhe lembrem outra resistência, a dos seus jovens anos, contra o nazismo.

Mais de uma vez durante a sua travessia do deserto, teve vontade de deixar cair tudo, de se refugiar na utopia do Norte-Sul ou de incarnar a consciência infeliz de um partido que não se reconhecia na linha do seu chanceler. O seu papel nem sempre era invejável. Não devia ele, embora contra as suas próprias convicções, chamar a cerrar fileiras? Não serviria ele de caução a uma política económica e estrangeira que, sob a influência dos liberais, perdera a marca social-democrata?

Reencontro com o idealismo

Soube encarar o seu mal com paciência, à espera da hora da desforra, conservar contacto com os militantes que o elegeram regularmente para a presidência do S.P.D., com maiorias maciças, dar um novo fôlego a uma Internacional Socialista fatigada, e refazer, apesar de alguns problemas de saúde, uma nova vida. Aos setenta anos recebe os dividendos da sua perseverança. Mais pescador à linha (o seu desporto favorito) do que caçador, ele espera a caça em vez de a perseguir, dizem os seus amigos. A sua carreira é toda ela feita de momentos gloriosos e de períodos de pressão. Em 1965, depois do seu fracasso nas eleições, já pensara em se retirar.

A oposição permite-lhe dar livre curso ao seu temperamento, recusar os compromissos inerentes ao poder, desposar de novo o idealismo. Assim, não pensa em voltar à chancelaria. Basta-lhe continuar, após quase vinte anos, o homem indispensável do S.P.D., quando os seus rivais desaparecem uns após outros.

Dirigente incontestado e agora único do S.P.D., Willy Brandt deve preparar-se para a substituição, procurando um delfim capaz de se impor sem ser designado pelos caciques do partido. O pálido Jochen Vogel não o conseguiu, e os jovens lobos em ascensão são mais radicais que os mais velhos. ■

Sete Pon

Mudn

Dois apontamentos sobre sedução e persuasão

O amigo americano, aquele que vai morrer

O *amigo americano* de Patrícia Highsmith é um livro fascinante que arrebata o leitor, não pelo suspense de uma progressiva descoberta do enigma, que não há, mas pela deslocação que faz do universo policial, alterando todas as proporções imediatamente conotadas com o romance negro e deslocando-as para um imaginário que torna o homem que se pretende ideal no assassino ideal.

É a questão da verosimilhança «a posteriori» que funda a narrativa: ao contrário do assassino que recorre ou se converte no vulgar cidadão para salvar a vida (como os pistoleiros das Brigadas Vermelhas e a sua vida dupla — todos os dias se despedem de uma aparente esposa e parecem dirigir-se a um hipotético trabalho, regressando ao fim da tarde) é um pacato cidadão que cede à tentação de matar para se salvar a vida — deixando uma pequena fortuna à família após a sua morte, inevitável e prematura.

Quem viu o filme de Wenders, com o mesmo nome, conhece a história: um insuspeito emoldurador de quadros, a viver em França com mulher e filho, condenado à morte por uma doença sanguínea fatal, torna-se no principal protagonista de uma espécie de jogo didáctico que visa, mais do quê eliminar dois mafiosos, o avaliar das possibilidades da conversão de um homem nessa instituição afugentadora dos bons espíritos que é o crime, num assassino a soldo.

É um jogo inocente, a tal ponto que o seu arquitecto (o talentoso Mr. Ripley) participará dele tão activamente que quase não lhe sobreviverá, o que vem conferir um estatuto de não-azar ao jogo: não se trata de mandar alguém — o que perde — para a fogueira mas antes de todos os intervenientes acompanharem o noviço no seu conhecimento da dor, na aprendizagem da morte. Com efeito, Ripley aceita o repto que lhe lança o seu amigo Reeves, personagem influente no submundo de Hamburgo e, assim, decide definir o retrato do matador ideal para dar cabo de uns tipos da Mafia interessados em penetrarem no «millieu» da cidade costeira alemã: um homem sem ligações ao mundo do crime.

C'est la France

Tal como os replicantes de Blade Runner, que não tinham história, autobiografia, passado, Jonathan irá ser escolhido para a tarefa pela ausência nele de qualquer apontamento que faça da sua história uma história pessoal diferente. Jonathan é o mito, o paradigma de médio, a sua existência é um tentador anúncio publicitário, é o modelo pelo qual os outros tentarão pautar a sua normal de lugar, logo, é o comum.

Inglês de nascimento, a viver em França como toda uma geração (1) que respondeu ao apelo francófono, à imagem de uma França boémia e intelectual (*«em vez de uma série de amantes educativas, em vez de criar amizades com boémios, ou com uma camada qualquer da sociedade francesa que Jonathan julgara existir...»*), Jonathan é um comerciante com loja aberta numa terra não distante de Paris, que tanto poderá ser Fontainebleau como uma outra qualquer das que se vêem nos cartazes de promoção do Tour de France: o pelotão colorido dos ciclistas à desfilada por entre ruas estreitas mas bem calçadas de uma vila de edifícios velhos e bonitos e a multidão, simpática e bem nutrida, postada nos passeios, com crianças numa mão e pães chatos e compridos na outra. Ao fundo, as lojas e o café.

Mais, ele é um comerciante mas não de carne, mercearias ou sapatos, está em França, enferma disso, não poderia subtrair-se a uma profissão como a que tem — emoldurador de quadros, embora o seja com naturalidade (o seu antigo sócio desertou das molduras e foi trabalhar como mecânico de automóveis. Bom c'est la France e pegando no «slogan» do desajustado anúncio da Sagres, a cultura acontece). Para além disso, ou por isso, Jonathan desempenha a preceito o papel de homem moderno, sem escrúpulos em ajudar a mulher no trabalha de casa, atento às pechinchas que vão aparecendo nos antiquários, hortelão por gosto nas horas vagas, com conhecimentos de pintura para além dos clássicos e que, de vez em quando, permite-se comparar uma fisionomia que encontra com Kafka. É pois perfeitamente anónimo, é pois o homem que Ripley procura.

Ruptura imanente

Ele é por aí a ruptura imanente e mesmo antes de romper com a normalidade já o sangue que lhe corre nas veias o desestabilizou — tem e sabe que tem uma doença incurável que o pode matar a qualquer momento. Todavia só quando o jogo se inicia (e Tom Ripley lança o boato que a doença se agravou subitamente) e as pessoas falam nisso, é que ele constata que vai morrer, a doença tornara-se pública e essa persuasão impele-o para a morte, para desconstrução à sua maneira do ardil discursivo que se gerou à sua volta — aceita fazer de pistoleiro.

Depois, é o assumir desesperadamente dessa atitude (*«Jonathan voltou a encolher os ombros»* é a constante que se desenha desde o primeiro assassinato até à sua morte) e das ressonâncias que ela provoca.

«O amigo americano» (Riply's game
Patrícia Highsmith
Ed. 70, Lisboa, 1983
353 págs. 120+ 00

(1) Ela própria, Patrícia Highsmith, seduzida por Paris, tal como tantos outros escritores seus conterrâneos. ■

Luís Andrade de Sá

Causalidade circular e «double bind», dupla sujeiçã: se transformou numa equipa que investiga a comun de conhecimento indispensável à cura e privilegia-s uma «black box»: examina-se o «input» dessa caix

Paul Watzalawick e a terapia famili

No centro de Palo-Alto, na Califórnia, onde trabalha, o psicólogo Paul Watzlawick tenta aplicar à psicoterapia familiar as investigações de vanguarda sobre a cibernética e a comunicação.

Guitta Pessis-Pasternak

O professor Paul Watzlawick é um dos mais célebres psicólogos da equipa do Instituto de Investigações Mentais de Palo-Alto, na Califórnia. Este centro tem por objectivo aplicar à psicoterapia familiar as investigações de vanguarda em comunicação e cibernética. A *nova comunicação*, concebida na origem por Gregory Bateson é um sistema cultural no qual está inserido o indivíduo, ele mesmo assimilado a um sistema de causalidade não linear mas circular, isto é, no qual o efeito reage sobre a causa. A comunicação, que ao mesmo tempo se produz nos planos verbal e gestual, tem por vezes um sentido contraditório. Daí a noção, avançada pela escola de Palo-Alto, do *double bind* (dupla sujeição). Nessa situação, o indivíduo é submetido a várias ordens contraditórias emitidas simultaneamente, induzindo assim uma verdadeira patologia da comunicação.

Para Paul Watzlawick, a doença mental não é um estado que afecta um indivíduo isolado; é também uma função que este assume no interior do sistema de que faz parte: a família. É pois necessário atacar todo o sistema familiar se se quer levar a efeito uma acção terapêutica eficaz.

* * *

— Como começou a trabalhar no Instituto de Palo-Alto, na Califórnia?

— Em primeiro lugar deu-se o meu encontro com os textos do grupo de Bateson. Em 1952 este grupo começara certas investigações de vanguarda que me convenceram de que tinham elaborado uma tentativa terapêutica muito mais eficaz do que a tradicional, que eu aprendera na Europa. Fui então a Palo-Alto a fim de participar nessas interessantes investigações.

— No entanto, Gregory Bateson, o seu inspiador, é antropólogo, enquanto que o professor é psicoterapeuta. Onde se situa a convergência entre as vossas respectivas investigações?

— O novo elemento que Bateson introduzira no domínio da psiquiatria era precisamente a sua aproximação antropológica. Enquanto que o psiquiatra se habitua a aproximar os fenómenos da «loucura» de um modelo científico, de uma teoria feita *a priori*, o antropólogo procede de modo oposto: ele entra numa cultura estranha com um mínimo de preconceitos, observa «objectivamente» o que se passa nessa cultura, para chegar a uma compreensão mais justa da dinâmica dos processos internos de comunicação. Foi essa metodologia que Bateson aplicou aos fenómenos ditos psiquiátricos.

— Foi assim que ele pôde chegar à teoria do «double bind» (da dupla sujeição)?

— Com efeito foi assim que ele chegou a elaborar essa teoria.

— Como funciona, na prática, a «terapia familiar» de Palo-Alto?

— O nosso modelo de terapia, que se baseia nas ideias de Bateson, é um modelo intrafamiliar, interpessoal e inter-racional enquanto que o modelo das terapias classicas se baseia no processo intrapsíquico. Por outras palavras, no modelo clássico procura-se compreender o que se passa no espírito do paciente e, para tal, é necessário ir até ao seu passado. São, portanto, métodos retrospectivos, que se baseiam numa causalidade linear: supõe-se que o acontecimento A teve como eeito um acontecimento B e que este, por seu lado, produziu um acontecimento C, etc. É pois necessário ir até ao passado e repôr a «Razão» na sua posição sublimada. Julga-se, com efeito, que logo que o paciente compreenda a «irracionalidade» de certos comportamentos, mudá-los-á.

Na terapia que estamos a elaborar há vinte anos no centro de terapia de Palo-Alto, interessamo-nos mais por aquilo que se passa no presente, *hic et nunc*, a fim de poder mudar o processo de interacção actual, sem fazer referência ao passado. Segundo a nossa visão das coisas, inspirada pelas ideias cibernéticas, não é necessário compreender as coisas para trabalhar sobre os efeitos.

A «caixa preta»

— Considera o homem como uma «caixa preta»?

— Até certo ponto. Consideramos, com efeito, a família, o sistema humano, como uma «caixa preta»: examinamos o *«input»* para ver qual é o *«output»*. Há vinte anos que é o nosso modelo preferido, enriquecido pelas teorias de Prigogine e outros sábios.

— Não se arrisca a ter surpresas ao ignorar o conteúdo da «caixa preta»: o «output» pode variar de um modo surpreendente.

— É precisamente o que procuramos fazer porque observámos muitas vezes que a razão da mudança é um elemento fortuito, imprevisível. Procuramos introduzir no sistema familiar novos comportamentos que a própria família podia inventar, mas que não fez porque a sua visão do mundo era demadiado estreita; ela não se serviu portanto de todas as suas possibilidades.

— O que é espantoso na briefftherapy que exerce, é o facto de ter criado um sistema de dez sessões no fim das quais obteve 60% de êxito. Isso poderia modificar o tratamento dos doentes mentais?

Teoricamente devia ter um impacto na psiquiatria. Mas, como já disse Thomas Kuhn, as ideias novas não se impõem pela sua eficácia, mas sim porque as pessoas que pensam no quadro das ideias tradicionais, morrem...

Uma fonte infinita de mensagens

— Segundo Bateson, a comunicação é uma matriz na qual se encaixam todas as actividades humanas. Poderá deduzir-se daqui que um extrovertido estaria mais bem adaptado às actividades da vida do que um introvertido?

— De modo algum. Sabe que a distinção entre extroversão e introversão não têm grande coisa a ver com o estilo de comunicação. Mesmo que eu seja introvertido participo ao mesmo tempo nas leis da comunicação. Creio que a distinção feita por Jung entre estes dois tipos de comportamento não se aplica à «comunicação», mas sim ao facto de o extrovertido se situar antes no mundo exterior, enquanto que o introvertido observa, por assim dizer, o mundo exterior a partir do seu próprio mundo interior.

— O professor, que acredita na omnipresença da comunicação, o que pensa das palavras de Norbert Wiener: «Pode considerar-se o mundo como uma miríade de mensagens»?

— Creio, com efeito, que se pode considerar o meio ambiente como uma fonte infinita de mensagens, que nos oferecem, através do seu impacto, uma certa orientação no mundo que, de resto, continua in-

ão: no princípio era Bateson e a sua antropologia. Mas cedo Palo Alto unicação e trabalha em psicoterapia: o passado deixa de ser o objecto -se o presente, para poder mudar as interacções actuais. A família é considerada ixa preta para se poder intervir nos «output»...

liar vista de Palo Alto

dis-
es-
rta-
nu-
de
ites
into
rva,
xte-
rio

dita
uni-
ala-
ode
mo
»?
e se
am-
nita
ere-
cto,
un-
in-

compreensível. Também é verdade que nem todas as mensagens se dirigem a todos do mesmo modo, isto é, há mensagens que provêm do meio ambiente e que me são dirigidas a mim, e não ao meu cão ou ao meu gato...

— O facto de ser capaz de captar um máximo de mensagens, reflecte uma maior disponibilidade de espírito?

— É uma necessidade, porque se nós não aceitamos ou não compreendemos essas mensagens, arriscamo-nos a morrer. Trata-se de mensagens muito importantes que nos indicam o que é preciso fazer para sobreviver...

— Uma pessoa mais inteligente seria capaz de captar mais mensagens do que outra?

— Creio que sim. Os seres mais diferenciados por natureza, utilizam um maior número de mensagens. Mas também creio que todos nós procuramos viver com um mínimo de mensagens, porque, como o disse Wiener, há uma miríade delas e não podemos utilizá-las a todas.

— Haveria um risco de saturação por excesso de informação?

— Exactamente. Esta deve ser reduzida a um mínimo vital...

— Também há informações de «dupla» sujeição» que são impostas pela família ou pela sociedade e que em dada altura se tornam intoleráveis. Neste caso o indivíduo refugia-se — por vezes — na esquisofrenia. Mas não seríamos todos «manipulados», em menor grau, enquanto que só alguns conseguem «resistir» mais?

— Não sei se somos excessivamente manipulados, mas creio que os casos que estudámos provam, com efeito, que também há nas famílias ditas «sãs», ou nas famílilas que «funcionam», que «marcham» normalmente, uma certa manipulação, mas esta mantém-se em limites toleráveis. Cada família, para existir, para satisfazer as suas exigências biológicas, psicológicas ou sociais, deve estabelecer regras. Ela é pois obrigada a «manifestar». Mas, ao mesmo tempo, deixa um espaço de liberdade suficientemente fácil para que cada um possa desenvolver o seu estilo pessoal, a sua própria individualidade.

— Mas onde passa a fronteira entre a «manipulação sã» e a que já não o é?

— Não se pode traçar a fronteira. Vimos que, nas famílias ditas «sãs», há quase sempre a possibilidade de «metacomunicar», isto é, pode comunicar-se, nelas, através das mensagens, enquanto que nas famílias perturbadas, tudo se passa como se a metacomunicação fosse que interdita tal como nas sociedades totalitárias onde tem que se obedecer sem fazer perguntas.

— Podia defender-se o caso de a «doença mental» já não ser aí caso de um indivíduo isolado, mas a dialéctica que se instala no interior de um grupo que precisa dessa «repartição de papéis» para funcionar, «curar» um «doente» sem destruir os grupos nos quais está inserido?

— É, com efeito, a dificuldade com o tratamento individual. Constatou-se que era relativamente fácil com os tratamentos clássicos curar um doente mental, e fazê-lo chegar a um estado satisfatório de funcionamento. Mas logo que ele voltava para a família, voltava à situação que o mandara para o hospital psiquiátrico.

Só há portanto duas possibilidades: ou o doente fica de novo «louco», ou, se tem força suficiente para resistir a essa influência patogénica da família, outro membro dessa mesma família começa, quase inevitavelmente, a manifestar sintomas.

— Não se tratará também de um certo jogo de poder familiar?

— Não só, porque o poder implica sempre uma posição individual: alguém tem o poder. Segundo a nossa óptica é todo o sistema que impõe, de um modo surpreendente, essa sujeição ao indivíduo. Na terapia familiar procuramos precisamente evitar que a cura do paciente «identificado» não prejudique o resto da família.

— As suas investigações sobre a comunicação, os seus progressos e os seus efeitos pragmáticos podem ser utilizados numa autocura?

— É um caso actualmente muito debatido. Os meus colegas e eu próprio não pensamos que isso seja possível, até porque quando nos encontramos no interior de um sistema não podemos compreender a sua complexidade e a sua globalidade. Para compreender completamente um sistema tem que se sair dele e observá-lo de fora, por outras palavras. Para me curar a mim mesmo teria que sair da minha própria pele e observar-me de fora, como o faria um observador objectivo.

— Quais são as convergências ou as divergências entre as suas concepções e os princípios da antipsiquiatria, tais como foram definidos por Laing ou Cooper?

— Só podia responder-lhe de um ponto de vista teórico: o modelo da antipsiquiatria não é mais do que uma modificação do modelo da causalidade tradicional. Segundo o ponto de vista tradicional, o louco é a «verdadeira» causa e é ele quem faz sofrer o seu ambiente normal; enquanto que, no modelo da antipsiquiatria, o pretenso louco é o único ser são, e a sociedade é que está doente. Essa concepção ajudou-nos muito pouco porque não passa de uma inversão da velha causalidade aristotélica, isto é, a causalidade linear. Ora, quando se começa a pensar em termos de causalidade circular, inspirada pela «teoria dos sistemas», vê-se que a óptica das coisas muda por completo.

A «loucura» é relativa

— No fundo acredita que a «Loucura» existe realmente?

— A «loucura» também é algo de muito relativo. Quando cheguei a Bombaim apresentaram-me a alguns *swamis*, isto é, santos. No Ocidente alguns deles teriam sido diagnosticados como casos de esquizofrenia catatónica. Na Índia, porém, eram considerados santos. Por outras palavras, o que é considerado patológico numa cultura pode ser considerado normal noutra.

— Há um fenómeno análogo no interior de uma mesma cultura. Uma pessoa hipersensível é vista como «louca», enquanto que outra, insensível, é considerada normal...

— Há outra coisa que ainda é mais «louca»: o génio, que não entra em nenhum dos critérios da normalidade quotidiana...

— No fundo, a «loucura» não passa de um fenómeno social...

— É, com efeito, um fenómeno social, é a atribuição a fenómenos de uma significação de valor.

— Não acha que a nossa sociedade é demasiado lógica e racional para poder tolerar essas «anormalidades»?

— Ela está a fazer-se sempre mais lógica e racional, mas já observamos algumas contra-correntes prometedoras...

A imaginação precede a lógica

— A escola de Palo-Alto — que procura menos a causa das doenças do que a modificação de um sintoma ou de uma conduta actual — terá maior dificuldade de ser aceite em França do que nos Estados Unidos?

— Depois de ter viajado pela Europa fiquei com a impressão de que, efectivamente, há uma maior aceitação destas ideias nos Estados Unidos. Aqui elas já não são assim tão novas, ao passo que, na Europa, ainda reina uma espécie de conflito entre as ideias tradicionais, isto é, a terapia baseada nas ideias psicanalíticas, e a terapia internacional que propomos.

— Muitas vezes prefere ilustrar os seus «casos» com exemplos literários a ilustrá-los com teorias científicas...

— Porque creio que é muito mais fácil compreender uma coisa quando se trata de um exemplo proveniente daquilo a que poderia chamar o «hemisfério direito». Se você analisar a obra de Jackson, verá que nos últimos anos da sua vida, ele utilizou quase exclusivamente metáforas, histórias, frases espirituosas, e nãao teorias científicas, porque as primeiras têm um impacto muito mais directo e mais claro nos pacientes.

— Fala dos dois hemisférios do cérebro humano: à esquerda o da análise, da razão, e à direita o da compreensão holística e poética. Pensa que se se pudesse superactivar o hemisfério direito, produzir-se-iam criadores «por medida»?

— Essa ideia assusta-me e faz-me pensar no que Popper disse sobre a ideia platónica do reino do mais sábio, aquele que decide a criação de criadores por medida... Na minha opinião, uma coisa mais interessante e mais importante seria conseguir pessoas que conseguissem uma espécie de coexistência harmoniosa entre os dois hemisférios, a fim de poder utilizar os dois de um modo o mais perfeito possível.

— Tem-se a impressão de que no Ocidente utilizamos muito mais o cérebro esquerdo, visto estarmos condicionados de um modo racional e competitivo. Talvez saibamos um dia utilizar melhor o nosso cérebro direito, a fim de ascender a um mundo poético?

— Em teoria, decerto, mas não sei como podiam formar-se pessoas aptas a pensar mais com o hemisfério direito.

— Há, no entanto, um «best-seller» na Califórnia, escrito por Betty Edwards: Como desenhar com o hemisfério direito do cérebro, *na qual ela explica certos métodos que permitem bloquear o cérebro esquerdo a fim de dar livre curso ao cérebro direito...*

— É verdade. Eu próprio escrevi um livro modesto que se chama *le Langage du changement*, e no qual proponho — segundo os princípios da nossa terapia — bloquear a força de censura do hemisfério esquerdo, para falar directamente ao hemisfério direito. É o que se faz em hipnose, em que nos dirigimos muito particularmente ao hemisfério direito da pessoa.

— Já que cita o sábio Kéluké: Aprendam a sonhar, senhores, talvez então vejamos a verdade»... *adoptaria também o preceito de Georges Duby:* «A marca de um sonho não é menos real do que a de um passo?»

— Claro que sim. Também é a minha opinião profunda.

— Isto quer dizer que, no fim de contas, as coisas passam-se mais no mundo do sonho do que na realidade?

— Com efeito, elas apresentam-se mais sob a forma de um sonho, de uma fantasia. O famoso matemático alemão, Gauss, disse: «*A solução já eu a tinha, então precisava de descobrir como lá tinha chegado.*» Quer dizer que o hemisfério direito já tinha a solução, mas provar de maneira lógica e matemática como chegara precisamente a esse resultado, era tarefa do hemisfério esquerdo. Por outras palavras, a imaginação precede a lógica!»

■

Caixa do correio

«...Tornou-se praticamente impossível viajar e, se atentarmos à maneira como evolui a nossa moeda, parece que vamos de mal a pior (...) No entanto, sei que existem viagens baratas, fora dos esquemas comerciais: desde o cargueiro a certos «charters», sem contar com a possibilidade de certo tipo de automobilistas se associarem, através de anúncio, para poderem realizar, com outros interessados, expedições impraticáveis para viajantes isolados. Eis a minha proposta: porque não faz no seu suplemento um roteiro das viagens «marginais» e porque não oferece aos leitores a possibilidade de trocarem informações sobre os seus projectos, pondo assim em contacto viajantes potenciais que não se conhecem, mas que se poderiam juntar?»

Luísa D. Machado
Lisboa

Nota do Sete Ponto Sete:

A proposta de uma troca de informações entre os leitores, sob a forma de pequenos anúncios no Sete Ponto Sete, parece-nos boa. Podemos testá-la se nos enviarem textos com um máximo, no total, de 60 (sessenta) palavras, de modo a que os recebamos até à quarta-feira de cada semana, para o número seguinte.

■

«...Os jornais parecem viver espartilhados em secções onde, desde há muitos anos, vêm metendo as suas notícias: «trabalho, estrangeiro, cultura, passatempos»... Não admira, devido aos olhos com que vêem o mundo, que tenham acabado por interessar relativamente pouco à gente jovem para quem aquela «classificação da realidade» é estranha, pouco adequada ao olhar com que vê a vida e os acontecimentos.

(...) Um jornalista cujo nome tenho visto associado a iniciativas no campo da Comunicação Social propôs há pouco tempo uma greve geral dos jornais, para que toda a gente, Estado e público, percebesse, no concreto, a falta que a Imprensa lhes faz. Mas não me parece que este tipo de medicina seja apropriada para tratar a «doença» a que me refiro».

Jorge Barbosa
estudante

Paraísos

Especialmente para os que leram a entrevista de Watzalawick: uma doença específica das famílias, que muitos tomam por um «hobby», é a investigação genealógica, a construção dessas árvores dos nomes que legitimam de outro modo o estar no mundo...

A árvore dos nomes... e a floresta

Cristina Alves

Traçar a Árvore Genealógica já foi um modismo na década de 30 que agora volta a causar interesse, principalmente dos jovens, que por vezes adquirem revelações muito interessantes e, por outras, decepcionam-se principalmente se esperam que os mitos criados pelas famílias sejam confirmados. Não só os nomes dos antepassados, a existência de brasões na família como também a origem dos apelidos podem trazer surpresas a todos aqueles que se aprofundem na pesquisa. Pesquisa esta que pode ser feita pelo próprio interessado ou encomendado a genealogistas, muitos dos quais profissionais e outros por hoby.

Em Portugal existem várias publicações que dedicam espaços à genealogia. Em Lisboa, o Instituto Português de Heraldica que funciona no Museu do Carmo e publica a revista «Armas e Troféus» possui uma biblioteca que pode ser consultada, além de receber pedidos para as pesquisas genealógicas. Os livros e documentos que devem ser consultados estão em todas as Conservatórias de Registo Civil, Câmaras e Arquivos de Misericórdias dos Distritos do País, entre outros locais e são pesquisados principalmente pelos cerca de «500 carolas e entusiastas» no assunto existentes em Portugal, segundo António Sousa Lara que faz parte desse número por hoby. O seu interesse começou durante a sua juventude com a procura dos seus ascendentes. A partir de então vem adquirindo publicações sobre o tema que formaram uma vasta biblioteca particular.

Sousa Lara explica que as Árvores Genealógicas são gráficos que expõem de maneira ascendente e descendente o nome dos antepassados, podendo ser de forma unilinear, Árvore de Linha, por uma única filiação — do pai ou da mãe — e Árvore de Costado que dará todos os descendentes do pai e da mãe. A família pode conhecer também os seus antecessores por intermédio da iconografia (conjunto de imagens de um determinado assunto), com fotografias de arquivos particulares ou publicações. Há, ainda, a possibilidade de saber se a família possui algum brasão com a consulta aos Armoriais, embora estes sejam fontes duvidosas, segundo o genealogista, «por terem sido feitos no século XVIII por encomenda com a preocupação maior de elogio e não da história».

Para começar o trabalho da pesquisa o interessado terá que verificar os Registos Civis que estão nas Consevatórias, que por acertos de casamentos e baptismos chegam até a 100 anos atrás. Os livros anteriores estão nos arquivos distritais respectivos. Se houver sorte, conforme explicou Sousa Lara, pode-se chegar até o ano de 1560, caso contrário será necessária a pesquisa nos arquivos dos Notários por intermédio das escrituras, dotes e partilhas.

Existem colecções fundamentais que têm que ser pesquisadas como a da Chancelaria Régia — livro de registo da Coroa onde se fazia constar todas as mercês das pessoas. Essa colecção pára nos finais da Monarquia e transfere-se para a Mordomia-Mor no final dos séculos XIX e XX. Há, ainda, os processos da Inquisição ou os processos de limpeza de sangue do Santo Ofício, desde o final do século XVI e princípios do XIX.

Se existirem padres na família deve-se consultar os processos de inquisição do «género» (geração) que estão nos arquivos episcopais. Existem também zonas militares com índice por ordem cronológica e alfabética e, colecções importantes no caso de ter existido algum universitário na linhagem, com as leituras de bacharéis na Torre do Tombo e na Faculdade de Coimbra.

Origem dos nomes

Depois de saber-se os nomes dos antepassados, nada mais interessante do que conhecer a origem dos apelidos. Isso por muitas vezes torna-se necessário para o traçado da Árvore Genealógica, já que antigamente adoptavam-se os cognomes patronímicos de padrinhos, alcunhas e localidades.

António Sousa Lara que explica que os mais vulgares eram patronímios que normalmente terminavam em ES e, em espanhol EZ e significavam Filho de. Como exemplo cita que o filho do senhor chamado Martim tinha o apelido de Martins, o filho de Pedro chamava-se Perez, o filho de João (Joanez, Janes) levava o cognome de Eanes, Nunes era filho de Nuno, Rodrigues filho de Rodrigo, Soares filho de Soeiro.

Esse sistema, segundo o genealogista, funcionou para as classes populares matematicamente até o século XIV. Então António Antunes era filho de António, João Simões era filho de João que por conseguinte tinha um filho que levava o nome de Francisco Eanes. Além desses há outro patronímico sem sufixo ES que é de nome próprio. O genealogista citou como exemplo Augustina Bessa Muniz e Palmà Carlos. Depois dessa época esse sistema foi-se degradando e começaram a cristalizar

os patronímicos. Aí repetiram-se nomes notáveis, criando-se, desta forma os apelidos no sentido clássico.

Outra forma de origem são as alcunhas que podem ser referentes a uma formação, defeito físico, vício, incidente particular da vida da pessoa. Os exemplos mais comuns são Gago, Magno, Cocho, Leal, Guerra, Guerreiro, Gentil, Furtado e Calvo. Nesse caso existe um facto curioso: um Infante de Espanha que sempre tinha em sua companhia uma porca era chamado por Infante de La Cerda que significa porca. O descobridor da Ilha da Madeira, João Gonçalves Zarco, tinha esse apelido por ser zarolho. Esse sistema funcionou até ao século XIV e XV. Os apelidos também se cristalizaram e ficaram sendo definitivos. No Alentejo isso só aconteceu a partir de 1911 por força da lei, visto que muitas pessoas não possuiam apelidos.

Usado mais pela nobreza até ao século XVI o patronímio era de uma localidade, com raras excepções, daí surgindo a particularidade DE, DU ou DA que é originária da terra que pertenceu ao senhoril, como Da Cunha, Du Amaral, De Matos, Da Fonseca, De Castro. A adopção do apelido funcionou bem até que no século XVII passou a ser moda que o senhor pusesse aos escravos menores o nome da casa da família como indicativo de posse. Em classes inferiores havia o sistema do apadrinhamento, ou melhor, a criança ao ser baptizada recebia o apelido dos padrinhos.

Os apelidos sacros têm a sua origem nas Instituições Rodas dos Expostos que eram uma espécie de orfanato. Muitas crianças eram abandonadas e esta entidade registava-as dando o cognome religioso como Dos Santos, De Jesus, De Nazaré, Da Conceição, Da Encarnação, Do Espírito Santo. A conversão forçada dos judeus, protestantes e outras famílias estrangeiras para o catolicismo na época de D. Manuel I fez com que os apelidos originais fossem abandonados para a doação dos mais comuns como Silva, Costa, Ferreira. O caso do morgadio, embora raro, fez com que algumas pessoas por simpatia adoptassem os apelidos daqueles que os constituiam, mesmo sem terem afinidades sanguíneas.

Onde pesquisar

Dependendo da área do país, a pesquisa genealógica pode ser facilitada. «No Norte de Coimbra para cima, por exemplo, por ser mais rica historicamente, informou Sousa Lara, o conhecimento é mais aprofundado enquanto no Sul o mesmo não acontece devido às suas características peculiares. Os portugueses são basicamente galegos. O sul era mouro e ficaram pessoas de descendência árabe. No Alentejo são os bérberes colonizados com muitos pretos da Costa Oeste da África, existindo também uma triangulação de famílias que são galegas».

«No Norte, na parte mais evidente para o tipo de substrato na história — Minho e Beira Alta — as famílias são de gerações muito antigas e vulgarizadas, característica dos países pequenos. São oito séculos a casar uns com os outros, com uma taxa de crescimento muito grande, mesmo com a guerra. Por haver também mais emigração a endogamia funciona dando parentescos forçosos que divulgam abundantemente essas famílias. Esse sistema agrava-se mais nas Ilhas onde todos são descendentes dos grandes colonizadores», salientou Sousa Lara.

Mas, para aqueles que realmente quiserem traçar as suas Árvores Genealógicas as dificuldades encontradas serão facilmente ultrapassadas. O que interessa é iniciar a pesquisa no seu distrito. No Norte do país o trabalho pode ser feito no arquivo distrital de Viana do Castelo. Em Braga há o arquivo da Universidade que é também distrital, o Arquivo Histórico da Universidade do Minho — AHUM — que tem vasto material sobretudo do bispado da região e, em Guimarães existe a Sociedade Martins Sarmento. No Porto além do arquivo distrital onde se encontra tudo que diz respeito à zona, há ainda os Conventos e as Instituições Eclesiásticas, que estão no Paço Episcopal e a Biblioteca Pública e Histórica da Cidade do Porto.

Na região de Trás-os-Montes o pesquisador terá certas dificuldades porque só em Vila Real existe o arquivo distrital, o de Bragança embora criado judicialmente não funciona. Dessa área há alguns livros na Torre do Tombo, em Lisboa. Em Viseu e Aveiro os arquivos distritais têm bom funcionamento. Em contrapartida, devido ao saque das igrejas pelas invasões napoleónicas o arquivo de Leiria possui grandes falhas, o mesmo não ocorrendo em Castelo Branco.

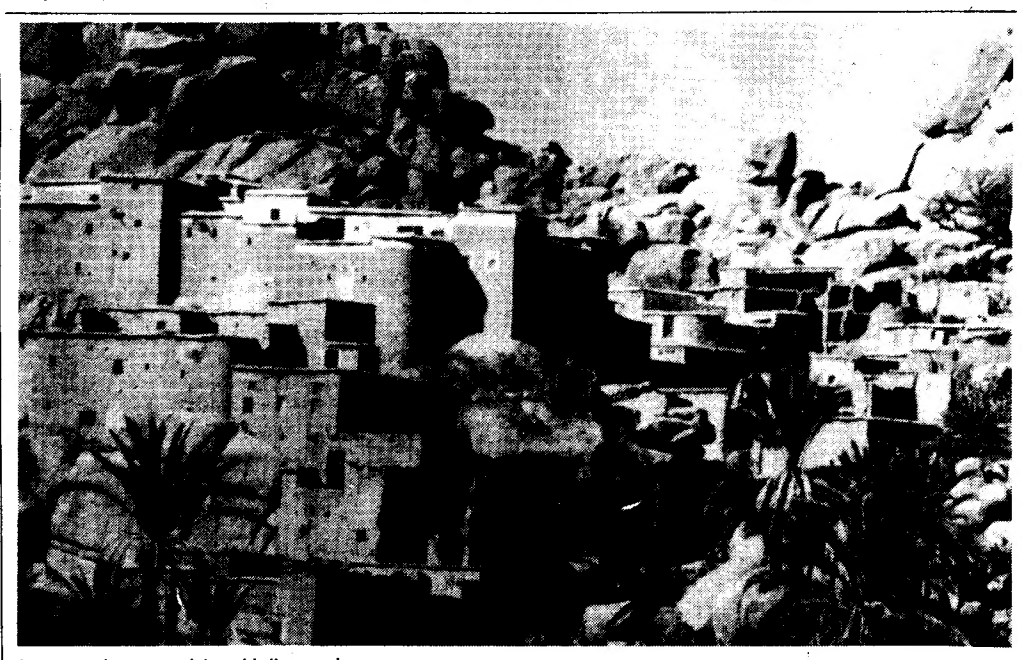
Mas, é em Lisboa que o pesquisador tem maiores opções para o seu trabalho. Além da Torre do Tombo, Biblioteca Nacional, Biblioteca do Palácio da Ajuda, há ainda os arquivos dos Feitos Fins, Histórico Ultramarino, dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e das Finanças. Em Setúbal há arquivo distrital e em Évora este está anexo à Universidade e Biblioteca Pública. Em Beja, apesar do decreto-lei que o criou não está em funcionamento, embora todo o material (livros dos arquivos paroquial, notarial, episcopal e histórico municipal) esteja em prédio próprio. Desta forma a consulta só pode ser feita com a autorização do Registo Civil. E, em Faro o arquivo existente é considerado razoável por Sousa Lara.

Mediante tudo isto aqueles que têm interesse em saber quem foram os seus antepassados, conhecer a origem dos seus apelidos e se a família possui algum brasão poderá retornar ao passado em uma grande viagem que provavelmente trará muitas surpresas e revelações. ■

Muriel, uma francesa, esteve para ser sua quinta mulher. Ela veio mesmo viver para o Anti-Atlas, com as quatro outras e seus filhos, mas um feiticeiro avisou a tempo Ibrahim:‹cuidado com a estrangeira, porque ela é muito forte› . Parece que ela queria escrever um livro...

Ibrahim, o berbere

Lourdes Féria



Isto não é um cenário e Hollywood

DEVASSADO pelo turismo que o procura porque a vida é barata (para nós, portugueses, já não tanto assim) e **diferente,** Marrocos ainda conserva pedaços capazes de nos encantar. Depois de Marraquexe, com a sua praça de El Fma, centro de fantasia e confusão, onde ao fim da tarde saltimbancos representam pantominas e cobras saem dos cestos (corpo na vertical), atraídas pelo som da flauta do encantador, e acrobatas ginasticados se exibem na mira de obter um *dihram,* começamos a descobrir um outro mundo. As montanhas, verdes e amarelas, do Rif e as casas, azuis e brancas, do vale de *Xauen,* amparado pelas cordilheiras proibidas da rota do *haxice* ficaram para trás.

Vencido o pesadelo de *Tiznit,* onde o calor aperta e a invasão do plástico nos ofende, vamos a caminho de *Tafraout,* aos ziguezagues por estradas que conduzem ao Anti-Atlas. Então a paisagem vai mudando: da planície arenosa e inóspita para rochedos ocres que lembram esculturas. Palmeiras e amendoeiras constituem a única animação vegetal ali existente. Uma cabeça de leão, nitidamente recortada, anuncia a proximidade de *Tafraout,* pequena povoação anichada entre as enormes elevações que se nos afiguram estar num precário equilíbrio. As habitações são cor-de-rosa velho, confundindo-se com os matizes da paisagem, e são poucas e dispersas como que semadas nas montanhas. Sabíamos que, no prolongamento daquele espaço incrível, se estendia o vale dos *Ahmels,* habitado por cerca de uma vintena de tribos berberes.

Dos berberes conhecíamos apenas o que os prospectos turísticos relatavam, as jóias (verdadeiras e falsas) expostas nos bazares das medinas do Norte e os trajes das mulheres em que o preto reina. Um desejo, porém, tomava-nos: penetrar na índole berbere, observar os seus costumes, apreender a sua cultura. Por sorte, numa tenda armada no centro de *Tafraout* que provavelmente pertenceu ao chefe de uma tribo nómada, encontrámos *El Najar Ibrahim,* um comerciante descendente dos *Ahmels.*

Perigo

A seu convite visitámos a casa, no vale dos *Ahmels,* onde vive com as quatro mulheres e os filhos. Para além do negócio, um bazar trivial semelhante a muitos outros que se espalham por Marrocos, dedica-se à agricultura — à escassa produção agrícola que aquela terra dá. Com as raras probabilidades de chuva nada mais ali se consegue manter vivo a não ser as amendoeiras de que se extrai óleo, pasta para barrar o pão, doçaria. *Ibrahim,* com os irmãos, plantou quatro mil árvores, tendo gasto nesse investimento à volta de dez mil francos. Mas a terra é tão seca, tão áspera que parece idiota terem-se nela fixado tribos. A verdade é que naquele vale habitam famílias prósperas de comerciantes berberes que estiveram radicados na Europa, com os seus bazares, mas que regressam sempre ao sítio onde nasceram. Chamam-lhes os *«judeus de Marrocos»,* pelo sucesso que têm no negócio.

El Najar Ibrahim, nasceu em 1940, e pode-se dizer que já experimentou profissões diversas. Todas elas curiosas, se não invulgares. Aos dezoito anos estava incluído numa troupe de saltimbancos e com ela percorreu Marrocos, de ponta a ponta. Era acrobata, função de que o seu corpo ágil, magro e flexível, regista sinais. Dotado de uma energia física que, normalmente, não se encontra nos marroquinos, cuja tendência é para a moleza e a indolência. No entanto quando se senta, á maneira árabe, de pernas cruzadas sobre o divã, fica lasso, descontraído.

Ibrahim é um contador de histórias magnífico. Um actor espantoso. Ouvi-lo provoca prazer, sei lá, talvez a sensação que a narradora das *«Mil e uma Noites»* produzia em quem a escutava. Está a falar e, subitamente, cala-se. Depois recomeça no ponto em que parara, cumprindo, assim, os requisitos da criação de *«suspense»*. A conversa que connosco (quatro portugueses e um espanhol) travou abrangeu diversos temas mas a questão das mulheres foi a que mais tempo nos ocupou. Para nós, ocidentais, causa-nos uma certa impressão o facto de aos árabes ser permitido possuir várias mulheres, segundo o que determina o Corão. Uma tradição que, todavia, se vai perdendo nas gerações mais novas. Costume que, por outro lado, declina abalado pelas dificuldades económicas. Não foram as mulheres que se revoltaram contra ele porque, isso, por enquanto é impensável no mundo árabe.

Com os seus olhos perspicazes, *Ibrahim* conta-nos que ainda, recentemente, estivera para casar com uma francesa. Que ela até fizera uma experiência de alguns meses, com vista ao matrimónio, integrada na sua família, com as outras mulheres e filhos. *«Muriel era uma mulher perigosa que minou todo o terreno...»* Diz *Ibrahim,* com aquela sabedoria de não dizer tudo logo, característica dos árabes.

Instado, adianta que desconfiava, terrivelmente, dela. O que pretendia uma mulher europeia (emancipada, culta, inteligente) ao casar com um berbere, perdido nas montanhas do Anti-Atlas? Ela fez *tudo* para não destoar do ambiente e para se dissolver nele. Vestiu o *melhor,* traje que usam as mulheres berberes, moeu a amêndoa na prensa de pedra, mostrou-se dócil e submissa. *«E era espantosamente astuta»*, acrescenta *Ibrahim.*

Toda a aparência de mansidão que havia em Muriel iludiu, de início, *Ibrahim* que não sabia como resistir ao seu fascínio. Esse fascínio persuasivo que exercia, também, sobre as ouras mulheres da casa. Suponho que isto o tenha alarmado. Pudera; o seu poder de patriarca, de senhor incontestado , estava sob ameaça. *«Ela conseguiu insinuar-se, de tal forma, que as mulheres já manifestavam uma certa rebeldia e numa operação de intriga logrou, mesmo, indispor a família de uma delas contra mim.»* Julgava *Ibrahim,* crente na feitiçaria e nos poderes ocultos, que Muriel era portadora de uma força especial e que o amuleto, que trazia e de que nunca se despojava, a protegia dos contrapoderes.

Ao consultar um feiticeiro confirmou as suas suspeitas. *«Cuidado, com a mulher estrangeira porque ela é muito forte.»* Eis o aviso. Apesar de tudo, estava na disposição de casar com Muriel. Outros indícios, porém, de que ela se aproximara dele, com má fé, o levaram a recuar. *«Interessava-se imenso pela poesia berbere e os nossos costumes... penso que a sua intenção era escrever um livro. O que mais me aborreceu foi ter-se utilizado de mim e, claro, a sedução que exercia sobre as outras mulheres.»* A partir de determinada altura, *Ibrahim* decide declarar guerra à estrangeira, *«cortando-lhe os caminhos»,* com vista à sua permanência em Marrocos. Junto das autoridades, em *Tiznit,* desenvolveu esforços para que o seu visto não fosse prolongado e, nem sequer, a ideia de ministrar ensino de francês, em Agadir, se pudesse concretizar.

Tranquilo

Decorre-lhe, agora, a vida mais tranquila. As suas mulheres voltaram a cirandar, docemente, à sua volta servindo-lhe o chá como *geishas.* Voltaram a regar as amendoeiras com a mesma boa vontade, enquanto ele vai para o bazar, em Tafraout, atender os raros turistas que por lá aparecem. *Ibrahim* pode dormir descansado: continua a ser dono da terra, das cabras e das mulheres. É confortante constatar a sua fidelidade. Nem precisa de as fiscalizar — o seu universo doméstico não regista perturbações.

É, assim, Ibrahim. Um homem que percorreu Marrocos, a pé, e que fez inúmeras expedições, ao Sahará, de camelo. *«Ia, na qualidade de guia, de Tafraout a Tumbucotu, no Senagal. Demorava quarenta dias.»* Também foi guia do Clube Mediterrâneo, desta vez em condições mais confortáveis. Fazia Marrocos, Argélia e Tunísia, em autocarro de ar condicionado, guiava turistas com dinheiro. Num desses *«tours»* relacionou-se com a mulher do poeta Paul Eluard, com quem ainda hoje mantém excelentes relações de amizade. *«Ainda o ano passado ela esteve em minha casa a pedir-me ajuda para o livro sobre bruxaria que pretende escrever.»*

Ibrahim é de certo modo, um poeta. Sentado na esteira (lá fora, na horta), tem o vale à sua frente e as montanhas a isolá-lo do mundo que largou e ao qual se recusa voltar. *«Nunca mais serei guia. Estou farto de fazer teatro para grupos de turistas.»* Com a religião tem uma relação comedida. Acredita *«mas não reza».* Tudo está *dentro,* as manifestações exteriores considera-as desnecessárias. E tudo se expressa por símbolos como a poesia berbere. Ele atingiu um estado de quietude naquele vale silencioso onde as tâmaras e as amêndoas são calcadas pelos nossos pés. Onde se refina a ociosidade nos braços de uma preguiça benfazeja.

Aferrado às mais remotas tradições vive. Ali, no vale dos *Ahmels,* na sua tribo que reúne trinta mil berberes. *«O mais importante, para mim é não me separar da família e dos parentes.»* Este Marrocos, que descrevo, ainda conserva quase intacta a sua cultura. Despedimo-nos de *Ibrahim* que nos diz *adeus* recortado no vale junto ao extremo da sua propriedade, vestido com uma longa túnica branca...

Despedimo-nos de *Tafraout,* psicologicamente preparados para descer as montanhas. No autocarro, velho e ronceiro, a rádio transmitia uma canção do grupo *Irchache* que criticava Bob Marley — informaram-nos. Não sei porquê. ■

Flores de estufa

«Em 1967, os estudantes acusaram o governo da responsabilidade dos mortos provocados pelas cheias. Em 1983, alguns desses estudantes estavam, ou tinham estado, no Governo. E que disseram eles?

Diana Andringa
«Diário de Notícias», 29.11.83

«Julgo (e sou adepto) que a actual coligação pode (e deve) governar o País por vinte anos (cinco legislaturas). Depois, a sociedade terá mudado e quererá outra maioria».

Silva Marques
«Diário de Notícias», 29.11.83

«Fui recebido pelo governo socialista de Portugal com mais consideração e compreensão pelos problemas da África Meridional do que por muitos governos europeus que se dizem conservadores».

Roelof Botha
(ministro sul-africano)

«O Jornal», 1.12.83

«Portugal deve seguir o exemplo de Singapura, de Taiwan e da Coreia do Sul e até de Macau.»

Nuno Rocha
«O Tempo», 1.12.83

«Mário Soares é um candidato impossível às responsabilidades de Belém.»

Armando Cerejo Pires
«O Dia», 29.11.83

«Continuo a defender que a candidatura do dr. Mário Soares à Presidência da República é a solução que mais interessa à esquerda democrática.»

António Vitorino
«O Tempo», 1.12.83

«Pensamos como o prof. Veiga Simão e entendemos Portugal como a Suíça».

Nuno Rocha
«O Tempo», 1.12.83

«Considero que existe numa grande parte dos nossos principais responsáveis políticos uma enorme carência de sensibilidade para o tratamento de matérias de índole militar».

Garcia dos Santos
«Diário de Lisboa», 29.11.83

«O mundo animal desdobra-se em tácticas reprodutivas, em prodígios de engenho copulatório. Reconheçamos que nós, humanos, somos de todos os menos inventivos...»

Clara Pinto Correia
«O Jornal», 1.12.83

«O importante é sermos uma pátria».

José Augusto Seabra
«O Dia», 28.11.83 ■

Sete Ponto Sete

doces crónicas

«Andropov regressa no dia 10»

O dirigente soviético Yuri Andropov vai regressar às suas tarefas normais no governo no próximo dia 10, revelou o informador oficial alemão Peter Boenisch.

Boenisch disse que o governo de Bona tem informações seguras de que Andropov melhorou da sua doença e vai retomar em pleno as suas funções dentro de dias.

O informador alemão esclareceu ter obtido confirmação oficial desta notícia de fonte soviética.

Andropov não aparecia em público há meses.

Barreiras de Betão na Casa Branca

Barreiras de betão foram ontem instaladas em duas entradas da Casa Branca, em Washington, no seguimento das medidas destinadas a reforçar a segurança contra possíveis atentados terroristas.

As barreiras, de um metro de altura e cinco de largura, destinam-se «a impedir que uma viatura derrube uma das entradas», afirmou um porta-voz dos serviços de segurança presidenciais, que acrescentou ser possível a passagem de veículos desde que a pequena velocidade.

Entretanto, dos vários camiões carregados de areia estacionados há dias nas proximidades da Casa Branca para prevenir eventuais atentados bombistas, apenas dois permanecem ainda, face ao aparecimento das barreiras de cimento.

Frota soviética visitada no Maputo

Uma frota composta por quatro navios de guerra soviéticos está em águas moçambicanas em «visita de trabalho» oficialmente iniciada na passada sexta-feira.

A frota é composta por um navio anti-submarino, um porta-aviões, um navio de desembarque e um navio tanque comandada pelo vice-almirante Rostilav Leonidovitch.

O anti-sumarino «Nicolaiev-700» atracou na manhã de sexta-feira no porto de Maputo juntando-se ao navio tanque «Pamiat Lenina» que se encontra no porto de Maputo desde quinta-feira última.

Durante os oito dias que vão permanecer em Maputo, os vasos soviéticos poderão ser visitados por trabalhadores, estudantes e população em geral. ■

Clip

● Se fosse de um livro que esta semana o Clip deveria falar, não falaria de um, mas de três: «A Natureza da URSS», de Edgar Morin, que a Europa-América acaba de publicar, é um texto especialmente marcado pela investigação de Castoriadis e de Claude Lefort, indispensável para todos os que, devido aos tempos que correm, se vêm discretamente a interessar por polemologia; «Isabel, Isabel, Isabel», de Noémia Seixas, é a terceira ficção da autora de «Um Dia no Café» e «Noite Ambígua». Clip não perderá linhas a apresentá-lo, porque Lourdes Féria o fez já, na semana passada, no «DL»; finalmente, «O Amigo Americano» («Ripley's Game»), de Patrícia Higsmith, saído na Alibi das Edições 70 — de que Luís Andrade de Sá fala nesta edição do Sete Ponto Sete — não tem apenas a particularidade de ser o texto que está por detrás do Wim Wenders homónimo: é mais um policial fora de série da série «Ripley».

● Se fosse de um filme que iríamos falar, chamaríamos a atenção para a segunda série que saiu do Império e se encontra (ainda) no Quinteto: «Operação Thor», consumido como uma «fita de acção», é sobretudo um documento sobre novas armas antimotins da Polícia americana — armas que, conforme se diz no início do filme, estão actualmente já entregues às autoridades policiais nos EUA. Ele poderia abrir um virtual ciclo de cinema sobre «Comunicação e Repressão», uma vez que o helicóptero testado é um concentrado de gadgets telemáticos e de espionagem electrónica: ele ouve e vê «terrivelmente bem», além de estar ligado a um conjunto de promissores bancos de dados. E pensar que ainda há poucos meses os «Verdes» da RFA conseguiram ganhar uma batalha contra o bilhete de identidade electrónico...

● Destaque especial para o **Ciclo Jacques Demy** que esta noite se inicia na Cinemateca, com o seu último filme, «Une Chambre en Ville». O homem que, em 1963, dividiu os cinéfilos portugueses com os seus Chapéus-de-Chuva de Cherburgo», porque prenunciava a «nouvelle vague» francesa, vem a Lisboa e está esta noite na Cinemateca para apresentar «Une Chambre en Ville» e trocar impressões com o público, no final da projecção. ■